



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Educação Física e Desportos

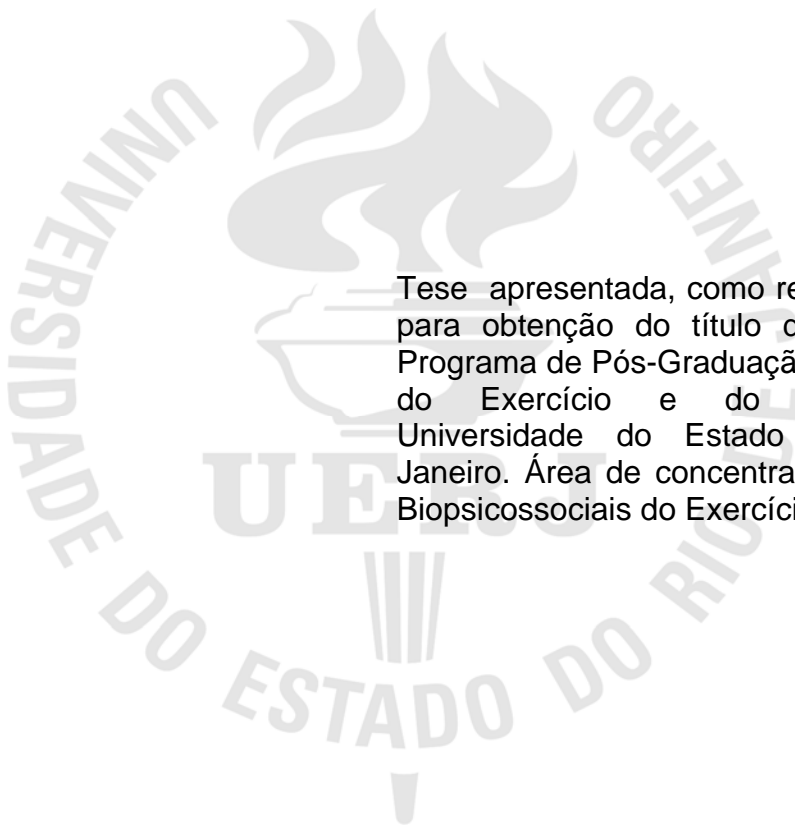
Samuel Gonçalves Pinto

**O imaginário sobre lazer de idosos integrantes do projeto "Nossas
Andanças"**

Rio de Janeiro
2015

Samuel Gonçalves Pinto

O imaginário sobre lazer de idosos integrantes do projeto "Nossas Andanças"



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Orientadora: Prof^a. Dra. Nilda Teves Ferreira

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/B

P659 Pinto, Samuel Gonçalves.
O imaginário sobre lazer de idosos integrantes do projeto
"Nossas andanças"/ Samuel Gonçalves Pinto. – 2015.
120 f.

Orientadora: Nilda Teves Ferreira
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Idosos - Recreação – Teses. 2. Envelhecimento – Aspectos
sociais – Teses. 3. Imaginário – Teses. 4. Lazer - Teses. 5. Turismo -
Teses. I. Ferreira, Nilda Teves. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU 379.8-053.9

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Samuel Gonçalves Pinto

O imaginário sobre lazer de idosos integrantes do projeto "Nossas Andanças"

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico.

Aprovada em 10 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Nilda Teves Ferreira (Orientadora)

Universidade Gama Filho

Prof^a. Dra. Monique Ribeiro de Assis

Universidade Gama Filho

Prof^a. Dra. Vera Lúcia de Menezes Costa

Universidade Gama Filho

Prof^a. Dra. Eveline Torres Pereira

Universidade Federal de Viçosa

Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges

Universidade Gama Filho

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe, Almenara...

A convivência nesses anos sem sombra de dúvidas deu sentido à minha trajetória. Cada momento com toda sua intensidade, cada sensação vivenciada veio acompanhada de processos de luta, de superação... sua presença comigo... seu olhar... seu toque... me mostrou que as barreiras podem ser transpostas... os obstáculos ressignificados e que não há sentido na igualdade, sem a diferença. Essa caminhada tem de continuar, sentidos outros devem ser atribuídos a dor, a saudade, às lembranças. O agradecimento... a presença... a convivência... sobrepõe as barreiras físicas...

AGRADECIMENTOS

Esse caminho percorrido até aqui traz consigo marcas diversas... essas marcas foram a todo tempo reformulando ideais, valores, percepções... várias pessoas foram contribuindo para esses deslocamentos de sentido... sem elas estar aqui, dessa forma, não seria possível, ou mesmo que possível não seria da maneira que é, com os sentimentos que se apresentam, assim agradeço imensamente aos que de alguma forma se apresentaram nessa jornada.

À Professora e Orientadora Nilda Teves Ferreira, pela acolhida... pelo olhar atencioso, pelo carinho, pelas intervenções sinceras e pontuais, pelo afago, respeito e por interferir diretamente nas minhas leituras sobre a realidade, sobre o saber, sobre o conhecimento, por permitir o compartilhar de momentos singulares de aprendizado, a partir de suas palavras e gestualidades, enfim, por exercer influência permanente na minha forma de percepção do meio que me insere.

À Professora Eveline Torres Pereira, por fazer parte do início ao fim dessa empreitada, da elaboração do projeto para seleção do programa, até a defesa, tanto no mestrado, como no doutorado, por permitir e mediar minha proximidade com a temática de meu trabalho. Agradeço pela disponibilidade, pelas intervenções pontuais e principalmente pelas palavras utilizadas nos momentos certos, olhares de conforto e a base para caminhar... para seguir.

Aos Professores Roseny Maria Maffia, Adalberto Rigueira Viana e Silvia Maria Saraiva Valente Chiapeta, por sempre estarem por perto e serem referências importantes na minha formação profissional e pessoal.

A meus irmãos Sávio, Simone, Henrique e meu pai pelos momentos de presença e ensinamentos, condicionantes do meu modo de me portar diante do meu cotidiano..

À Faculdade Sudamérica, em especial ao amigo Gilson Júnior, pelo auxílio nos momentos difíceis, pela amizade e por acreditar na minha capacidade profissional.

À Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova, em especial ao Professor Wagner Ribeiro, pelo reconhecimento.

Aos amigos/colegas/cúmplices de trabalho, Eliana, Fabrício, Andrês, Carmem, Daniela, Márcia, Telma, Marília Régis, pela presença e por compartilhar de momentos diversos... pelo olhar, pelas palavras, por dar sempre outros sentidos ao cansaço... ao desânimo e à tristeza.

À amiga, que com certeza me conhece de forma única, Dalva Sonhosa Soares, por permitir idealizações de sonhos, ressignificações de valores, crenças e ideais, por me apresentar sentimentos diversos e por me mostrar o sentido da quietude.

Aos presentes que a vida mostrou... recentes, aos de muito tempo..., pelo carinho, cumplicidade e companheirismo (em ordem alfabética...), Ana Cristina, Andréa Yamamoto, Cinara Carvalho, Deisiane (Clô), Deyliane Pereira, Diego Soares, Fábio Martins, Lucilene Alencar, Marie Tavares, Kátia Bortone, Marcela Ramos, Mariana Dornelas, Mauro Gouveia, Rosa Teixeira, Maria Augusta, Valdilene Nogueira e Vanessa Sabbioni.

RESUMO

PINTO, Samuel Gonçalves. *O imaginário sobre lazer de idosos integrantes do projeto "Nossas Andanças"*. 2012. 120f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Este estudo tem como objetivo desse trabalho explicitar o imaginário sobre Lazer no discurso dos idosos pertencentes ao Projeto Nossas Andanças, percebendo assim suas práticas de lazer, relacionando assim, lazer, turismo e envelhecimento. A pesquisa, de natureza qualitativa, teve a amostra composta por seis idosos participantes do Projeto Nossas Andanças, no município de Ponte Nova-MG. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e analisadas sob a luz do referencial teórico-metodológico da análise do discurso na perspectiva de Eni Pulcinelli Orlandi. No discurso dos idosos tem-se presente as relações das estruturas sociais, suas redes e seus símbolos. Nestas relações partilham-se valores e objetivos comuns. Há relacionamentos horizontais e hierárquicos entre os participantes desta rede, seja nas redes de relacionamento, nas redes profissionais, nas redes comunitárias. As políticas públicas voltadas para o setor devem contemplar desejos, anseios e expectativas pelo olhar do mesmo, pensar a temporalidade nesse cotidiano se faz necessário, pois a organização de tempo dos idosos pertencentes à amostra do estudo, é extremamente ativa e integrada com as diferentes esferas que o mesmo se insere. Os idosos pertencentes ao Projeto Nossas Andanças entendem a atividade turística como possibilidade de (re) viver, de ressignificar vivências estabelecidas. O imaginário sobre lazer estabelece ligação direta com a questão da obrigação e com o universo do prazer. As atividades do programa acabam virando rotina na vida dos idosos, não deixando assim, dentro de um discurso respaldado pela questão da qualidade de vida, de ser uma atividade obrigatória.

Palavras-chave: Imaginário social. Lazer. Envelhecimento.

ABSTRACT

PINTO, Samuel Gonçalves. *The imaginary on the leisure of elderly members of the Project "Our andanças"*. 2012. 120f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This study aims to clarify that work on the imaginary recreation at the speech of the elderly belonging to the Project Our Wanderings, thus realizing their leisure activities, relating well, leisure, tourism and aging. The research, qualitative, nature had a sample of six elderly women participating in the project Our Wanderings in the town of Ponte Nova-MG. Semi-structured interviews were conducted and analyzed in the light of the theoretical framework of discourse analysis from the perspective of Pulcinelli Eni Orlandi. In the speech of the elderly has been present relations of social structures, their networks and their symbols. These relationships to share common values and goals. There are horizontal and hierarchical relationships between the participants in the network, either in social networking in the professional networks, in Community networks. The public policies for the sector should include wishes, desires and expectations by the look of it, thinking temporality that everyday is necessary because the organization hours for elderly belonging to the study sample, is extremely active and integrated with the different spheres that it is part. The elderly belonging to the Project Our Andanças understand tourism as a possibility to (re) live, to reframe established experiences. The imagery of leisure establishes a direct connection with the question of the obligation and the universe of pleasure. Program activities end up becoming routine in the lives of older people, thus leaving within a discourse supported by the issue of quality of life, to be a mandatory activity.

Keywords: Social imaginary. Recreation. Aging.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
1.1	Imaginário Social	19
1.2	O Corpo em Cena: olhares sobre o devaneio, em Bachelard	27
1.3	Envelhecimento	32
1.3.1	<u>Envelhecimento: conceitos e perspectivas</u>	32
1.3.2	<u>Sentidos do Envelhecer: aproximações entre qualidade de vida, saúde e envelhecimento</u>	38
1.3.3	Envelhecimento em Movimento: sentidos das práticas grupais.....	42
1.4	De que lazer falamos?	45
1.4.1	<u>O Lazer: diferentes perspectivas ao longo da história</u>	46
1.4.2	<u>Lazer: aspectos conceituais</u>	52
1.4.3	<u>Lazer: discussões sobre Tempo e Atitude</u>	61
1.4.4	<u>Lazer em Russel</u>	72
1.4.5	<u>Lazer, Turismo e Envelhecimento</u>	77
2	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	84
3	ANÁLISE DE DADOS	90
	CONCLUSÃO	108
	REFERÊNCIAS	111

INTRODUÇÃO

Estudos que tematizam a questão do envelhecimento ganham destaque e investimentos no âmbito acadêmico, tendo em vista que o processo de envelhecimento pela sua natureza multidisciplinar é extremamente complexo e o estudo desse fenômeno tem gerado um grande número de teorias e uma vasta literatura. Os significados e os sistemas de explicação com relação ao fenômeno do envelhecimento não se reduzem às evidências orgânicas e psicológicas, estando também intimamente relacionadas às características sócio-histórico-culturais, não apenas expressando a dinamicidade desses processos, mas condicionando também as próprias práticas de saúde e educação.

Atualmente podemos observar uma ampliação das discussões em torno do processo de envelhecimento para além das questões relacionadas à saúde, essa maior discussão observada tanto no âmbito científico, quanto na mídia em geral, tornou-se realidade em decorrência da necessidade em se assistir uma população que vêm crescendo ao longo das décadas, carregando consigo não apenas os problemas relacionados à saúde, mas problemas de cunho social, político e econômico (IBGE, 2010; MOREIRA, 2001).

Dentro do processo de envelhecimento, é importante conhecer as condições de vida, de saúde, econômicas e de suporte social dos indivíduos, para que se possa entender às demandas sociais, sanitárias, econômicas e afetivas, ou seja os cuidados necessário dessa parcela da população,. Significa dizer que é fundamental a percepção do contexto social onde os sujeitos se inserem. Embora a dificuldade de se ter uma definição universalmente aceita de quem é idoso, o critério etário é bem utilizado para fins de conceituação. Envelhecimento é sempre percebido e entendido de várias maneiras diferentes, levando sempre em conta as variações culturais.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, são 17,6 milhões de brasileiros (9,7% da população) com faixa etária acima de 60 anos, correspondendo atualmente, a 2% dos idosos do mundo. Dentre os principais fatores que influenciam o aumento da população idosa estão os índices de fecundidade, que daqui a 25 anos será de apenas 1,59 filho por mulher no País e a esperança de vida ao nascer terá aumentado dos atuais 72,08 anos para 78,33 (a

expectativa média de vida nos países mais ricos será de 76 anos, nas nações em desenvolvimento, 65 anos e nos países mais pobres, 53 anos). (IBGE, 2010)

Em censo realizado no ano 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) concluiu que as pessoas viverão o maior período de suas vidas na chamada terceira idade, e não mais como crianças, jovens ou adultas. A ONU (Organização das Nações Unidas) prevê para o ano de 2050 um percentual maior de idosos na população mundial do que de crianças abaixo de 14 anos. O Brasil se encontra atualmente entre os dez países com maior volume de população idosa do mundo e, conforme as projeções estatísticas da Organização Mundial da Saúde (OMS), entre 1950 e 2025 sua população de idosos irá crescer aproximadamente dezesseis vezes³. Ainda segundo dados da OMS, no ano de 2050 estaremos com mais de 1 bilhão e 500 mil idosos.

A partir de 1988, com a promulgação da Constituição Brasileira, a questão do idoso, passa a ser vista com um novo olhar, culminando, na Lei nº 8.842 de 1994, que trata da Política Nacional do Idoso (mais tarde regulamentada pelo Decreto nº 1.948/96). Em 2003, é promulgado o Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. No artigo 3 desta Lei as obrigações do Estado, familiares e sociais perante o idoso são reafirmadas, assim, constata-se que esses devem “assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1988).

O processo de envelhecimento ao apresentar mudanças e transições, influencia e é influenciado na relação das pessoas com o meio, como fase de transição na vida, traz situações até então não vivenciadas, podendo ocorrer alterações psicológicas, pois as vivências se modificam, estando os indivíduos sujeitos a assumir novos papéis, bem como o surgimento de barreiras a serem transpostas. Assim temos maneiras diferenciadas de se relacionar com a dinâmica do tempo, a organização do cotidiano passa a ser regulada de maneiras até então não vivenciadas, ou vivenciadas sob outras lógicas, o cotidiano do trabalho, da família, do lazer, podem assumir novas perspectivas.

Pesando a questão na aproximação entre envelhecimento e lazer, apresentamos aqui nosso cenário de estudo, o Programa “Idade Melhor”, do município de Ponte Nova-MG, promovido pela Secretaria de Assistência Social e

pela Secretaria de Saúde do referido município, desde agosto de 2010. O mesmo consiste em ações/projetos que tratem da temática: Envelhecimento, Saúde e Qualidade de Vida. As intervenções se dão no plano da garantia de determinados direitos sociais como: educação, transporte, alimentação, vestuário, moradia, trabalho e lazer. Ações essas que se subdividem em oficinas, encontros, cursos, palestras, em formas de ações sistemáticas e assistemáticas.

A questão do Lazer e da Atividade Física para esse grupo pode ser observada em três momentos: 1) Projeto em Ativa: caminhada orientada e alongamento músculo-articular, com encontros três vezes por semana; 2) Projeto Nossas Andanças: viagens-visitas a outras realidades/espacos, com periodicidade mensal; 3) Projeto RecorDança: expressões corpo-espaco-movimento, encontros uma vez por semana.

Nos momentos de lazer, os grupos tecem redes de sociabilidade, exercitam seus símbolos e códigos comuns, reorganizam-se e abrem novas possibilidades de intervenção na realidade. Essas redes de sociabilidade são tecidas a partir do potencial de expressividade e dos múltiplos significados do corpo, que, ao longo da história, passa a se comunicar com o mundo por meio das relações estabelecidas em diferentes contextos sociais. Em virtude desses significados e signos, o corpo passa a se expressar e interagir com o mundo que o cerca, expressando-se de maneiras diferenciadas de acordo com os estímulos intrínsecos ou extrínsecos recebidos em seu cotidiano.

As práticas corporais dos sujeitos, ou seja, os movimentos que dão dinâmica aos envolvimentos, seja no trabalho, no lazer ou em outras esferas da vida humana, se mostram cotidianamente influenciadas e permeadas por interesses, lógicas e sentidos, em que o corpo passa a ser veículo e meio de expressão de valores, crenças, ideais, constituídos histórico-culturalmente como uma maneira de se comunicar com os estímulos recebidos, com a realidade em que estamos envolvidos. Esses corpos tecem envolvimentos que se processam em dado tempo, pautado por desejos, anseios, crenças, mitos e com objetivos bem definidos, seja de distração, descanso, desenvolvimento, que levam a sensações de prazer, entrega e renúncia, ou seja, homens e mulheres se interagem, através de suas identidades, em dadas estruturas, permeadas de interesses e fragmentações.

A possibilidade da ação do sujeito de se direcionar a determinados caminhos sofre influência de mecanismos de controle, o desejo, a vontade, fantasias podem

ser regulados por articulações de poder, refletidas por detentores de regras e limites. Desejo esse que dá sentido a nossa busca nas diferentes esferas de atuação. Procura por momentos que configurem nossas expectativas, dêem contorno ao desenho que idealizamos, atribui a partir de nossas ações a continuidade e intensidade das interações. O desejo se inter-relaciona com essa possibilidade de harmonia. Experiências e contatos desse corpo direcionaram construções das imagens representadas no nosso cotidiano, ou seja, o desejo se mostra como um algo mais que completa e dá sentido às vivências sociais, cenas que retratam faces do processo educativo, através de pensamentos e ações.

Assim, pensar em lazer e envelhecimento significa é procurar compreender a forma como essa relação se estabelece no universo do idoso. A atitude frente ao lazer por parte do idoso é permeada por questões como classe social, gênero, etnia, faixa etária, enfim, não é possível pensar em modelos estabelecidos de perceber o idoso em lazer, a construção do imaginário do sentido de lazer para esse grupo pode se apresentar sob várias perspectivas, seja pelo envolvimento pela questão da saúde e qualidade de vida ou mesmo em função do desejo, do prazer em si, dos devaneios, das crenças....

O lazer para a terceira idade, de acordo com Dumazedier (1994), é de suma importância, pois, pode proporcionar desenvolvimento, descanso e divertimento. O descanso é a liberação da fadiga, do estresse, e também um reparador das deteriorações físicas e psíquicas devido às tensões provocadas pelas obrigações, resultante do trabalho cotidiano. A função de divertimento, recreação e entretenimento tem uma forte ligação com a fadiga e o tédio. É um meio de fugir “do real”, para um “mundo diferente”, com objetivo da busca pelo divertimento, através de atividades “reais” como: esportes, jogos, viagens; ou de caráter fictício: cinema, livros e teatro, entre outros, que proporcionam equilíbrio, sendo meio de suportar as disciplinas e obrigações da vida social.

Para o mesmo autor o lazer pode se apresentar como função de desenvolvimento da personalidade de forma livre, assistemática, oferecendo oportunidades de integrar-se à vida em agrupamentos recreativos, culturais e sociais, e também favorecer novas formas de aprendizagem, que ajudam o indivíduo a ter comportamentos livres, com maior participação social, praticando uma cultura desinteressada do corpo, além de entreter-se através de meios de informação, como: rádio, filme, imprensa e televisão.

O lazer direcionado às pessoas idosas emerge com aquilo que Debert (1999) chama de reprivatização do envelhecimento, no qual os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente pela sua saúde, pela sua aparência, pelo seu isolamento, o lazer aparece, neste contexto, na ilusão de ser acessível a todos, dando a entender que todos podem usufruir de atividades de lazer.

Os idosos aparecem, neste contexto, como se a aposentadoria lhes trouxesse a liberdade para adentrarem no mundo do lazer. Existe uma grande identificação entre aposentadoria e tempo de lazer, e, se os idosos não procuram uma vida de lazer, é porque não se interessam. Entretanto, este ideal de vida de lazer além de vir acompanhado de uma visão funcionalista, procurando encobrir os problemas sociais e econômicos que atingem estas pessoas; é acessível apenas a uma minoria. E os bens e serviços de lazer não são acessíveis a todos os idosos, existem barreiras interclasses e intraclasse sociais, formando um todo inibidor que dificulta o acesso ao lazer, não só quantitativamente, mas, sobretudo, qualitativamente (Marcellino, 1996)

A questão do lazer se apresenta ligada de forma direta ao conceitos qualidade de vida e saúde. Tendo em vista a variabilidade do conceito de qualidade de vida e sua subjetividade, com o propósito de se orientar as políticas para um envelhecimento bem sucedido, parece imprescindível conhecer o que, para a maioria dos idosos, está relacionado ao bem estar, à felicidade, à realização pessoal, enfim, à qualidade de vida nessa faixa etária. A saúde designa um processo de adaptação. Não é o resultado de instinto, mas uma reação autônoma, embora culturalmente moldada, diante da realidade socialmente criada. Ela designa a habilidade de adaptar-se aos ambientes mutáveis, ao crescimento e ao envelhecimento, à cura quando enfermo, ao sofrimento e à expectativa pacífica da morte. A saúde abrange o futuro também e, portanto, inclui a angústia assim como os recursos internos para conviver com ela (NOGUEIRA, 2003).

A Organização Mundial da Saúde considera a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade; tal concepção mostra-se estática e impossível de ser alcançada, uma vez que não compreende o fenômeno saúde a partir de um processo dinâmico, onde a doença seria uma nova dimensão da vida e, portanto, não poderiam estar dissociadas uma da outra. De todo modo, há ainda a necessidade de se considerar

que completo bem-estar expressa a total ausência de problemas, idéia utópica para a condição humana (OMS, 1983)

Objetivamos nesse estudo relacionar Lazer, Saúde e Envelhecimento, Para tanto optamos por estudar o Projeto Nossas Andanças- Programa Melhor Idade- Ponte Nova/MG, que consiste na visitação de espaços diversos, por parte do grupo envolvido, acompanhado da equipe pedagógica, no período de abril de 2010 a abril de 2011. As ações do Projeto se apresentam como atividades turísticas, contextualizadas por etapas, como: diagnóstico junto ao grupo no que se refere à tematização turística, planejamento estrutural, oficinas e intervenções, dentre outras.

O turismo é um fenômeno humano e uma possibilidade de lazer, caracterizado pelo (re)conhecimento de um lugar extra-ordinário, no qual são estabelecidas as mais variadas relações (sociais, econômicas, históricas, políticas, ambientais, culturais, afetivas etc.) em determinado tempo/espaço. Esta compreensão coloca em evidência a necessidade de construir outros referenciais para o turismo, e as Ciências Humanas e Sociais podem trazer importantes contribuições.

Muitas vezes o cidadão não tem acesso ao patrimônio natural, histórico-social e cultural que constitui a sua realidade, geralmente explorada de forma desordenada e excludente. Além disso, em decorrência da grande extensão territorial das metrópoles é pouco provável que seus habitantes tenham total conhecimento da cidade residida (LACERDA, 2007). Ao se deparar com o novo, visitando e conhecendo espaços, culturas e situações extraordinários, o indivíduo pode vivenciar o turismo como uma experiência de lazer na sua própria cidade, que se torna um lugar com o qual podem ser estabelecidos novos vínculos, significados e relações simbólicas. Assim, deslocamento, pernoite e viagem não podem ser as únicas referências para o turismo, cuja vivência pode ser, constantemente, reinventada.

O interesse turístico sempre se fez importante no contexto social, e se faz atualmente cada vez mais essencial na vida dos indivíduos, uma vez que pela forma que a sociedade está estruturada, as pessoas se vêem obrigadas a utilizarem o mesmo apenas como uma forma de válvula de escape das pressões cotidianas, descaracterizando o sentido sócio-cultural que o turismo também pode abranger, e que intenciona proporcionar o desenvolvimento integral dos indivíduos.

Souza (2006) apresenta que já existe um consenso entre os estudiosos do Turismo de que esta atividade é um dos fenômenos mais expressivos da Contemporaneidade, pois envolve a cada ano o deslocamento, a circulação e a interação de milhares de pessoas, de culturas diferentes, em diversos lugares do mundo inteiro. De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), estima-se que, em 2020, o número de pessoas interagindo nessa atividade chegará a 1,5 bilhões.

Compartilhando dessa concepção abrangente, Ruschmann (2004, p.12) diz que o Turismo “é o maior dos movimentos migratórios da história da humanidade e caracteriza-se por sua taxa de crescimento constante”. Conforme a autora, o desenvolvimento do Turismo Moderno está relacionado ao progresso econômico da Sociedade, à concentração urbana, ao desenvolvimento dos transportes e aos incentivos de circulação promovidos pelas políticas dos pacotes turísticos.

A aproximação do imaginário turístico de um determinado grupo põe em evidência signos, símbolos, imagens que permitem visualizar os locais além de sua posição inscrita nos mapas, pois, conforme defende Freire (1997, p. 25), a cidade “possui uma realidade espessa de sentidos particulares relacionados às pulsões mais profundas do próprio sujeito”. Se comparada a um hipertexto, possibilita-nos identificar significados existentes e outros que vão aflorando mediante as buscas e os interesses dos indivíduos e grupos.

No que se refere a aproximação entre Envelhecimento e Turismo, a política da EMBRATUR, denominada Melhor Idade, se destaca na atualidade, pois a mesma visa promover ações direcionadas a possibilitar que populações marginalizadas no mercado turístico, no caso, os anciãos, tenham acesso ao turismo doméstico. Assim, o Instituto, tem buscado sensibilizar as empresas/órgãos/instituições a participar, oferecendo programas específicos, a preços reduzidos, na baixa estação (Dencker, 2001).

No Brasil, este segmento turístico está crescendo a cada ano, devido ao aumento desse público potencial e, principalmente, pela maior conscientização da importância da atividade física e do lazer para se ter uma vida melhor. Cada vez mais, a inatividade e o sedentarismo se constituem num pecado para aqueles que desejam viver com mais saúde. Independente da faixa etária, as pessoas são estimuladas ao movimento, ao contato com a natureza e à valorização de hábitos saudáveis

Na prática, qualquer empreendimento turístico voltado para a terceira idade não receberá apenas um tipo de cliente. Entretanto, é fundamental, para o sucesso do estabelecimento, compreender as expectativas do turista que está sendo recebido, pois, quando atingidas, o cliente considera perfeito o local visitado, fazendo uma boa propaganda do empreendimento. Portanto, o ser humano, em sua totalidade, encontra sempre a si mesmo na música, na dança, na arte, no jogo e naquilo que lhe proporciona alegria. O turismo, nesse diapasão, pode evidenciar as mais diversificadas formas de alegria para os mais diversificados públicos da terceira idade, visto que ele pode ser individualizado conforme o gosto de cada um ou cada grupo (DENNY, 2002).

Apesar das perdas que sofrem devido à idade avançada, os idosos mantêm as mesmas necessidades psicológicas e sociais que possuíam nas outras fases da vida e, por isso, reconhecem e valorizam o lazer. Mesmo com todas as dificuldades com que se deparam no dia-a-dia, eles não abrem mão de vivenciar o lazer, pois este se consiste em um tempo privilegiado para a obtenção de bem-estar em qualquer que seja a idade. Através do lazer, os idosos podem se manter mais saudáveis física, psicológica e socialmente.

O lazer pode ser vivido sob várias formas, ele compreende “a vivência de inúmeras práticas culturais, como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte (...) dentre várias outras possibilidades” (GOMES, 2003). Dentre estas possibilidades, o Turismo é uma das que mais se destaca no cenário atual. Sua prática é uma das atividades que mais crescem no mundo. O turismo se torna uma expressão do lazer quando o objetivo da viagem é o descanso, a diversão, o relaxamento.

O turismo ganha cada vez mais adeptos na terceira idade. Ainda mais em se tratando de Brasil, um país de inúmeros atrativos naturais, culturais e históricos. Os idosos gostam de viajar e fazem disso um hábito. Esta prática lhes proporciona uma vida mais prazerosa e significativa, por isso eles o fazem o ano inteiro e não somente nos períodos de alta temporada.

A atividade turística é vista geralmente pelo seu caráter econômico, esquece-se, porém que ela possui uma importante função sociocultural. O turismo não pode ser visto apenas como uma procura por prazer ou fuga da realidade. Sua prática estimula novos olhares, novas perspectivas, novos valores e compreensão nas relações com o outro. Dentro desta perspectiva, de lazer e turismo enquanto

propiciadores de desenvolvimento humano, o que se percebe atualmente é a importância da criação de políticas públicas em prol da democratização destas atividades.

Souza (2006) atenta para o crescimento em nível mundial da expectativa de vida e ressaltam em relação a este fato que cada vez mais a terceira idade representa um importante segmento no mercado de consumo, inclusive dentro do mercado turístico e que a união do turismo e da terceira idade efetiva uma relação de benefícios recíprocos.

No entanto, Fromer e Vieira (2003) afirmam que a oferta turística para este segmento etário ainda é uma lacuna a espera de ser preenchida pelo mercado, pois é provável que os profissionais da área de turismo ainda associem a terceira idade a uma fase de debilidade física e dependência financeira. Ou seja, ainda não há a conscientização do mercado de que atualmente os indivíduos chegam aos 60 anos de idade em condições bastante distintas daquelas de algumas décadas atrás, no que se refere à qualidade de vida, ingressando nesta fase dotados ainda de vitalidade.

Em relação ao tempo livre as referidas autoras afirmam que a terceira idade surge como uma fase privilegiada para usufruir do turismo e do lazer em todas as suas dimensões. Pois os indivíduos desta faixa etária, em sua maioria, já não possuem mais obrigações laborais e mesmo que ainda tenham que cumprir com algumas atividades de caráter obrigatório, apresentam uma disponibilidade bem maior de tempo livre para a prática de atividades de lazer e de turismo em relação aos demais segmentos etários.

O presente estudo se desenvolve no campo das significações e toda a sua produção circunscreve-se em torno da imagem turística que é conferida pelo grupo, ou seja, as atividades turísticas estabelecidas, vão apresentar no seu entorno uma trama onde os personagens se expõem estabelecendo conexões, dando sentido e dinâmicas próprias ao lazer.

Conforme Carvalho (2002, p. 13), “os símbolos são construções sociais e históricas”, são elementos constituintes da materialidade dos objetos produzidos para atender às exigências e às necessidades do viver humano. E essa capacidade simbólica e projetiva, contudo, acompanha o homem ao longo de sua existência, sempre articulando a linguagem como a mediadora das relações individuais e sociais.

Assim, o objetivo desse trabalho é perceber o imaginário sobre Lazer estabelecido pelos idosos pertencentes ao Projeto Nossas Andanças, percebendo assim suas práticas de lazer, relacionando assim, lazer, turismo e envelhecimento.

Questões a investigar

a) Quais é a construção estabelecida pelos idosos pertencentes ao Projeto “Idade Melhor” no município de Ponte Nova-MG, sobre o Lazer?

b) De que maneira essa construção imaginária dos idosos sobre Lazer se projeta nas vivências estabelecidas no Projeto “Nossas Andanças” no município de Ponte Nova-MG?

Objetivos

- Explicitar os diferentes sentidos da construção estabelecida sobre Lazer pelos idosos pertencentes ao Projeto “Idade Melhor” no município de Ponte Nova-MG

- Identificar o imaginário existente na produção científica sobre lazer em contrapondo do discurso dos idosos pertencentes ao Projeto “Idade Melhor” no município de Ponte Nova-MG

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Imaginário Social

A revisão bibliográfica do tema “Imaginário” torna-se necessário por representar o escopo para compreensão do lazer dos atores sociais, participantes do Projeto Nossas Andanças, devido à multiplicidade de significados que ele possui, para muitas de suas representações. Além de representar o alicerce sobre o qual os imaginários sociais irão se constituir no referido projeto.

Corroborando com FERREIRA (1994), o estudo sobre o imaginário social possibilita um novo olhar sobre os sentidos que o lazer vem assumindo em nossa sociedade, principalmente para os atores sociais pesquisados (idosos); além de possibilitar análise das ideologias presentes no imaginário destes, as correlações existentes entre as estruturas sociais e as representações que esta prática possui na vida social. “*Investigá-lo significa adentrar pelas vias das linguagens, admiti-lo como algo que se institui/instituindo sentido à vida humana*” (FERREIRA, 1994).

A autora afirma que o “*imaginário social reflete práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulação de crenças e de ritualizações*”. A análise destas crenças, presentes no lazer, e o seu entendimento, contribuirá para as reflexões sobre os sentidos e significados que circulam na sociedade, a respeito do lazer. Mas principalmente a compreensão das relações hierárquicas da sociedade, através dos rituais que fazem crer que são naturais. (FERREIRA, 1994)

Assim, para compreensão do “imaginário social”, nesta pesquisa, serão utilizados como referenciais teóricos estudos que discutem o tema, a partir da perspectiva que CASTORIADIS (1982) apresentada em “*A instituição imaginária da sociedade*”. A escolha do autor, como embasamento teórico, deve-se pela riquíssima abordagem em suas obras sobre a constituição da sociedade e a necessidade de autonomia política.

A fim de compreender a instituição imaginária (sociedade), o autor, procura saber o que ela é essencialmente, e o que a constitui fundamentalmente, subsidiado nos estudos de Karl Marx, aos quais critica,

Discutir a respeito da instituição e funcionamento da sociedade instituída, a divisão da sociedade, a universalidade e unidade da história, a própria possibilidade de uma elucidação do social-histórico como a que se tenta aqui, a pertinência e as implicações políticas deste trabalho

Os estudos do marxismo, sua teoria e projeto revolucionário exemplificam grande parte do discurso do autor para compreensão da instituição imaginária (sociedade). Para isto, procura abranger a complexidade da vida social, as relações estabelecidas, as formas culturais, para inferir sobre a instituição imaginada: a sociedade instituinte e a sociedade instituída do imaginário social

CASTORIADIS (1982) afirma que a sociedade seria produto de uma instituição imaginária, a partir deste pressuposto, propõe uma nova visão teórica do social, baseada no social-histórico e o imaginário, as significações e as representações deste. Conceitua imaginário como a

criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, partir das quais somente pode ser questão de 'qualquer coisa'. O que nós chamamos 'realidade' e 'racionalidade' são suas obras.

O imaginário, segundo o autor, seria o despertar de um “*sono dogmático*”, petrificado pela realidade histórico-social e de uma dimensão de criação continuada. E este despertar, gera desconfianças, incertezas, dúvidas das verdades instituídas socialmente. Estas inquietações advêm da descoberta de que “*o real e o ideal, o concreto e o abstrato, a matéria e as relações são conceitos instituídos socialmente e que neles está presente o modo de produção de seus sentidos*” (FERREIRA, 1994).

Segundo CASTORIADIS (1982), quando falamos de imaginário, referimos-nos a uma invenção absoluta, uma história imaginada em todas as suas partes; além de inferir, que o imaginário se separa do real, devido ao deslocamento de sentido dos símbolos, já disponíveis, quando são colocados em lugares de “mentira”. Diante deste dualismo entre real e imaginado, o imaginário gera produtos que são a realidade e a racionalidade.

Para entender esta lógica, identitária ou conjuntivista, da sociedade sobre o social-histórico e o imaginário, as significações, a representação, CASTORIADIS (1982), se debruça sobre as significações imaginárias sociais, os símbolos, e as relações de poder nas instituições. Segundo ele, o imaginário social é criado a partir das significações imaginárias sociais e da instituição; “*da instituição como*

presentificação destas significações e destas significações como instituídas". Pois, o mundo social-histórico está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico, as instituições estão cheias de elementos simbólicos e o simbolismo está cheio de imaginário.

CASTORIADIS (1982) afirma que a construção do imaginário está diretamente atrelada ao processo de alienação da sociedade, sendo as instituições responsáveis pela automatização delas com relação a sociedade. Salienta que a *"alienação surge como uma modalidade da relação com a instituição e, por seu intermédio, da relação com a história"*. Para compreensão das significações imaginárias sociais, ele procura conceituar e inter-relacionar instituição, símbolos, alienação, imaginário.

O autor mostra que há uma indissociabilidade entre o mundo social-histórico e os símbolos, pois as ações, os atos reais, individuais ou coletivos, não existem sem uma rede simbólica. Esta rede simbólica se manifesta na linguagem e em outros símbolos presentes nas instituições. As instituições existem no símbolo, constituindo uma rede de símbolos. Os sistemas simbólicos são responsáveis pela ligação dos símbolos, e a constituição das redes, segundo CASTORIADIS (1982).

Neste processo de ligação dos símbolos, ocorrem as operações simbólicas que expressam conteúdos preexistentes de relações sociais: *"Todo simbolismo se edifica sobre as ruínas dos edifícios simbólicos precedentes, utilizando seus materiais"*. Assim, segundo CASTORIADIS (1982), os simbolismos não são neutros, pois são implicações ou consequências lógico-rationais das considerações precedentes as estes símbolos:

nada permite determinar a priori o lugar por onde passará a fronteira do simbólico, o ponto a partir do qual o simbólico invade o funcional. Não podemos fixar nem o grau geral de simbolização, variável segundo as culturas, nem os fatores que fazem com que a simbolização se exerça com uma intensidade particular sobre tal aspecto da vida da sociedade considerada."

A constituição dos símbolos na sociedade é diretamente dependente do natural e do histórico das instituições, o que permite o surgimento de encadeamento de significantes relações não previstas. Mas o fato principal, deste processo é o papel que o simbolismo tem na determinação dos aspectos da vida da sociedade:

A sociedade constitui seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade total. O simbolismo se crava no natural e se crava no histórico (ao que já

estava lá); participa, enfim, do racional. Tudo isto faz com que surjam encadeamentos de significantes, relações entre significantes e significados, conexões e conseqüências, que não eram nem visadas nem previstas. Nem livremente escolhido, nem imposto à sociedade considerada, nem simples instrumento neutro e médium transparente, nem opacidade impenetrável e adversidade irreduzível, nem senhor da sociedade, nem escravo flexível da funcionalidade, nem meio de participação direta e completa em uma ordem racional, o simbolismo determina aspectos da vida da sociedade (e não somente os que era suposto determinar) estando ao mesmo tempo, cheio de interstícios e de graus de liberdade.

Assim, o Imaginário Social é uma rede de sentidos que são entrelaçados pelas atividades da razão e da imaginação, através de um processo de simbolização. Isto se deve, pois esta rede tem por objetivo fazer a ligação de *“símbolos (significantes) a significados (representações, ordens, injunções ou incitações par a fazer ou não fazer, conseqüências e significações, no sentido amplo do termo) e fazê-los valer como tais, ou seja, a tornar esta ligação mais ou menos forçosa para a sociedade ou o grupo considerado”*.(Castoriadis, 1982, p).

Diante do exposto, podemos observar que CASTORIADIS (1982) entende o imaginário como algo inventado, *“uma historia imaginada em todas as suas partes”*, onde os símbolos existentes são investidos de significações. O imaginário se separa do real devido ao descolamento de sentido dos símbolos pré-existentes. Fato este que pode ser verificado na seguinte passagem:

As profundas e obscuras relações entre o simbólico e o imaginário aparecem imediatamente se refletimos sobre o seguinte fato: o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para “expressar-se”, o que é óbvio, mas para “existir”, para passar do virtual a qualquer coisa a mais. O delírio mais elaborado bem como a fantasia mais secreta e mais vaga são feitos de “imagens” mas estas “imagens” lá estão como representando outra coisa; possuem, portanto, uma função simbólica. Mas também, inversamente, o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária. Pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é. Entretanto, na medida em que o imaginário se reduz finalmente à faculdade originária de pôr ou de dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são (que não são dadas na percepção ou nunca o foram), falaremos de um imaginário último ou radical, como raiz comum do imaginário efetivo e do simbólico. É finalmente a capacidade elementar e irreduzível de evocar uma imagem CASTORIADIS (1982, p.).

Observa-se que há grande influência do imaginário sobre o simbólico, pois *“o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre dois termos, de maneira que um “representa” o outro”*. A relação simbólica da função imaginária e seu domínio pela função racional, conforme CASTORIADIS (1982), se dá pelo vínculo rígido sob a forma de identificação, de participação ou de causação,

entre o significante e o significado. Assim, o *“imaginário central de cada cultura, quer se situe no nível dos símbolos elementares ou de um sentido global”*.

Em face, a estas relações simbólicas em cada cultura, corroborando com FERREIRA (1994), observa-se que *“as informações que circulam na sociedade têm relações diretas com o Imaginário Social. Isto quer dizer, com os meios pelos quais se difunde esse imaginário”*. A forma como estas informações circulam e o imaginário que é difundido, segundo CASTORIADIS (1982) pode alienar a sociedade às suas instituições.

CASTORIADIS (1982) afirma que a alienação do imaginário se dá pela dominância do momento imaginário, pois a instituição é uma rede simbólica onde está presente o componente funcional e o imaginário. Esta autonomização da instituição se materializa na vida social, o que propicia que a sociedade viva em relações com suas instituições a maneira do imaginário, ou seja, *“não reconhece no imaginário das instituições seu próprio produto”*.

Para compreensão das significações imaginárias sociais, o autor, afirma que é preciso compreender como uma sociedade faz seu simbolismo, a nível de imaginário; compreender e captar as significações dadas aos símbolos, por meio das estruturas significantes; e compreender esse processo de automização dos símbolos na vida social. Mas neste processo, de compreensão das significações simbólicas, é preciso ter claro que as significações podem corresponder ao percebido, ao racional ou ao imaginário.

O simbolismo, que dá a funcionalidade de cada sistema institucional sua orientação específica, que sobredetermina a escolha e as conexões das redes simbólicas, criação de cada época histórica, sua singular maneira de viver, de ver e de fazer sua própria existência, seu mundo e suas relações com ele, esse estruturante originário, esse significado-significante central, fonte do que se dá cada vez como sentido indiscutível e indiscutido, suporte das articulações e das distinções do que importa e do que não importa, origem do aumento da existência dos objetos de investimento prático, afetivo e intelectual, individuais ou coletivos – este elemento nada mais é do que imaginários da sociedade ou da época considerada.

Podemos concluir então, que segundo Castoriadis, o imaginário é a capacidade de criar, de produzir coisas (*“faculdade originária de pôr ou dar-se, sob a forma de representação, uma coisa e uma relação que não são (que não são dadas na percepção) ou nunca foram”*). Temos aqui uma definição de imaginário radical ou imaginação produtiva ou criadora.

Segundo CASTORIADIS (1982) o imaginário radical se manifesta no fazer histórico, e na constituição do universo das significações, e imaginário efetivo (imaginado) como o sistema de constituição das significações existentes. Estabelece que o papel das significações imaginárias é de oferecer resposta que nem a “realidade” nem a “racionalidade” podem fornecer, no que tange aos simbolismos; também de entender como uma determinada sociedade define e elabora as imagens do mundo que vive, e os significados atribuídos a ela, e a articulação da sociedade em relação a estas imagens. Além de, interpretar a forma de ligação destas significações às significações imaginárias centrais da sociedade, tais como as suas necessidade e sua imagem do mundo.

Defronte a estas colocações, pondera-se sobre a importância de se compreender a história humana, que está relacionada a categoria imaginário; pois não é possível compreendê-la sem um conteúdo significado e o entrelace com as estruturas simbólicas. Segundo CASTORIADIS (1982), o simbólico-racional é definido como aquilo que representa o real ou então é indispensável para pensá-lo ou para agi-lo.

A perscrutação da vida no mundo moderno, a nível de imaginário, no âmbito do lazer apresentam uma gama de informações a respeito dos costumes, invenções e representações imaginárias. Corroborando com CASTORIADIS (1982) estes esclarecimentos dão sinais de uma pseudo-racionalidade da sociedade moderna, pois *“a pseudo-racionalidade é conteúdo do imaginário, pois o mundo moderno é atormentado por um delírio sistemático que interfere no aspecto de sua existência devido a possibilidade objetiva de uma transformação do que foi até aqui o papel do imaginário na história”*.

CASTORIADIS (1982) assinala algumas pistas para compreender a relação do imaginário social com a instituição. Assegura que é preciso realizar um percurso pelas relações estabelecidas do social, em determinados momentos históricos, sendo que a parti daí é possível tratar a criação da instituição social-histórica. Nesta instituição social-histórica, o indivíduo e a coisa “imaginada” constituem as significações imaginárias sociais.

Afirma que para compreensão dos modos de ser e a lógica de auto-organização do ser vivo, o inconsciente ou o social-histórico, são frutos da criação de novas significações ou matrizes de significações que existem. Essas matrizes denominam-se magmas, e o imaginário tanto psíquico quanto social depende da

lógica dos magmas. O magma (modos de ser) é uma matriz de significação, e é influenciado pela lógica identitária ou conjuntivista:

Um magma é aquilo de onde se pode extrair (ou: em que se podem construir) organizações conjuntivistas em numero indefinido, mas que não pode jamais ser reconstituído (idealmente) por composição conjuntivista (finita ou infinita) destas organizações.(p.388)

A “lógica – identitária” seria tudo aquilo que possa fazer com que se reconheçam as coisas numa sociedade, mas mesmo aí esse conceito já estaria dentro do magma que a “tudo” abarca. Assim, é possível perceber que a lógica identitária transforma ou atualizam as singularidades a partir de relações determinadas e determinantes, tais como relações de identidade, diferença, pertencimento, inclusão.

Esta lógica identitária-conjuntivista possibilita compreender que a linguagem opera na dimensão identitária, pois oferece a possibilidade de,

localizar em e por aquilo que dizem por aí moverem-se, de se apoiar no mesmo para criar o outro, de utilizar o código de designações para fazer aparecer outras significações ou outros aspectos das significações aparentemente já dados. (CASTORIADIS, 1982)

Afirma que a relação entre a linguagem e a dimensão identitária permitem compreender o funcionamento das significações na linguagem, em relação aos seus códigos e a dimensão que a língua possui, na construção dos símbolos. A linguagem permite que significados linguísticos, próprios ou figurados, possibilitem uma designação identitária. O que favorece a compreensão das representação dos indivíduos, efetivas ou virtuais, as significações, e a forma como elas suscita, induz, permite, modela o imaginário social.

Para compreensão das significações imaginárias sociais, é preciso compreender a relação existente com a realidade. Segundo CASTORIADIS (1982), esta realidade natural, tem que estar suscetível a transformações, e se deixar alterar “condicionalmente”, diante de interstícios livres e regrados. A realidade natural é essencial para o fazer social no que tange ao mover e mover-se, transportar e deslocar-se, cortar, juntar no processo de construção do mundo das significações.

Segundo CASTORIADIS (1982), o “*mundo das significações cada vez instituído pela sociedade não é evidentemente nem uma réplica ou um decalque (“reflexo”) de um mundo “real”, nem tampouco sem relação com um certo ser-assim da natureza*”. O que permite inferir que o mundo das significações reflete

diretamente na criação do imaginário social, através dos símbolos e simbolismos significantes e significados.

Os magmas de significações imaginárias sociais permite verificar que há relação direta dos magmas com a instituição da sociedade, pois as significações imaginárias sociais são instituídas pelos atos e objetos que os indivíduos e a sociedade informa.

CASTORIADIS (1982) afirma que a sociedade faz ser um mundo de significações, pois a instituição da sociedade é instituição do fazer social e do representar/dizer social. Segundo ele,

A instituição da sociedade é toda vez instituição de um magma de significações imaginárias sociais, que podemos e devemos denominar um mundo de significações. Porque é o mesmo dizer que a sociedade institui cada vez o mundo como seu mundo ou seu mundo como o mundo, e dizer que ela institui um mundo de significações, que ele se institui instituindo o mundo de significações que é o seu e correlativamente ao qual somente um mundo existe e pode existir para ela.

mundo de significações depende do modo de ser das significações imaginárias sociais:

As significações são aquilo, mediante e a parti do que os indivíduos são formados como indivíduos sociais, podendo participar do fazer e do representar/dizer social, podendo representar, agir, pensar de maneira compatível, coerente, convergente mesmo se ela é conflitual (o conflito mais violento que possa dilacerar uma sociedade ainda pressupõe um numero infinito de coisas comuns ou participáveis).

O autor afirma que a criação da sociedade instituinte, como sociedade instituída, se dá pela “relação que a posição de indivíduos, de seus tipos, de suas relações, de suas atividades, mas também posição de coisas de seus tipos, suas relações, sua significação”. Salienta que,

Imaginário social ou sociedade instituinte é na e pela posição criação de significações imaginárias sociais e da instituição; da instituição como “presentificação” destas significações como instituídas. A imaginação radical é na e pela posição-criação de figuras como presentificação de sentido e de sentido como sempre figurado-representado. A instituição da sociedade pela sociedade instituinte apoia-se no primeiro estrato natural do dado – e encontra-se sempre (até um ponto de origem insondável) numa relação de recepção/alteração com o que já tinha sido instituído. A posição de figuras com senso ou de sentido figurado pela imaginação radical apoia-se no ser-assim do subjetivo como ser vivo, e encontrar-se sempre (até um ponto de origem insondável) numa relação de recepção/alteração com que já havia sido representado por e para a psique

1.2 O Corpo em Cena: olhares sobre o devaneio, em Bachelard

A partir do seu potencial de expressividade e dos seus múltiplos significados, o corpo, ao longo da história, passa a se comunicar com o mundo por meio das relações estabelecidas em diferentes contextos sociais. Em virtude desses significados e signos, o corpo passa a se expressar interagindo com o mundo que o cerca, expressando-se de maneiras diferenciadas de acordo com os estímulos intrínsecos ou extrínsecos recebidos em seu cotidiano.

Esse “envolvimento” se apresenta como uma (re)construção cultural. Geertz (1989), aponta que é por meio desse mecanismo chamado cultura que o homem adquiriu a capacidade de ser o construtor de sua própria história, desde a utilização de ferramentas, passando pelo convívio social, pela linguagem chegando a outras formas mais complexas de significar o fazer humano. O autor demonstra com isto, como o convívio entre povos foi tecendo uma teia de significados que foram ganhando densidade ao longo da história da humanidade, significados estes que, por sua vez, estão em constante processo de re-significação.

Geertz (1989, p.15) nos apresenta que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, ao balizar-se neste conceito, afirma que para entender o que é cultura, e como ela influencia as ações de um determinado grupo, é preciso identificar e perceber como as pessoas são, como se relacionam, como agem e interagem, é, portanto, ir além do visível, é mergulhar, de fato, no significado das ações desenvolvidas pelos indivíduos em suas sociedades.

Ações essas que se projetam no/do corpo. O sentido atribuído às vivências e escolhas estabelecidas levam consigo as percepções e construções de sentido atribuídas pelas trajetórias... pelas interações. A interligação entre a questão do corpo e a cultura em si é uma constante.. A projeção do corpo na dinâmica cultural e os reflexos de signos no próprio corpo revelam gostos, preferências, formas de pensar, relacionar e sentir.

O corpo é um agente de cultura que traz impressas as marcas de um povo. Constitui uma superfície na qual as normas culturais são inscritas e reforçadas pela linguagem corporal (Bordo, 1997). Por meio de diversos processos de inculcação, a sociedade imprime nos sujeitos e em seus corpos não apenas um

modo de ser e estar, mas todo “um programa de percepção” que determina aos indivíduos a maneira de perceber seus próprios corpos (BOURDIEU, 1995).

Essa projeção de sentido é a figuração do próprio corpo formada e estruturada na pelo próprio indivíduo, ou seja, a maneira pela qual o corpo se apresenta para si próprio. A percepção de si se apresenta como um constructo, atribuído pelas vivências e interações desse sujeito. Suas sensações apresentadas pelos sentidos em suas experiências vivenciadas cria um referencial do seu corpo, para o seu corpo e para o outro, sobre o objeto elaborado.

O termo Imagem Corporal vem sendo usado freqüentemente de maneira permutável com a terminologia Esquema do Corpo, em estudos neurológicos e psicológicos, onde ocorrem também resistências a determinadas definições e muitas confusões metodológicas e conceituais (PAILLARD, 2001).

Tratando ainda dessa relação entre corpo e cultura, percebemos em Certeau (1982), que “cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua”. Portanto, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa. Pensar o corpo dessa forma implica considerá-lo como passível de mudanças, atuando como uma memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, demonstrando os limites científicos e tecnológicos de cada época e as soluções elaborados por diferentes sociedades.

Marcel Mauss no clássico estudo de 1936¹, em notável contribuição aos estudos antropológicos, trata da questão do corpo, denominando de “técnicas corporais” sua contribuição. Mauss (1974) considerou os gestos e os movimentos corporais como técnicas criadas pela cultura, passíveis de transmissão através das gerações e imbuídas de significados específicos. Afirmou também que uma determinada forma de uso do corpo pode influenciar a própria estrutura fisiológica dos indivíduos. Um dos exemplos que ele citou foi a posição de cócoras, adotada em vários países, que causa uma nova conformação muscular nos membros inferiores.

Para o autor o estudo das técnicas do corpo, a partir da compensação do homem total, justifica-se por meio da observação de que seu uso técnico deve romper com as explicações restritas de cada campo de conhecimento, isto é, a

¹ MAUSS, M.- texto original extraído do Journal de Psychologie, XXXII, nos 3-4, 15 de março – 15 de abril de 1936. Comunicação apresentada à Société de Psychologie em 17 de maio de 1934, (p. 215 da edição de 1974).

biologia somente não explica a funcionalidade do uso técnico do corpo, uma vez que os tendões e os ossos, por exemplo, assumem uma determinada forma como decorrência de uma certa maneira que nos comportamos. Portanto, o autor constata que no uso técnico do corpo existem coisas que acreditamos ser de ordem hereditária, mas que, na realidade, são de ordem fisiológica, psicológica e sociológica.

O corpo como processo atribui ao mesmo uma conotação de mutabilidade, ou seja a significação de sua construção se mostra de modo permeável às marcas da/cultura. A produção imaginária sobre esse corpo apresentará as normas culturais inscritas e reforçadas pela linguagem corporal.

Para Sartre (1971) a imagem é um modo que a consciência tem de dar-se um objeto. Sendo um ato transcendente como todo ato da consciência, o procedimento de constituição da imagem visa, através de um conteúdo psíquico, um objeto ausente ou inesistente – oferecendo-se a imagem assim formada como um representante analógico do objeto.

Sartre (1971) ao se referir ao “conteúdo psíquico” através do qual se forma a imagem, questiona-se sobre a composição desse “conteúdo”. Uma das alternativas seria considerá-lo como estruturado sobre os níveis de ego, do id e do super-ego propostos pela teoria freudiana. E diante da necessidade imediata de encontrar-se o componente dominante nessa entidade triádica, surgirá a esfera do id como a responsável em primeira e última instância pelas operações e não apenas do imaginário como da consciência em sua totalidade. Nessa linha, o id é entendido como moldado fundamentalmente por recalques do consciente e coisas esquecidas. E nessa situação, novamente se introduz uma distinção de base entre o imaginário e o real: coisas esquecidas ressurgem distorcidas, fragmentos do recaiado furam a barreira do super-ego e projetam sobre o que se convencionou ser o real, modificando-o ou substituindo-o.

O imaginário, portanto, é uma dimensão disso, e nesse momento é diferente que seu objeto esteja presente ou não diante do imaginante, que esse objeto esteja presente ou não diante do imaginante, que esse objeto seja inexistente ou “real”. É indiferente que seja real ou fantasma: sendo fantasma é um real e enquanto é um fantasma como qualquer outro. Também se torna tão pertinente descrever a imaginação como ato de formação de imagens através de um conteúdo psíquico, constitui-se através disso. Tampouco será relevante propor a imagem como

representante psíquico de um objetivo visado, uma vez que todo existente é uma representação psíquica (i.e., através de um psiquismo) de um objeto (que é o próprio psiquismo)- ou seja, na medida em que todo existente é um representante disso (TEIXEIRA COELHO, 1992).

Para o referido autor cessa, nesse momento, toda necessidade de continuar tentando estabelecer as distinções entre “real” e “imaginário”, se este for entendido como “fictício”. Seria inclusive supérfluo (porque, antes de mais nada, isso seria início de crença naquela mesma oposição) tentar encontrar aquilo, segundo os textos de Jacques Lacan, capaz de resolver a oposição entre o real e o imaginário- e que seria o simbólico, a função simbólica. No caminho aqui seguido, simplesmente não há oposição entre real e imaginário uma vez que este é o responsável pela criação disso que o trajeto, a travessia sujeito-objetivo. Seria possível achar um lugar para essa função simbólica, ainda partindo de Lacan, apenas se seu entendimento se restringir ao lugar onde a fusão real-imaginário se manifesta exteriormente; a essa cadeia significativa pela a qual o imaginário de um sujeito pode transformar-se em proposta para outro sujeito.

Bachelard (1988) nos apresenta que a sutileza de uma novidade reanima origens, renova e redobra a alegria de maravilhar-se. Ao maravilhamento acrescenta-se, em poesia, a alegria de falar. Essa alegria, cumpre apreendê-la em sua absoluta positividade. A imagem poética, aparecendo como um novo ser da linguagem, em nada se compara, segundo o modo de uma metáfora comum, a uma válvula que se abriria para liberar instintos recalçados, A imagem poética ilumina com tal luz a consciência, que é vão procurar-lhe antecedentes inconscientes. Pelo menos, a fenomenologia tem as razões para tomar a imagem poética em seu próprio ser, em ruptura com um ser antecedente, como uma conquista positiva da palavra. Se déssemos ouvidos ao psicanalista, definiríamos a poesia como um majestoso Lapso da Palavra. Mas o homem não se engana ao exaltar-se. A poesia é um dos destinos da palavra. Tentando sutilar a tomada de consciência da linguagem dos poemas, chegamos à impressão de que tocamos o homem da palavra nova, de uma palavra que não se limita a exprimir idéias ou sensações, mas que tenta ter um futuro. Dir-se ia que a imagem poética, em sua novidade, abre um porvir da linguagem.

Correlativamente, ao empregar o método fenomenológico no exame das imagens poéticas, parecia-nos que éramos automaticamente psicanalisado, que

podíamos, com uma consciência clara, recalcar nossas antigas preocupações de cultura psicanalítica. Sentíamos-nos, como fenomenólogo, liberados de nossas preferências — essas preferências que transformam o gosto literário em hábitos. Estávamos, em virtude do privilégio dado à atualidade pela fenomenologia, prontos a acolher imagens novas que nos oferece o poeta. A imagem estava presente, presente em nós, separada de todo o passado que podia tê-la preparado na alma do poeta. Sem nos preocupar com os "complexos" do poeta, sem esquadrihar a história de sua vida, estávamos livre, sistematicamente livre, para passar de um poeta a outro, de um grande poeta a um poeta menor, à vista de uma simples imagem que revelasse o seu valor poético pela própria riqueza de suas variações.

Diante das imagens oferecidas, diante das imagens que nós mesmos nunca poderíamos imaginar, essa ingenuidade de maravilhamento é inteiramente natural. Mas ao viver passivamente esse maravilhamento, não participamos com suficiente profundidade da imaginação criante.

Diante de uma ambição tão desmedida, aliada ao fato de todo o nosso livro dever sair dos nossos devaneios, nosso empreendimento de fenomenólogo deve enfrentar um paradoxo radical. É comum, com efeito, inscrever o devaneio entre os fenômenos da distensão psíquica. Vivemo-lo num tempo de distensão, tempo sem força ligante. Sendo destituído de atenção, não raro é destituído de memória. O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a "inclinação do devaneio" — uma inclinação que sempre desce —, a consciência se distende, se dispersa e, por conseguinte, *se obscurece*. Assim, quando se devaneia, nunca é hora de se fazer fenomenologia.

Á imaginação tenta um futuro. A princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades. Certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida dando-nos confiança no universo. Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso. Existe um *futurismo* em todo universo sonhado.

Pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio. Daremos a seguir alguns exemplos desses devaneios cósmicos que ligam o sonhador ao seu mundo. Essa união se oferece, por si mesma, à pesquisa fenomenológica. O conhecimento do mundo real exigiria investigações

fenomenológicas complexas. Os mundos sonhados, os mundos do devaneio diurno, em boa vigília, pertencem a uma fenomenologia realmente elementar. E foi assim que viemos a pensar: é com o devaneio que se deve aprender a fenomenologia.

Nessa solidão, as próprias recordações se estabelecem como quadros. Os cenários dominam o drama. As recordações tristes adquirem pelo menos a paz da melancolia. E isso ainda coloca uma diferença entre o devaneio e o sonho. O sonho permanece sobrecarregado das paixões mal vividas na vida diurna. A solidão, no sonho noturno, tem sempre uma hostilidade. É estranha. Não é verdadeiramente a *nossa* solidão. Os devaneios cósmicos afastam-nos dos devaneios de projetos. Colocam-nos num mundo, e não numa sociedade. Uma espécie de estabilidade, de tranqüilidade, pertence ao devaneio cósmico. Ele nos ajuda a escapar ao tempo. É um *estado*. Penetremos no fundo de sua essência: é um estado de alma.

1.3 Envelhecimento

1.3.1 Envelhecimento: conceitos e perspectivas

O crescimento acentuado do número de idosos na população brasileira incluiu a questão da velhice no rol dos grandes desafios sociais, estando a merecer respostas que melhor qualifiquem esse tempo da vida. O envelhecimento populacional configura a necessidade de novas ações sociais e políticas públicas, capazes de absorver as demandas dos idosos, de forma que essa etapa do ciclo de vida não se configure num tempo de empobrecimento material e vazio social.

O envelhecimento é um processo multidimensional, ou seja, resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Excetuando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui a seus idosos. Muitas das referências sobre a velhice foram elaboradas a partir de idéias preconceituosas e imagens produzidas por crenças, medo e preconceitos. Para Beauvoir (1990), não é fácil estabelecer uma imagem social global para a velhice, visto que todas as referências variam conforme o tempo

e a sociedade, na maioria das vezes incertas e contraditórias, resultantes de impressões preconceituosas.

De acordo com Chaimowicz (1997), a população brasileira vem envelhecendo desde o início da década de 60, momento em que a queda das taxas de fecundidade, em algumas regiões mais desenvolvidas do Brasil, começou a modificar a sua estrutura etária. A partir da década de 70, as PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) começaram a indicar que o fenômeno estava ocorrendo, também, nas demais regiões do País, atingindo todas as classes sociais, nas áreas urbanas e rurais. Haddad (1993) afirma que esse fenômeno está diretamente ligado pela interação de três fatores: decréscimo da fecundidade das mulheres, diminuição da mortalidade e redução da taxa migratória. Aliam-se, a esses, outros fatores, tais como: melhores condições de higiene e de saneamento básico, além da redução da mortalidade infantil.

O aumento do número de pessoas acima de 60 anos está se dando de forma tão intensa que, em 1998, existiam 12,4 milhões de pessoas acima de 60 anos no País, e a expectativa, segundo Azevedo (1999) é de que, daqui a 21 anos, esse número atinja 25 milhões. A maioria dessas pessoas está concentrada em áreas urbanas, e são do sexo feminino, o que é enfatizado por Goldani (1994), quando diz que as mulheres têm expectativa de vida maior que a dos homens, havendo com isso grande número de viúvas.

Enquanto nos países desenvolvidos o aumento da expectativa de vida vem acontecendo há muitos anos, como consequência de melhores condições de vida da população, urbanização planejada adequadamente, avanços nas áreas da saúde, habitação, saneamento, meio ambiente, nutrição e trabalho; nos países em desenvolvimento este fenômeno vem sendo observado desde 1960, relacionado à queda das taxas de natalidade e mortalidade, consequência de campanhas sanitárias, de vacinação e de ampliação da atenção médica na rede pública, que não foram acompanhadas de transformações estruturais que garantissem melhores condições de vida (COSTA; VERAS, 2003).

O aumento expressivo de pessoas com 60 anos de idade ou mais é uma das principais características da população mundial neste século. Cerca de 600 milhões de idosos que vivem hoje no mundo, aproximadamente 370 milhões vivem em países em desenvolvimento, e a expectativa para os próximos 20 anos apontam para uma população de mais de 1 bilhão de idosos, dos quais 70% irão residir em

países pobres ou em vias de desenvolvimento. No Brasil, este aumento no número de idosos na população é expressivo: em 1940 era de 4%, passando para 8,6% em 2000 (equivalendo a 15 milhões de pessoas) e projeções recentes indicam que esse segmento passará a 15% em 2020 (IBGE, 2003). Mas, a população idosa também está envelhecendo, 11 % desses idosos apresentam idade de 80 anos ou mais, sendo o segmento da população que mais cresce; em 2050, 19% dos idosos brasileiros estarão nessa faixa etária, o número de pessoas com mais de 100 anos, deverá aumentar em 15 vezes, passando de 145 mil, em 1999, para 2,2 milhões de indivíduos em 2050 (PAPALÉO NETTO; PONTE, 2000).

Observando as características dos idosos, Leite (1999, p. 2) afirma que a idade cronológica não é a melhor forma para definir a velhice, sendo "importante levar em conta a autonomia da pessoa, sua capacidade de realizar sozinho determinadas tarefas como tomar banho, ir ao banheiro, cozinhar, fazer compras". Também, Grunewald (1997) afirma que a conceituação de idoso envolve múltiplas dimensões: biológica, cronológica, social, demográfica, cultural, psicológica, política, entre outras.

Essas dimensões são também referenciadas por Silva (2005), mostrando que a idade biológica, social e psicológica não coincide necessariamente com a cronológica, de forma que a diferença entre as mesmas é importante, para compreensão das múltiplas dimensões da velhice.

Quanto à idade cronológica, Duarte (1999) adverte para que se considere a diversidade de calendários, conforme a sociedade considerada, lembrando que, neste caso, a utilização do calendário greco-romano dá a cada um e à sociedade brasileira a idade própria da civilização euroamericana (mas que diverge de outras culturas como a egípcia ou fenícia). Mesmo a idade cronológica permite que a velhice se apresente sob diversas faces, na sociedade brasileira, marcada pela desigualdade social, onde existe exorbitante concentração de renda em oposição a um alto índice de pobreza, alertando que o jovem pobre de hoje será o idoso pobre de amanhã.

Quanto à idade social, Duarte (1999) designa papéis que se pode, que se deve, que se pretende e, ou, que se deseja que as pessoas venham a desempenhar na sociedade, de forma que determinados papéis podem entrar em conflito com aspectos arbitrários da idade cronológica. Um exemplo é a vida dos artistas e modelos que cultuam o corpo na juventude, em relação ao seu futuro. Este conflito

entre as idades social, psicológica e cronológica constitui uma forma de discordância, principalmente quando se pensa o isolamento social do idoso, podendo ser ocasionado, muitas vezes, pela aposentadoria ou morte de parentes, antecipando, assim, a morte social frente à biológica. Isto porque, o psicológico envelhecendo, o próprio idoso começa a se impor limites e barreiras quanto às atividades que irá desenvolver, esquivando-se das reuniões e do convívio social, recolhendo-se ao lar e deixando de desenvolver as atividades que sua capacidade biológica permite.

Na perspectiva social, o envelhecimento está relacionado com a perda de autonomia e independência, limitando a capacidade de autocuidado, comprometendo a qualidade de vida e gerando relações de dependência que interferem nos processos de interação social. Segundo Duarte (2001, p. 38), a autonomia pode ser definida como a capacidade de decisão e de comando e pode ser mantida mesmo quando o indivíduo é dependente.

A qualidade de vida na velhice está diretamente relacionada com os princípios de autonomia, de autodeterminação e de independência; por isso não devem ser poupados esforços em nível de políticas sociais e de saúde, para manter e, se necessário, restaurar estes princípios (PERIAGO, 2005).

Para Garcia et al. (2005, p. 53), os aspectos sociais relacionados com o envelhecimento estão determinados pela diminuição da capacidade de adaptação às mudanças, pois vivemos num momento histórico em que os avanços tecnológicos e a construção de novos conhecimentos determinam transformações muito rápidas em na sociedade, que exigem a introdução de novos conceitos e maneiras de viver como também uma grande flexibilidade, caminhos que o idoso nem sempre pode percorrer. A consequência deste fato é sua marginalização social.

Observam-se modificações no status social e no relacionamento do idoso com outras pessoas como consequência dos seguintes fatores: crise de identidade, desencadeado pela perda de papéis sociais; mudanças de papéis no seu meio familiar e comunitários, que exigem capacidade de adaptação; aposentadoria, frequentemente insuficiente para atender suas necessidades e que pode estar acompanhada de um sentimento de inutilidade que acaba mergulhando o idoso no isolamento e na depressão; perda de amigos e parentes, como também, de condição econômica que faz com que o idoso sinta-se sem referencial; e diminuição de contatos sociais em função da tendência individualista de nossa sociedade, em

que cada um, preocupa-se em conquistar seu espaço subestimando a importância dos encontros interpessoais (BANDEIRA et al., 2005).

Na verdade, o que está em jogo na velhice é a autonomia, ou seja, a capacidade de determinar e executar seus próprios desígnios. Qualquer pessoa que chegue aos oitenta anos capaz de gerir sua própria vida e determinar quando, onde e como se darão suas atividades de lazer, convívio social e trabalho (produção em algum nível) certamente será considerada uma pessoa saudável. Pouco importa saber que essa mesma pessoa é hipertensa, diabética, cardíaca e que toma remédio para depressão infelizmente uma combinação bastante freqüente nessa idade. O importante é que, como resultante de um tratamento bem-sucedido, ela mantém sua autonomia, é feliz, integrada socialmente e, para todos os efeitos, uma pessoa idosa saudável (RAMOS, 1993).

A velhice é um conceito inserido em um repertório cultural historicamente delimitado, que atravessa o estatuto de um processo biológico inerente ao ser humano, para o de uma construção social. A velhice é tomada atualmente como um problema social, mas essa transformação não deve ser encarada apenas como decorrência do aumento demográfico da população idosa. Um problema social é fruto do cruzamento de fatores muito mais complexos do que simplesmente o resultado do mau funcionamento da sociedade (LENOIR, 1989) A transformação do envelhecimento em objeto de estudo está relacionada a dimensões que vão desde o desgaste fisiológico e o prolongamento da vida, até o desequilíbrio demográfico e o custo financeiro das políticas sociais (DEBERT, 1998). Assim, a compreensão da velhice na sociedade contemporânea implica o reconhecimento da sua dimensão histórica e social.

Para Pacheco (2004) o acelerado ritmo do crescimento da população idosa é observado mundialmente, inclusive no Brasil e em outros países latino-americanos. A expectativa de vida dos brasileiros que em 1900 não alcançava os 35 anos de idade, em 1950 atingiu 43 anos, em 2000, 68, com a expectativa de atingir os 80 anos em 2025.

O envelhecimento é um processo que provoca alterações e desgastes em vários sistemas funcionais, que ocorrem de forma progressiva e irreversível. O momento em que estas transformações ocorrem, quando passam a ser percebidas e como evoluem, diferencia-se de um indivíduo para o outro. Entretanto, em idades mais avançadas as limitações visuais, auditivas, motoras e intelectuais, bem como o

surgimento de doenças crônico-degenerativas intensificam-se, ocasionando a dependência nas atividades cotidianas. O resultante desses fatores é a diminuição da condição de saúde do idoso que acaba procurando com mais frequência os serviços de saúde pública, principalmente aqueles vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS) (SANGLARD, 2004).

Capacidade funcional pode ser definida como o potencial que os idosos apresentam para decidir e atuar em suas vidas de forma independente, no seu cotidiano (MATSUDO, 2000). As informações geradas pela avaliação da capacidade funcional possibilitam conhecer o perfil dos idosos usando-se ferramenta simples e útil, que pode auxiliar na definição de estratégias de promoção de saúde para os idosos, visando a retardar ou prevenir as incapacidades (XAVIER; LEE, 2004).

O Brasil passa por um processo de envelhecimento populacional, como em todos os locais do mundo. Contudo, o aumento na expectativa média de vida do brasileiro não foi devidamente acompanhado por melhorias e incrementos significativos na qualidade de vida da população, resultando em uma expectativa de vida livre de incapacidades de apenas 54 anos (IBGE, 2000). Nesse ponto, assumir um estilo de vida ativo é fundamental para a manutenção da qualidade de vida do indivíduo (MAZO, 2003).

O envolvimento regular na prática de atividades e exercícios físicos pode retardar o declínio normal relacionado à idade na função dos diferentes sistemas. Pode também, controlar e prevenir doenças crônico-degenerativas (cardiovasculares, diabetes, câncer, hipertensão, etc.) que podem levar a debilidades (SHEPHARD, 2003; BIRD; TARPENNING; MARINO, 2005). Warburton, Nicol e Bredin (2006), indicam que há uma relação linear entre atividade física e o estado de saúde, sendo que o aumento nos níveis de atividade física pode levar a incrementos e melhorias no estado de saúde do indivíduo.

Porém, apesar da literatura evidenciar a importância e os benefícios do exercício físico para um envelhecimento ativo e saudável, os esforços de autoridades e pesquisadores parecem ser insuficientes para sensibilizar a maior parte da população a participar de maneira regular desses programas. De acordo com pesquisa recente nas capitais brasileiras, a inatividade física atinge grande parte da população idosa, representado nos 50,3% das mulheres e 65,4% dos homens acima dos 65 anos sem atividade. (BRASIL, 2007).

Nesse contexto, detectam-se altas taxas de inatividade e conseqüentemente

baixa porcentagem de idosos inseridos em programas de atividade física sistematizada. A literatura aponta a existência de fatores que influenciam essa prática tanto de forma positiva, quanto negativa. Os fatores que facilitam, oportunizam ou viabilizam essa prática, são chamados “facilitadores”, e os que atrapalham ou dificultam, são chamados de “barreiras”. As barreiras podem ser: internas: aquelas que dizem respeito ao pensamento individual, ao sentimento do idoso, à forma como fazem a leitura de um fenômeno ou fato; e externas: aquelas que se referem ao ambiente, a situações e à sociedade em geral (MICHELI, 2007).

Portanto verifica-se que existem vários fatores que auxiliam tanto a inserção quanto a aderência do idoso em programas de exercícios físicos, e isso passa por aspectos da educação, do âmbito familiar e social, da área da saúde e da economia, da quebra de vários paradigmas, enfim, dos aspectos que permeiam a qualidade de vida da população (MICHELI, 2007).

Diante disso, faz-se necessário não só reforçar os fatores facilitadores para a inserção do idoso no programa de exercício físico, mas também, conhecer e buscar diminuir as barreiras que têm favorecido a desistência desses idosos no programa. Mazo (2003) indica que a associação de barreiras com a atividade física é altamente pertinente para as intervenções, uma vez que o reconhecimento destas pode guiar os programas e suas ações, de forma a definir metodologias e estratégias mais eficientes.

1.3.2 Sentidos do Envelhecer: aproximações entre qualidade de vida, saúde e envelhecimento.

A prevenção e controle de processos patológicos são eixos fundamentais na velhice, mas relacionam-se organicamente a outras dimensões do viver que potencializem condições de satisfação das necessidades básicas e sentimento de realização. Nessa linha emergem as reflexões sobre o “bom envelhecimento”, como forma de reação à associação entre velhice e inatividade.

A manutenção da saúde e autonomia na velhice, identificada como boa qualidade de vida física, mental e social, é o horizonte desejável para se preservar o potencial de realização e desenvolvimento nesta fase da vida. É também a

perspectiva necessária para reduzir o impacto social que cerca as questões extremamente complexas e delicadas relativas ao cuidado ao idoso dependente. Por essas e outras motivações demográficas e socioeconômicas, a promoção da saúde tem sido destacada no eixo das políticas contemporâneas na área do envelhecimento.

Para cada pessoa, o sentimento do envelhecimento é muito diferente. Há quem, com mais de oitenta anos, pensa e age como jovem e pessoas jovens que “são verdadeiros velhos” (SINÉSIO, 1999). Segundo Moragas (1997), a velhice não é uma doença em si mesma, mas a probabilidade de adoecer durante a velhice e de que a doença deixe aquelas seqüelas no organismo é muito maior do que em outras etapas da vida.

Vários aspectos do domínio motor influenciam os estados psicológicos e as características sociais do indivíduo adulto e idoso. A possibilidade de a pessoa ter uma vida fisicamente ativa, ser capaz de realizar as atividades da vida diária e exercitar-se são fatores que podem ter efeitos positivos sobre o que ela sente, sobre sua auto-avaliação e sobre como os outros a vêem (GALLAHUE; OZMUN, 2003).

O envelhecimento traz consigo alterações fisiológicas, psicológicas e sociais que afetam diretamente o viver dos idosos. As atividades físicas regulares vêm sendo utilizadas como alternativa minimizadora dos efeitos do envelhecimento como um meio de promoção da saúde, possibilitando assim a normalização, a manutenção e autonomia dos idosos (OKUMA, 1998).

Simões (1998) afirma que o corpo humano foi feito para o movimento, não para o descanso. O sistema cardiovascular, o metabolismo, ossos, articulações e músculos estão fisicamente adaptados a realizar diretamente atividades em qualquer idade.

A atividade física tem sido considerada um fator determinante na manutenção, promoção e recuperação de funções orgânicas e musculares; tornase fundamental a sistematização de exercícios físicos que respeitem as limitações mais freqüentes do idoso (MCARDLE et al., 1998).

O envelhecimento é um processo dinâmico, progressivo e fisiológico, acompanhado por modificações morfológicas e funcionais, assim como modificações bioquímicas e psicológicas, resultando na diminuição da reserva funcional dos órgãos e aparelhos (SCALZO et al., 2007). O envelhecimento populacional tem ganho reconhecimento universal, e o Brasil ocupa hoje a sétima colocação mundial

em número de idosos; espera-se que, em 2025, ocupe a sexta posição (ISHIZUKA, 2003).

Com o aumento da idade cronológica, as pessoas tornam-se menos ativas, já que suas capacidades físicas diminuem e, com as alterações psicológicas e sociais que acompanham a idade (sentimento de velhice, estresse e depressão) existe ainda uma diminuição maior da prática da atividade física, que conseqüentemente, facilita a aparição de doenças crônicas, que contribuem para deteriorar ainda mais o processo de envelhecimento (MATSUDO et al., 2000).

O envelhecimento tem despertado interesse de várias áreas do conhecimento, pois a perspectiva de vida da população mundial aumentou muito nas últimas décadas. Assim, esta população passa a necessitar de políticas públicas voltadas a atender suas necessidades. Nesse sentido, cada vez mais se exige dos profissionais envolvidos. Um dos aspectos fundamentais para que o idoso tenha melhorias em sua saúde é a inclusão na sua rotina da prática da atividade física regular e bem orientada (SHEPHARD, 2003).

A Atividade Física é uma variável freqüentemente citada na literatura como sendo de grande relevância para a saúde em geral (CHEIK et al., 2003; MATHER et al., 2002). No caso da terceira idade, há fortes evidências de que o idoso que se exercita obtém uma variedade de benefícios, inclusive menos enfermidades e aumento na capacidade de enfrentar o estresse diário (DE VITTA, 2000; MIRANDA; GODELI, 2003).

Um programa de exercícios deve promover a melhoria da capacidade física do indivíduo intervinda sobre os efeitos deletérios resultantes do processo de envelhecimento, conseguindo maximizar o contato social dos sujeitos e procurando reduzir os problemas psicológicos, como ansiedade e depressão, características desse grupo populacional (MOTTA, 2002).

Na velhice, as mudanças podem ser descritas em termos de perdas e ganhos. O equilíbrio entre estas duas variáveis representa constante adaptabilidade humana. Na verdade, isso reafirma a importância de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança, expressada no termo "envelhecimento ativo", criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Em outras palavras, o "envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas" (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p.

13).

A qualidade de vida depende em todas as fases, do atrelamento às condições materiais, que são determinadas socialmente. O acesso ao conhecimento, à informação, etc., são essenciais. Segundo Salzedas e Bruns (2007) é importante que todas as fases de vida sejam “bem vividas”, pois, se uma fase fica mal resolvida, as outras, subseqüentes comprometem física, social, cognitiva ou emocionalmente a pessoa idosa. A qualidade de vida não é um simples modismo, algo passageiro a preencher o tempo dos leitores para, em seguida, ser descartada. Muito pelo contrário, ela se constitui em um dos objetivos a ser alcançado no presente estágio de desenvolvimento da humanidade. O prolongamento da vida é cada vez menos um desafio técnico para a ciência, haja vista a discussão recente sobre a eutanásia e a vida vegetativa mantida artificialmente. Cada vez mais, valoriza-se a qualidade de vida, em detrimento do aumento do tempo de vida, em condição limitada ou incapacitada.

O interesse pelo estudo da qualidade de vida (QV) tem sido crescente em várias áreas da atividade humana. O conceito de QV é subjetivo, multidimensional e influenciado por vários fatores relacionados à educação, à economia e aos aspectos socioculturais, não havendo um consenso quanto à sua definição. Atualmente, há uma tendência em se reconhecer a importância do ponto de vista do paciente em relação à sua própria doença para a monitoração da qualidade das medidas terapêuticas empregadas (CICONELLI, 1999).

Apesar de não haver consenso quanto à definição de QV, a maioria dos autores concorda que em sua avaliação devem ser contemplados os domínios físico, social, psicológico e espiritual, buscando-se captar a experiência pessoal de cada indivíduo. Nesse contexto questiona-se como transformar informações subjetivas, que envolvem conceitos individuais, em dados objetivos e mensuráveis e, também, como essas informações podem ser quantificadas e comparadas entre populações diferentes. Objetivando responder a essas questões, foram elaborados questionários de QV que possibilitaram a médicos e a pesquisadores transformar informações subjetivas em medidas quantitativas para que possam ser usadas em ensaios clínicos e em estudos econômicos (FADEN, 1992)

Características do envelhecimento e o contexto sócio-cultural tornam mais complicados a aferição da qualidade de vida dessa faixa etária. Fallowfield (1990), numa tentativa sintetizadora, mas que exemplifica bem essa complicação, diz que

há muitos eventos vitais relacionados à idade, que provocam problemas psicossociais; destes, “três concomitantes maiores da velhice afetam profundamente a qualidade de vida: deterioração física e mental, aposentadoria e luto”. Para Bowling (1995), aferir qualidade de vida é muito complexo e “os domínios que requerem medida entre os idosos incluem os problemas de saúde, que podem levar à incapacidade e invalidez, saúde mental, habilidade funcional, estado geral de saúde, satisfação de vida, estado de espírito, controle (autonomia) e suporte social”.

1.3.3 Envelhecimento em Movimento: sentidos das práticas grupais

Os centros de convivência da Terceira Idade têm se mostrado como possibilidade interessante para o equilíbrio social do idoso, incentivando a sua participação na sociedade e retardando os efeitos negativos da velhice. São sociedades civis sem fins lucrativos, muitas das quais já reconhecidas como entidades de utilidade pública, não só pelo Município como também pelo Estado e pela União, Possuem estatuto, regimento interno, inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, no INSS e no Conselho Nacional de Assistência Social.

Os profissionais que acompanham os grupos de idosos devem estar atentos ao compromisso de orientar sua ação educativa segundo um referencial de valores que inclua a justiça e a responsabilidade. Por justiça, espera-se que todos sejam aceitos e desfrutem as mesmas oportunidades, independentemente de seus atributos sociais e intelectuais, bem como por suas características de gênero e raça. Pela responsabilidade é desejável que se aceitem os direitos de cada um e o desejo de ser diferente, desde que não afetem os direitos dos outros.

No trabalho de orientação de grupos é necessário que se procure buscar uma relação positiva entre os membros participantes, independentemente das diferenças de raça, credo, classe social, etc., tentando mudar a cultura da discriminação. Também é necessário favorecer o relacionamento cooperativo entre os participantes do grupo, o respeito às iniciativas individuais, a liberdade de participação pelo direito de expressar idéias e pensamentos, ainda que diferentes dos demais, e o incentivo à participação de todos os membros do grupo no processo de tomada de decisões.

A idealização de projetos de vida na Terceira Idade é de suma importância,

pois proporcionará uma vida mais produtiva e a oportunidade de mostrar à sociedade que é capaz de produzir. Com isso, as pessoas que estiverem ao seu redor terão oportunidade de ver essa fase da vida de forma diferente, passando a acreditar que a Terceira Idade não representa o fim, já que inaugura uma nova fase com novos desafios a enfrentar. Assim, é conquistado o respeito dos jovens e o conceito de "velho acabado" é substituído pelo de "velho ativo".

Beauvoir (1990) nos apresenta que:

Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence (...) A sociedade destina ao velho seu lugar e papel levando em conta sua idiossincrasia individual, sua impotência, sua experiência. Reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta, portanto, descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice. Cada um desses aspectos vai reagir sobre os outros e ser afetado por todos esses outros. É nesse movimento indefinido dessa circularidade que é preciso' apreender a velhice.

A questão da ocupação do tempo livre tem sido uma preocupação das sociedades, notadamente naquelas cujo desenvolvimento tem liberado mais cedo os indivíduos da atividade do trabalho economicamente produtivo. Assim, o lazer tem se fortalecido como valor social a ser assumido no tempo livre, e mais particularmente no tempo livre da aposentadoria e da velhice. O lazer é um dos instrumentos mais evidentes nas atividades do trabalho social com grupos de idosos, pois se reconhece nessas práticas um número significativo de benefícios, tanto para a recuperação psicossomática como para a ocupação satisfatória do tempo livre.

Desenvolvido como instrumento de recomposição do desgaste físico e psicoemocional provocado pelo trabalho ou pelas possibilidades de crescimento pessoal e social, o lazer coloca-se acima da simples ocupação ou do mero entretenimento, devendo ser entendido como a forma mais elevada da atividade. Para Requixa (1977), ainda que o lazer possa ocorrer como uma pausa na ocupação cotidiana, é uma pausa ocupada na qual o indivíduo se recupera pela atividade, para voltar e melhor enfrentar o próprio cotidiano.

Nessa concepção as atividades de lazer devem propiciar experiências ricas sob o ponto de vista cultural e social, acrescentando à vida de seus praticantes, não

se esgotando na prática imediata de alguma atividade. O lazer é algo maior que a simples ocupação do tempo e deve ser o objetivo para o qual a ocupação deve convergir. Ao longo da vida é comum aos indivíduos a incorporação do hábito de algumas práticas de lazer que, quando satisfatórias, são mantidas ao longo de toda a existência, constituindo-se num referencial de qualidade de vida. Muitos idosos, por razões diversas, têm dificuldades de manter esse ideal.

Outra realidade é a dos indivíduos que, por razões de natureza econômica, não têm oportunidades de vivências sistemáticas de lazer ao longo do tempo de trabalho. É comum que a ausência dessas experiências se transforme numa grande expectativa e num projeto a ser vivenciado no tempo do envelhecimento. Para Rodrigues (2000), o idoso, que está naturalmente mais liberado de compromissos referentes ao trabalho e à família, encontra nas práticas de lazer uma maneira adequada para preencher o tempo livre e buscar sentido para a sua existência.

Essa realidade tende a se ampliar à medida que aumenta a expectativa média de vida, e a velhice acontece com menores problemas de saúde física e mental, ampliando as condições de mobilidade e independência dos idosos. Em decorrência dos progressos científicos a velhice estende-se por um número maior de anos e, em virtude das mudanças no estilo de vida, os idosos tendem a buscar mais a forma de vivência ativa do lazer.

Muito cuidado deve ser tomado para não se confundir o lazer com a simples atividade, que pode conduzir a um ativismo que não oferece maiores resultados quanto ao desenvolvimento pessoal e social. A atividade, quando inadequadamente conduzida, pode se converter num instrumento de alienação e empobrecimento cultural dos idosos.

Alguns autores, como Neri e Cachioni (1999), preconizam que as oportunidades educacionais são importantes antecedentes de ganhos evolutivos na velhice, uma vez que promovem o aperfeiçoamento pessoal, intensificam os contatos sociais e a troca de vivências e de conhecimentos.

Dessa forma, trocas estabelecidas podem propiciar a construção de uma velhice mais digna, tratando de temas que envolvem a saúde, a autonomia, projetos de vida e o bem-estar das pessoas idosas. Ainda, as atividades socioeducativas para idosos objetivam oferecer-lhes a oportunidade de atualização e aquisição de novos conhecimentos, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades e contribuindo para a compreensão e assimilação do processo de envelhecimento (CACHIONI; PALMA, 2006).

Envelhecer com saúde e qualidade de vida é um processo que deve ser facilitado pelas políticas públicas e pela possibilidade de acesso aos serviços sociais e de saúde ao longo do curso de vida. Entre as políticas destinadas aos idosos, a Política do Envelhecimento Ativo proposta pela Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso também sugerem a necessidade de aumentar as oportunidades de serviços para que os indivíduos possam autogerenciar sua saúde e optar por estilos de vida mais saudáveis.

Essas políticas reforçam que a educação é um dos instrumentos que propiciam ao indivíduo alcançar o envelhecimento ativo. Nesse âmbito, considera-se que a educação permanente é um meio eficaz para a valorização do idoso na sociedade, como um cidadão participativo. O convívio social implica o respeito às limitações individuais e o incentivo às interações grupais. A mediação entre indivíduos entre as vivências estabelecidas e os sentimentos dos sujeitos condicionarão a construção de sentido a se estabelecer.

1.4 De que lazer falamos?

A questão do lazer ao longo da história estabelece íntima relação com as particularidades do contexto em que a sociedade se encontra, traço esse, definidor da lógica com que determinadas vivências se processam. Por isso, uma incursão histórica faz-se necessária, pois o espaço e o tempo onde as práticas se estabelecem são condicionantes para a compreensão de sua complexidade. A forma como esse fenômeno é conceituado na atualidade tem íntima relação com suas nuances históricas.

A organização da sociedade ao longo do tempo deixa transparecer, por meio de seu arcabouço cultural, costumes, hábitos e formas de conagração, nas quais os indivíduos tecem relações nos diferentes contextos - no trabalho, na casa e na rua. As vivências relativas ao tempo livre ao longo da história se mostram arraigadas à essa constituição cultural.

Na dimensão cultural, no que se refere à produção de conhecimento no âmbito do lazer, tem-se uma série de autores que acreditam que esse fenômeno já

existia dentro de sociedades primitivas, representativo de vivências ligadas ao divertimento, enquanto um outro grupo de teóricos pensa e entende o lazer como um fenômeno característico da mudança dos mecanismos de produção, condicionada pela Revolução Industrial, fruto de conquistas trabalhistas, conforme descrito a seguir.

1.4.1 O Lazer: diferentes perspectivas ao longo da história

A presença do lazer na antiguidade pode ser destacada na obra de Sebastian De Grazia (1966), sendo que suas observações sobre a vida social dos filósofos da antiga Grécia, apontam que:

“O grego Skholé era um termo que, no uso comum, denotava um tempo desocupado, um tempo para si mesmo que gerava prazer intrínseco. Para Aristóteles, o lazer era um estado filosófico no qual cultivava-se a mente por meio da música e da contemplação. Esse estado seria alcançado apenas por aqueles que conseguiam libertar-se da necessidade de estar ocupado (e de realizar o trabalho produtivo, que era visto como indigno). O ideal clássico de lazer indicava, portanto, distinção social, liberdade, qualidade ética, relação com as artes liberais e busca do conhecimento” (DE GRAZIA, 1966, p.35).

Melo e Stoppa (2003) contextualizam que, na Grécia Antiga, notadamente em seu período de maior florescimento cultural, valorizava-se, acima de tudo, a contemplação e o cultivo de valores nobres, como a verdade, a bondade e a beleza. Por isso, considerava-se que o trabalho cotidiano e suas mazelas eram elementos que atrapalhavam a plena vivência desses valores, já que reduziam o tempo livre necessário para a dedicação ao estado de contemplação esperado. Para esse princípio de vida, o tempo livre ganhava importância, não como momento de pura desocupação, mas como oportunidade de crescimento espiritual.

Frédéric Munné, embora discorde de Sebastian De Grazia em muitos pontos, também é favorável à tendência de que a ocorrência do lazer antecede a Idade Moderna. Para este psicólogo social, o ócio é um modo típico de nos comportarmos no tempo, que se estrutura em quatro áreas de atividade: 1) o tempo psicobiológico (destinado a necessidades fisiológicas e psíquicas); 2) o tempo socioeconômico, fundamentalmente referido ao trabalho; 3) o tempo sociocultural,

em que nos dedicamos à vida em sociedade; e 4) o tempo de ócio, destinado a atividades de desfrute pessoal e coletivo (MUNNÉ; 2002 citado por GOMES, 2004).

Munné (1980), citado por Gomes (2004), apresenta que a questão do “descanso para o corpo” e “diversão para o espírito” foram introduzidas em Roma e essas características se tornavam presentes como condição para retomada dos negócios (trabalho no comércio, exército, política, serviço público). Salienta, ainda, que havia uma estratificação social para a vivência do ócio, na qual a meditação se relacionava às elites intelectuais e os grandes espetáculos faziam parte das vivências das pessoas comuns, com sentidos de descanso e divertimento. Tem-se então, a questão do “pão e circo”, mecanismo de poder, onde simbolicamente a despolitização e redução do povo enquanto mero espectador se fazia presente.

Medeiros (1975, p.3) apresenta o entendimento de lazer ligado à questão da necessidade humana, como atividade relacionada a um tempo de organização livre, desconectado de quaisquer obrigações. Segundo a referida autora o marco para esse entendimento, pode ser percebido em:

[...] Tão impiedosa é a necessidade de dispor de algum tempo livre, que o próprio Criador, ao terminar a Sua obra, descansou e ordenou que todos, sem distinção de classe, guardassem o sábado (palavra oriunda de shabbath, dia de descanso em hebraico). Por lhe parecer fundamental esse repouso, ordenou ao homem: trabalharás seis dias e farás nele tudo o que tens a fazer. O sétimo dia porém, é o dia consagrado ao Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem teu escravo...² Preocupado com a obediência ao preceito, recomendou: tende grande cuidado de observar o meu sábado, porque este é o sinal que eu estabeleci entre mim e vós, e que deve passar depois de vós a vossos filhos, continuando por advertir: aquele que violar será castigado com a morte. Se algum trabalhar neste dia, perecerá no meio do seu povo.³ (MEDEIROS, 1975, p.3)

Assim, a questão do estilo de vida e a realidade cultural em que os sujeitos se inserem se relacionam com deveres e obrigações, nas quais as vivências de lazer vão ganhar sentido e lugar de acordo as necessidades e com o cumprimento das atividades relativas à sobrevivência, nos ambientes de trabalho.

Melo e Alves Júnior (2003) ao retratarem a divisão social do tempo na Idade Média, discutem que não havia uma separação categórica do tempo de trabalho e de não-trabalho. Os servos trabalhavam seguindo os desígnios e desejos dos nobres, enquanto a dinâmica do tempo da natureza era seguido pelos trabalhadores

² Bíblia Sagrada. Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro, Ed. Barsa, 1966. Ex. XX. 9-10.

³ Id., Ex., XXXI, 13-14.

no plantio, sendo que os artesãos e comerciantes tinham flexibilidade nesses momentos. A questão do não-trabalho passa a ser entendida como enobrecimento, enquanto o lazer como um emaranhando de pecados.

Werneck (2000, p.135), apresenta que:

[...] a Idade Média caracterizou-se por uma economia predominantemente agrícola e por uma sociedade fechada entre a nobreza que possuía terra e os camponeses que viviam em estado servil. Foi um período marcado pelo recuo da noção de Estado, no qual prevaleceu um sistema de pensamento fundamentado na lei religiosa e definido pela Igreja, representada pelo clero. Nos inúmeros feriados existentes no período, os poderes hegemônicos procuravam controlar as festas e os divertimentos, procurando conferir às práticas culturais o caráter de culto e de cerimônias oficiais sérias. As festas oficiais consagravam a desigualdade, a imutabilidade e a durabilidade das hierarquias, das normas e dos tabus religiosos, políticos e morais.

Na cultura popular na Idade Média e no Renascimento, estratégias de resistência no que se refere ao não entendimento lícito das vivências de lazer, por meio de ritos e espetáculos cômicos, maneiras de subversão da ordem eram apresentadas, na vida medieval em contraste com as festividades oficiais. Os carnavais, por exemplo, levavam multidões às praças e ruas durante vários dias, questionando a verdade dominante e o regime vigente (BAKHTIN, 1979).

Munné (1980), citado por Gomes (2004), observa que, com o renascimento, os estratos superiores da sociedade poderiam se entregar ao dolce far niente, ou seja, entregar-se ao desfrute de nada fazer. A vida cultural da classe ociosa se converteu, quase integralmente, em um jogo de sociedade no qual se valorizava o passar do tempo sem realizar nada produtivo. Isso devia-se a um sentido de indignidade do trabalho e à demonstração da capacidade pecuniária que permite uma vida de ociosidade, reflexo de prestígio, riqueza, poder e respeitabilidade social.

Gomes (2004) ressalta que, diante do valor ético e religioso do trabalho ressaltado pelas idéias puritanas na Modernidade, perigos se relacionavam com a ociosidade. Sob essa lógica, o processo produtivo poderia estar ameaçado diante das distrações e dos prazeres. Assim, a atividade laboral poderia ser desvalorizada e, principalmente, comprometida.

Essas concepções foram imprescindíveis para a consolidação do capitalismo e do modelo produtivo em que o enaltecimento do trabalho era uma característica marcante, em detrimento do controle dos divertimentos populares. Assim, o não-trabalho era desvalorizado, encarado em posição contrária ao desenvolvimento e manutenção da ordem, inculcando, assim, normas, valores e

predisposições.

Melo e Stoppa (2003, p.6) mostram que:

No quartel final do século XVIII, com o advento da implantação do modelo de produção fabril e da organização do trabalho em fábricas, observa-se uma artificialização dos tempos sociais. Isto é, o tempo de vida diário passa a ser demarcado pela jornada de trabalho, aliás excessiva nessa fase inicial do capitalismo (de 12 a 16 horas diárias), além de indefinida no que se refere a faixa etária e sexo (homens ou mulheres, adultos, crianças ou idosos) e não regulamentada (não havia férias, aposentadoria, dia de não-trabalho remunerado etc.). Todos deviam seguir uma rotina rígida, com hora de entrada, de almoço e de saída. O homem começa a se submeter às imposições das máquinas. Uma crítica contundente a tal modelo pode ser observada no filme *Tempos modernos*, de Charles Chaplin.

MELO (2010) define o lazer com “*atividades culturais vivenciadas (assistidas ou fruídas) no tempo livre do trabalho e das obrigações, com o intuito de busca de uma diversão prazerosa, que não visa a obtenção do lucro.*” (p. 17).

Afirma que ele deve ser entendido como um fenômeno historicamente situado devido as suas características, pois englobam múltiplos conhecimentos. Corroborando com o referido autor, observa-se que o estudo do lazer é de natureza multidisciplinar, precisa do intercambio e do diálogo de diversas áreas do conhecimento, afim e ampliar a sua compreensão. Ressalta que embora as diversões tradicionais e modernas convivam em harmonia, a elas são atribuídos sentidos e significados diferenciados em determinado momento histórico.

O lazer caracteriza-se por um fenômeno eminentemente moderno, mas observa-se que os momentos de diversão ao longo da histórica são de grande relevância social, ou seja, expressam o momento político, histórico e social em que a sociedade vivia/vive, bem como a utilização de cada espaço para esta prática.

O fato de ser considerado um fenômeno moderno deve-se ao marco de organização de sua prática, datada a partir do século XVIII. A Revolução Industrial contribuiu efetivamente para esta organização, devido à mudança da jornada de trabalho que outrora limitada pela natureza, desejos humanos ou pela ordem social vigente. Surge, neste momento histórico uma nova temporalidade, o tempo livre, que MELO (2010) o conceitua como “artificial”, devido a fábrica estabelecer o seu funcionamento e determinar os rumos sociais. O tempo livre era dedicado as “*obrigações diárias, as decorrências do trabalho, as necessidades fisiológicas e os momentos de lazer*”.

MENDES (2010) afirma que

uma sociedade é formada por um conjunto complexo e infinito de elementos, pertencentes à dinâmica das relações e das práticas sociais pelas quais os homens se articulam uns aos outros, produzindo, num determinado tempo e espaço, variáveis e infinitas combinações. Isso significa dizer que cada sociedade vai conceber, diferentemente de nós, valores e práticas com as quais criam um sistema social único no tempo e no espaço.

O século XVIII é marcado por diversas transformações no âmbito econômico, político, social, o que proporciona a ascensão da classe burguesa. Dentre os eventos ocorridos que proporcionaram tais transformações, temos a Revolução Francesa e Industrial, que geraram diversos desdobramentos na estruturação das fábricas, das cidades e das vivências sociais. Destaca-se neste período a reorganização do tempo social, que segundo MELO (2010, p. 102) é em decorrência da “artificialização do tempo de trabalho”, pois este passa a seguir as marcas do relógio. Há, também, a origem do delineamento do tempo livre em decorrência de reivindicações e lutas da classe operária. Observa-se que a partir dessa nova configuração econômica, focada na produção, são geradas novas formas de diversão, dentre elas cita-se algumas atividades noturnas, devido o advento da luz elétrica, e as viagens, devido o advento do trem. O desenvolvimento de tais diversões deve-se aos avanços tecnológicos que as revoluções supracitadas e o Iluminismo proporcionaram.

O lazer, neste contexto, imbuído do ideário da modernidade, incorpora os novos ditames sociais. Assim conforme MELO (2010, p. 104) ele “capta e expressa, incorpora e ressignifica as tensões do processo”. Desta forma, ficam evidentes as articulações entre o social, econômico e cultural desta nova classe econômica, a burguesa. O lazer era utilizado para nas relações comerciais, uma forma de reforçar estratégias e laços. MELO (2010, p. 105) afirma que as experiências modernas são construídas de um espaço/tempo social, e o esporte enquanto fenômeno social é um exemplo dessa construção.

No final do século XIX, o lazer ira definir-se, na égide da construção de uma sociedade do espetáculo, como um fenômeno de massas. Ele deve ser entendido no âmbito da consolidação do projeto de cidade moderna, não só como disputa e resistência: uma grande (se não maior) campo simbólico de tensões entre as diferentes camadas sociais

As atividades de lazer neste período é uma das experiências sociais mais típicas deste período, em decorrência das intervenções multifacetadas. MELO (2010) afirma que “*o ambiente urbano torna-se uma arena de grande circulação de mercadorias e lócus privilegiado de vivências sociais*”. Observa-se que as atividades de lazer e as diversões em ambientes públicos é resultado do avanço do capitalismo, que propiciaram, segundo MELO (2010) “*o crescimento do poder dos meios de comunicação e da influencia da publicidade*”. Corroborando com o autor supracitado:

As vivências de lazer ganham um papel estratégico preponderante e apresenta-se como marcas de um novo “modus vivendi”, fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas.

MELO (2010) afirma que “As atividades publicas de lazer ganham papel fundamental na construção da nova forma de organização urbana, um novo mundo”. “A atividade lúdica é ubíqua componente da vida em sociedade e parecer constituir elemento fundamental na vida social hodierna”

O entendimento no surgimento do lazer na Modernidade atrela suas características à Revolução Industrial no que se refere à mudança dos mecanismos de produção, a interferência no cotidiano das práticas dos sujeitos, e que portanto expressam características desse novo momento, como: tempo produtivo/tempo livre, descanso/divertimento e privilégio/direito.

Gomes (2004) apresenta que a tese de que o lazer sempre existiu é refutada por vários pesquisadores, como Joffre Dumazedier (1979). Ao analisar as sociedades do período arcaico, o autor sublinha que trabalho e jogo estão associados às festas. Embora sejam diferentes, trabalho e jogo possuem significações de mesma natureza na vida da comunidade: eles se mesclam, e a oposição entre ambos é menor ou inexistente. Assim, ele considera que o lazer é um conceito inadaptado ao período arcaico. O autor acredita que o lazer foi gestado nas sociedades industriais avançadas – capitalistas ou socialistas, “o lazer corresponde a uma liberação periódica do fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho” (DUMAZEDIER, 1979, p.28).

Houve uma mudança de enfoque determinante para o lazer no século XIX. As características que envolvem esse fenômeno são específicas e tipicamente modernas, mostrando-se como fenômeno autônomo, organizado e normatizado,

mantendo relações dialéticas com a questão do trabalho, das obrigações, sendo acompanhado sob uma nova perspectiva de tempo, espaço e hábitos dos indivíduos.

Para Marcellino (1990, p.36):

O lazer, como é entendido hoje, é um fenômeno que tem seu surgimento ligado ao trabalho assalariado, característico da Pós-Revolução Industrial. Esta identidade de origem acaba criando uma relação de independência entre eles, fazendo com que o entendimento de ambos não se dê de uma forma estanque (MARCELLINO, 1990).

Em diferentes épocas se revelam modos de perceber e retratar a realidade social, condicionada pelas vivências e pelo pano de fundo que envolve o cotidiano dos indivíduos. Logo a maneira como o lazer se apresentou no decorrer da história é traço definidor do seu sentido na atualidade.

1.4.2 Lazer: aspectos conceituais

Em toda sociedade, as pessoas vivenciam situações com sentidos e lógicas próprias como o trabalho, em busca da sobrevivência ou para emancipação humana, bem como momentos de lazer, desprovidos de obrigação e permeados de prazer e ludicidade. Nas suas esferas de atuação, os indivíduos travam concepções do que fazem, pensamentos, valores que permitam aos mesmos conduzirem seu cotidiano.

Pinto (1998, p.67) afirma que:

o traçar de concepções de lazer leva-nos a desconstruir dualidades entre o particular e o coletivo, um sem abafar o outro, e entre autoridade e liberdade, com a conquista de parcerias entre os co-responsáveis pelo jogo, todos aprendendo e ensinando, sensíveis às heróicas resistências das 'malandragens do corpo' no jogo jogante que joga com todos.

Conceituar lazer é uma tarefa complexa, pois as pessoas não são acabadas e a sociedade está sempre em transformação, sujeita a constantes ressignificações de valores. As características que envolvem a dinâmica cultural estão em constantes mudanças e os indivíduos no seu cotidiano retratam maneiras diferenciadas de conduzir esferas, como trabalho e lazer. Dessa forma, podem vir à tona inúmeras

percepções a respeito do significado e sentido do lazer, as quais podem levar a novos entendimentos e conceitos.

Mesmo que, historicamente, tempo livre e lazer não sejam sinônimos, a aproximação entre ambos foi intensificada neste contexto social. Essa aproximação foi uma decorrência dos processos de direcionamento, controle e normatização burgueses que, acatando os preceitos do modo de produção capitalista, conceberam o trabalho como referência primordial da vida em sociedade. É neste âmbito que o entendimento de tempo livre passa a ser amplamente assimilado como lazer.

Marcassa (2005, p.255) nos apresenta que:

Ao mesmo tempo, acompanhando o desenvolvimento das cidades e do modo de vida urbano, a expansão do comércio faz surgir uma série de serviços ligados aos divertimentos e à cultura lúdica, isso sem falar do associativismo que conferiu à sociabilidade compartilhada por meio do esporte, dos jogos e dos passa-tempos típicos das classes dominantes, um elemento de identidade e distinção social. Assim, somadas à iniciativa dos centros de recreio e à intervenção pública na tradição dos divertimentos populares – normalmente no que se refere à criminalização do ócio -, tais manifestações conferem forma ao tempo, ao espaço e às práticas que passam a constituir o lazer, uma instituição social que, nesse contexto, agregou determinados comportamentos e modos de utilização do tempo livre, conferindo à prática de lazer um estatuto próprio.

Dumazedier (1979, p.28), ao tratar da definição do termo lazer, o estabelece como “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode integrar-se de livre vontade, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

Dumazedier (1979, p.28), destaca um sistema de caracteres específicos e constituintes do lazer:

Caráter literário: o lazer é liberação de obrigações institucionais (profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas) e resulta de uma livre escolha; Caráter desinteressado: o lazer não está, fundamentalmente, submetido a fim algum, seja lucrativo, profissional, utilitário, ideológico, material, social, político, sócio-espiritual; Caráter hedonístico: o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si: isso me interessa. Essa busca pelo prazer, felicidade, alegria ou fruição é de natureza hedonística e representa a condição primeira do lazer; Caráter pessoal: as funções do lazer (descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade) respondem às necessidades do indivíduo, face às obrigações primárias impostas pela sociedade.

A ocorrência do lazer no cotidiano das pessoas se apresenta envolto por uma dinâmica cultural, onde vivências lúdicas num dado tempo e espaço conquistados, estabelecem relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações.

Magnani (1996) contraria leituras unilaterais e entende o lazer como espaço para o desenvolvimento de culturas e valores. Desta forma, “os momentos de lazer não podem ser considerados apenas por seu lado instrumental, passivo e individualizado”. Isto porque existe um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade”.

Nos momentos de lazer, os grupos tecem redes de sociabilidade, exercitam seus símbolos e códigos comuns, reorganizam-se e abrem novas possibilidades de intervenção na realidade. Essas redes de sociabilidade são tecidas a partir do potencial de expressividade e dos múltiplos significados do corpo, que, ao longo da história, passa a se comunicar com o mundo por meio das relações estabelecidas em diferentes contextos sociais. Em virtude desses significados e signos, o corpo passa a se expressar e interagir com o mundo que o cerca, expressando de maneiras diferenciadas de acordo com os estímulos intrínsecos ou extrínsecos recebidos em seu cotidiano.

As práticas corporais dos sujeitos, ou seja, os movimentos que dão dinâmica aos envolvimento, seja no trabalho, no lazer, ou em outras esferas da vida humana, se mostram cotidianamente influenciadas e permeadas por interesses, lógicas e sentidos, onde o corpo passa a ser veículo e meio de expressão de valores, crenças, ideais, constituídos histórico-culturalmente, como uma maneira de se comunicar com os estímulos recebidos, com a realidade na qual estejamos envolvidos.

Esses corpos tecem envolvimento que se processam num dado tempo, pautado por desejos, anseios e com objetivos bem definidos, seja, distração, descanso, desenvolvimento, que levam a sensações de prazer, entrega e renúncia, ou seja, homens e mulheres se interagem, através de suas identidades, em dadas estruturas, permeadas a interesses e fragmentações.

Marcellino (2000, p.15) ao citar Dumazedier (1979), apresenta que:

[...] o que se busca predominantemente em uma atividade de lazer, interesses e motivações preponderantes que os levam a praticá-la, é o que permite a classificação do lazer em seus conteúdos. A classificação efetuada por Dumazedier divide o conteúdo do lazer em seis categorias: os interesses físicos, artísticos, práticos ou manuais, intelectuais, sociais e

turísticos. Não se deve pensar nestas categorias isoladamente, pois estes interesses partem de opções pessoais, sendo o homem considerado de maneira integrada, corpo e mente, e que a escolha de uma atividade não a restringe a uma categoria, podendo transitar entre os diversos interesses.

Andaki e Silva (2002) afirmaram que, na classificação de Dumazedier, as categorias são divididas de acordo com o predomínio em si mesmas, ou seja, cada uma das vivências tem correlação direta com o objeto empregado, ou seja, no interesse artístico, o predomínio é estético, nos interesses intelectuais temos o contato com o real, nos interesses físicos há predomínio das modalidades esportivas e atividades físicas, as atividades manuais são caracterizados pela manipulação e transformação de objetos e materiais, os interesses sociais, são alcançados com o convívio social enquanto o turístico, surge o interesse por novos lugares e culturas.

Em contraste à visão estabelecida anteriormente, Melo e Stoppa (2003), ao buscarem uma classificação para as atividades de lazer, acreditam que Dumazedier, ao apresentar sua classificação, procura dividi-la de acordo com o interesse central desencadeado. Em outras palavras, o indivíduo é motivado a buscar a atividade, mas o programa de vivências deveria ser elaborado de acordo com as possibilidades de mobilizar diferentes sensibilidades, e interesses dos indivíduos da seguinte forma: interesses, físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais.

Tomado como atitude individual, comunitária ou participativa, o lazer projeta-se como ato humano de perspectiva personalizada e individualizada. Realiza-se em plenitude sempre que as pessoas sentem-se bem com o relaxamento físico e psicológico que se manifesta em seu todo, quando, de fato, elas percebem as diversas sensações ou o gozo do repouso. Por ser ato humano, o lazer individual e em grupo deve revelar a qualificação da inteligência, a disposição da vontade e a liberdade da realização de atos destinados à distração e/ou ao repouso do corpo e da mente. Também, de imediato ou não, de forma concomitante ou não, a própria atividade de lazer pode manifestar os diferenciais de níveis, graus e volumes que costumam revelar a variedade de necessidades, gostos e conveniências de pessoas e grupos, singularmente considerados (KOWALSKI, 2007).

Para Bramante (1998:08):

o lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É

feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciados por fatores ambientais”.

O mesmo autor acredita que a ludicidade, compreendida como eixo principal da experiência de lazer, é uma das poucas unanimidades entre os estudiosos que teorizam sobre o tema. Esta é, pois, uma referência marcante da discussão conceitual do lazer no contexto brasileiro, pois, em outros países, nem sempre verificamos o mesmo encaminhamento. No Brasil, mesmo com as particularidades que distinguem cada pesquisador, a presença do lúdico pode ser constatada em várias abordagens.

Gomes (2004) apresenta o entendimento de lazer de Mascarenhas (2000), em que o lazer deve constituir um espaço de organização da cultura, ampliar as oportunidades para que se questionem os valores da ordem social vigente, de maneira que as pessoas não apenas vivenciem, mas também produzam cultura.

A mesma autora, nessa mesma obra, ao analisar as concepções de lazer existentes na atualidade, acredita que o lazer é uma dimensão da cultura construída socialmente, em nosso contexto, a partir de quatro elementos inter-relacionados:

Tempo, que corresponde ao usufruto do momento presente e não se limita aos períodos institucionalizados para o lazer (final de semana, férias, etc.);
Espaço-lugar, que vai além do espaço físico por ser um “local” do qual os sujeitos se apropriam no sentido de transformá-lo em ponto de encontro (consigo, com o outro e com o mundo) e de convívio social para o lazer;
Manifestações culturais, conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento;
Ações, que são fundadas no lúdico – entendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com realidade.

Assim, a cultura institui uma expressiva possibilidade para se conceber o lazer em nossa realidade histórico-social. Apesar de neste texto não se pretender aprofundar conhecimentos sobre o conceito de cultura, pauta-se no pressuposto de que a cultura constitui um campo de produção humana em várias perspectivas, e o lazer representa uma de suas dimensões: inclui a fruição de diversas manifestações culturais.

O lazer compreende, dessa maneira, a vivência de inúmeras práticas culturais, como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e

também as formas de arte (pintura, escultura, literatura, dança, teatro, música, cinema), dentre várias outras possibilidades. Inclui, ainda, o ócio, uma vez que esta e outras manifestações culturais podem constituir, em nosso meio social, notáveis experiências de lazer (GOMES, 2004).

Esse lazer vem sendo também tratado de modo a ocupar o tempo disponível das pessoas, sem oportunizar vivências nos conteúdos culturais do lazer, propondo muitas vezes programações de atividades que refletem interesses e ideologias.

A ocupação do tempo disponível das pessoas passa a ser algo lucrativo. Eventos fora de uma conjuntura, alheios a políticas de lazer, levam este a ser tratado como mercadoria. Trata-se de um produto apresentado, onde características que permeiam a questões como: bem-estar, descanso, satisfação e desenvolvimento passam a ser vendidos.

Não significa que o lazer só tem significado quando é público e não gera custo às pessoas, ou que o setor privado não oferece opções interessantes e atrativas de lazer, mas que a agregação do termo a algo inacessível reduz as possibilidades humanas frente ao lazer.

Relacionando o lazer ainda como direito social, Marcellino (1996:83) relata que:

na Constituição de 1988, o lazer consta do Título II, Capítulo II, Artigo VI, como um dos direitos sociais: o termo aparece em outras ocasiões, mas só é tratado quanto à formulação de ações no Título VIII, Capítulo III, Seção III, do Desporto no Artigo 217, no terceiro e último parágrafo do item IV, o Poder Público icentivará o lazer como forma de promoção social”, ressaltando assim o caráter assistencialista do governo, dando ênfase utilitária ao lazer.

Mesmo assegurado como um direito social na Constituição, Melo (2001:72) relata que “lamentavelmente o trato que o lazer recebe em algumas administrações se caracteriza mais por concessão do que por afirmação de um direito social. Muito nos intriga o fato da temática ser tratada, em alguns casos, apenas como adendo da administração pública, ou então como um ramo menos importante e que sua falta não seria sentida pela população”.

Sendo assim, o lazer é encarado como um privilégio, que de vez em quando nos é concedido e não como um direito, diminuindo a relevância do lazer, do nosso direito e do lazer como direito.

Ainda sobre o tratamento para com o lazer, Cavalleiro e Salgado (1996), apud MARCELLINO (1996:15), explicitam que “uma das características das atividades de lazer é a opção, e essa está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece”. Para tanto, esse conhecimento, esse aprendizado, implica na consideração da necessidade de “difundir o significado, esclarecer a sua importância, incentivar a participação e transmitir informações que tornem possível seu desenvolvimento ou contribuem para aperfeiçoá-lo”.

No desenvolvimento da cultura o lazer segundo FARIA e COSTA (2002), “pode ser altamente educativo principalmente na forma como é desenvolvido com atividades pedagógicas que utilizam o lúdico e o jogo para o aprendizado”, de acordo com MARCELLINO (1996), “o lazer possui um duplo processo educativo; primeiro ele é um veículo privilegiado da educação (educação pelo lazer); segundo, para a prática de atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis mais elaborados, complexo, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade (educação para o lazer)”.

Segundo PBH (1995), para ampliação, diversificação e democratização de possibilidades de vivências de diferentes conteúdos culturais no lazer, os educadores e educandos precisam estar atentos ao exercícios do desejar e realizar, aos conhecimentos que requerem os fazeres e o fato de como, no nosso cotidiano, o gosto popular vem sendo condicionado por certos modelos dominantes, mas, também preservados, ou transformados.

WERNECK (2002), citando Santos (2000), pondera “que as vivências de lazer possibilitam a espontaneidade própria das camadas populares podendo contribuir com a renovação do mundo. Muitas práticas culturais podem constituir autênticas formas de lazer popular, representativas do povo fazendo cultura e, especialmente por isso, fazendo política.

Nessa perspectiva, para CAVALLEIRO e SALGADO (1996), “o lazer, enquanto direito do cidadão – direito esse, de intervir na definição de diretrizes, que garantam tanto o acesso à participação, quanto à criação cultural – colabora para a humanização dos homens e da cidade, mediante a apropriação, a consolidação e a inauguração de novos direitos que perfazem a condição da cidadania”.

Nesse contexto, MARCELLINO (1996) constata que “participação cultural seria a atividade não-conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente

situados. A entendendo ainda, como uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista, não só a instauração de uma nova ordem social, mas de uma nova cultura. Não significando o isolamento do plano cultural, do social e do econômico, mas tão-somente, não cabendo justificar o imobilismo pela existência de uma ordem social adversa.”

O “escolher” deve ser feito mediante a “elaboração” de modo coletivo, isto é, que essa escolha não reproduza padrões já existentes, ou os interesses de uma minoria e sim faça parte de um processo democrático.

Nessa perspectiva WERNECK (2002) considera que “o lazer não se restringe ao consumo alienado, proporcionando por meio das oportunidades que padronizam gostos e preferências; que tratam os sujeitos como se fossem meros objetos desprovidos de histórias de vida singulares e que ignoram as questões culturais, políticas e sociais mais amplas que nos constituem”.

MENDES (2010) afirma que o tempo livre contribui para que o indivíduo tenha um sentimento de liberdade, pois este poderá ser utilizado da forma que quiser “trabalho remunerado ou não, cuidados pessoais, reflexões intelectuais, repouso, esporte e demais tipos de entretenimento ou deleite”. Salaria que este sofre grandes influências das configurações econômicas, sociopolíticas e culturais, o que repercute diretamente na concepção e nos modos que se usufrui deste tempo.

Em uma interpretação marxista, o lazer estaria determinado pelo desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção. O modo pelo qual os homens produzem seus recursos e as relações materiais que estabelecem entre si se refletem nesses momentos e nas relações que se configurariam no seu interior. A compreensão desse fenômeno seria indissociável, por exemplo, da percepção do acesso diferenciado e posições desiguais em relação ao controle e propriedade dos meios de produção MASCARENHAS (2010).

A relação que se estabelece entre lazer e sociedade é dialética, ou seja, a mesma sociedade que o gerou, e exerce influências sobre o seu desenvolvimento, também pode ser por ela questionadas, quando se experimentam seus valores. E isso torna muito importante a atuação no plano cultural, pois o tempo de lazer, ao lado do divertimento e do descanso, pode ser também um tempo de desenvolvimento pessoal e social, ou seja, um tempo privilegiado para vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural, necessárias para solapar a estrutura social. E o contato com esses valores pode se dar numa

perspectiva de reprodução da estrutura vigente, ou da sua denuncia e anúncio – pela vivencia de valores diferentes dos dominantes – imaginar e querer vivenciar uma sociedade diferenciada (MARCELLINO, 2007)

As atividades físico-esportivas e o lazer constituem práticas socioculturais em permanente construção. São formas de conhecimento, saberes enraizados na cultura; suas manifestações se expressam em linguagens, formas modernas de significação coletiva do mundo, e são, ainda, possibilidades éticas e estéticas de humanização, se realizados e praticados como experiências educativas capazes de promover a emancipação e não a barbárie. (ISAYAMA, 2007)”

“Dentre as possibilidades de desenvolvimento do lazer, Dumazedier (1980) aponta que as atividades de engajamento social, tais como as atividades socioespaciais e sociopolíticas, são importantes conquistas do homem, orientadas a fins desinteressados, para a expressão, para a criação ou para recriação das pessoa, em si mesma (p.166) ou ligadas a satisfação de necessidades sociais.

Para ele, essas atividades tem um importante função socializadora, principalmente as voltadas para as reuniões familiares e para os diferentes tipos de associações voluntárias, que podem ser vistas como complemento, compensação ou substituição aos organismos políticos”

De acordo com Chauí (1989), para o individuo existir socialmente, é indispensável participar, uma vez que não há participação sem informação, o que significa que não há democracia, caso não aconteça a participação. Nesse sentido, sem um compromisso com o desenvolvimento de uma consciência crítica, a informação torna-se alienante e manipuladora, deixando assim, de garantir uma efetiva participação.

STOPPA (2007) apresenta que essa participação em movimentos sociais como um processo de aprendizagem política em que pessoas e grupos aprendem a organizar-se, mobilizando recursos e traçando estratégias de ação, Sandoval (1989) aponta alguns fatores que podem impulsionar ou, na sua ausência, manter pessoas alheias a mobilização, tais como: fatores demarcadores das fronteiras dos agrupamentos e da comunidade; fatores contribuidores a solidariedade; fatores relacionados a vida organizativa e ao repertorio de ações coletivas”

“O lazer pode ser um excelente caminho para a vivência desse aprendizado, não de uma perspectiva funcionalista, que apenas ajude as pessoas a conviver com

as injustiças da sociedade, mas como uma questão de cidadania, de participação cultural.” (STOPPA, 2007).

1.4.3 Lazer: discussões sobre Tempo e Atitude

A discussão sobre o tempo existente para as práticas de lazer caminha lado a lado com a questão da atitude, ou seja, as experiências vividas pelos sujeitos num dado tempo provocam sensações e expectativas com a situação vivenciada que estão dessa forma intimamente ligados ao interesse em intervenções futuras, o que revela gostos e preferências, e influencia ações e posicionamentos.

Para Marcellino (2006), as atividades de lazer ligadas ao aspecto atitude serão caracterizados pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade.

Estudos realizados no Brasil indicam mudanças nas concepções de homens e mulheres, apontando para a constituição de uma sociedade mais igualitária e, ao mesmo tempo, revela que ainda estão presentes práticas tradicionais que parecem mudar de forma lenta e pontual em alguns aspectos, apontando assim para maior igualdade de gênero (ARAÚJO; SCALON, 2005).

Na modernidade, a questão do lazer está intimamente ligada a problemática do trabalho, onde tempo e atitude servem como cenário para as relações entre homens e mulheres travadas cotidianamente, e esses sujeitos se manifestam de acordo com as estruturas onde se inserem, com seus códigos e valores, que interferem na formação de sua identidade.

É consenso, ao menos nas ciências sociais, que vida e tempo se misturam, se formam, se influenciam e até se determinam. A vida é, inegavelmente, marcada pela divisão do tempo em minutos, horas, dias, semanas, meses, anos, e neles: etapas de desenvolvimento do ser humano. Essas fases se caracterizam ainda por atividades correspondentes, tais como: crianças brincam, adolescentes e jovens estudam, adultos trabalham e velhos descansam. As maneiras de medir o tempo também são diversas e evoluem ou se transformam com o desenvolvimento da humanidade (PADILHA, 2000).

No entanto, a vida não se relaciona apenas com o tempo, mas também com o espaço. As mudanças no tempo alteram a organização do espaço e vice-versa. Dupuy (1975), citado por PADILHA (2000), nos diz que a produção capitalista divide não só o tempo como também o espaço. Na sua opinião, a divisão fundamental tempo de trabalho/tempo livre está inscrita no espaço, na medida em que o território de cada um não é mais um espaço conexo. É preciso se deslocar no espaço para sair do tempo de trabalho e entrar no de lazer, por exemplo.

Com base na concepção sociológica de que tempo livre é aquele no qual não se está sujeito à obrigação, a concepção do tempo livre é o tempo de liberdade para a liberdade. A denominação tempo livre passa por muitas dificuldades, pois, tentar pensar em temas sociais, humanos, numa época de profundas crises, de mudanças severas de concepções político-ideológicas supostamente enraizadas no decorrer das décadas e ainda dos séculos não é tarefa fácil. Ainda mais difícil é tentar desenvolver idéias num campo que se ocupa do ócio, do tempo livre, do jogo e de brincadeira, quando historicamente essas noções têm sido negadas, perseguidas e anatematizadas como destruidoras do humano do homem, símbolo do pecaminoso, do banal. Eram (e talvez para alguns ainda sejam) épocas em que o trabalho, entendido como sacrifício, era a melhor e única forma de aproximar-se do teológico, do perfeito. O trabalho e só ele, “purificava” o homem, fazia-o merecedor de um destino de salvação. Durante séculos, educaram-se, prepararam-se e formaram-se pessoas para um mundo em que o trabalho era o primordial. E atenção para o trabalho, mas não para o usufruto de seus resultados, não para a fruição do produzido. Para o uso obrigado de um tempo em prol de uma concepção axiológica centrada na divindade e no pecado. O homem não podia nem queria permitir-se ser ele mesmo. A concepção da natureza humana imutável e predeterminada o marginalizava de uma real participação, de uma decisão meditada, de um desenvolvimento autônomo (KOWALSKI, 2007).

Ao tratar das noções de tempo livre, Marcassa (2005) apresenta que o substitutivo mais veiculado no campo é, sem dúvida, aquele proposto por Marcellino (1990), para quem, em oposição ao tempo das obrigações, no qual o tempo de trabalho estaria incluído, haveria, sim, um tempo disponível, não um tempo livre, pois nenhum tempo estaria livre de coações ou normas. Um outro exemplo é Bramante (1998), considerando o tempo de não-trabalho como um tempo individualmente conquistado. Menos conhecido, Cunha (1987), além de sugerir o

entendimento de um tempo produtivo e de um tempo residual, destaca um terceiro tempo, isto é, um novo resíduo, caracterizando o tempo de lazer. E existem ainda os que dotam o tempo livre de absoluta autonomia com relação à totalidade do tempo social, sendo livre todo tempo cujo sentido de liberdade esteja presente em sua fruição, visão típica das abordagens subjetivistas, o que implica na total relativização do termo.

Habermas (1989, p.99) vê três formas de comportamento no tempo livre, estando estas relacionadas com o trabalho:

Regenerativa - neste processo o tempo livre serve para recuperar as forças depois de uma jornada fisicamente cansativa. No início da industrialização esta forma de comportamento desempenhou um papel essencial: atualmente, a mesma se encontra tão somente em um grupo limitado de ocupações, já que muitas profissões não requerem esforço físico algum; Suspensiva - nesta forma se executa durante o tempo livre um trabalho sem a determinação exógena e sem a desproporção da exigência do trabalho profissional. Como exemplo dessa forma de comportamento se menciona a continuação do trabalho profissional em forma de “trabalho negro”, o compromisso com grupos religiosos, políticos ou ideológicos mediante a aceitação de cargos em associações correspondentes; Compensativa- esta forma de comportamento tende à compensação psíquica das seqüelas nervosas do trabalho.

O “tempo livre”, é usado de diferentes formas, pois depende da cultura de cada um, na sociedade capitalista, a busca é incessante por dinheiro, isso claro quando se esta na idade de trabalhar, então divide-se o tempo livre por fchas etárias; o dos idosos, o das crianças, o dos adultos. São os mais comuns e estudados. Aos idosos geralmente procuram lazer naquilo que os faz sentir-se jovem novamente, como grupos de terceira idade, bailes, ginástica. As crianças são totalmente influenciadas pelos pais e educadores, pois como citado anteriormente, na sociedade capitalista onde só o trabalho interessa, o lazer é deixado de lado, e as crianças sobra à tecnologia exacerbada, desenhos animados, enfim tudo que seja prático para os pais e “seguro” para as crianças. Os adultos são os grupos com menos “tempo livre” e procuram geralmente academias, bares, restaurantes.

Thompson (1991) esclarece sobre o tempo mercadoria estar intimamente relacionado à concepção linear de tempo, o qual permitiu coordenar com auxílio do instrumento chamado relógio, os movimentos de homens e materiais a regularidade das máquinas. Os “problemas” de tempo livre surgem sob as mais diversas formas, mas sempre com a mesma vestimenta, ou seja, como justificar produtivamente esse

tempo. O tempo livre devia ser realmente “livre”. Para transformar “o chumbo do tempo livre no ouro do lazer, temos que nos livrar do relógio. Este é o começo”.

A produtividade é um valor supremo, mas para fazer o quê? Não seria para ampliar as necessidades que trazem proveito aos homens? Em todo caso, traz promessas de uma vida melhor por meio de uma “felicidade administrada”. Assim, o tempo livre funciona como uma válvula de segurança e só. Não traz autênticas satisfações, pois o ócio pertence à sociedade, repressiva por natureza. A respeito do ócio; o aparato faz pesar suas exigências econômicas, sua política de defesa e de expansão sobre o tempo livre, no campo da cultura material e intelectual. A padronização dos gostos no ócio, condicionados pelos meios de comunicação de massa, é o indicador da função ideológica da igualdade das classes.

A alienação objetivou-se no processo de produção. Os indivíduos identificam-se hoje, com a existência que lhes é imposta e nela encontram realização e satisfação. Se houvesse uma automação completa no terreno da necessidade (o trabalho), o homem beneficiar-se-ia de um tempo livre tal que poderia, finalmente, dar forma a sua vida privada e social (THOMPSON, 1991).

Nas suas análises sobre as diferenças culturais que opõem os grupos sociais, sejam as sociedades industrializadas ou as chamadas sociedades tradicionais, como a sociedade *kabyla*, por exemplo, à qual Pierre Bourdieu dedica vários trabalhos, ele usa raramente o conceito antropológico de cultura. Em seus textos, a palavra "cultura" é tomada geralmente em um sentido mais restrito e mais clássico, que remete às "obras culturais", isto é, aos produtos simbólicos socialmente valorizados ligados ao domínio das artes e das letras. Bourdieu é considerado como um dos principais representantes da sociologia da cultura (que adota a acepção restrita do termo), porque se dedica à elucidação dos mecanismos sociais que dão origem à criação artística e dos que explicam os diferentes modos de consumo da cultura (no sentido restrito), segundo os grupos sociais. Para suas análises, as práticas culturais estão estreitamente ligadas à estratificação social.

Bourdieu (1980, p.88) trata da cultura no sentido antropológico, recorrendo a um outro conceito, o "*habitus*":

os habitus são sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, a funcionar como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações, que podem ser

objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor que se tenham em mira conscientemente estes fins e o controle das operações necessárias para obtê-los

As disposições tratadas aqui são adquiridas por uma série de condicionamentos próprios a certos modos de vida particulares. O *habitus* é o que caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais. Às diferentes posições em um espaço social dado correspondem estilos de vida que são a expressão simbólica das diferenças inscritas objetivamente nas condições de existência.

Bourdieu (1980, p.81) afirma que o "*habitus* funciona como a materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores". Ele permite ao grupo "perseverar em seu ser". O *habitus* é profundamente interiorizado e não implica consciência dos indivíduos para ser eficaz. Ele é "capaz de inventar meios novos de desempenhar as antigas funções diante de situações novas". Ele explica porque os membros de uma mesma classe agem freqüentemente de maneira semelhante sem ter necessidade de entrar em acordo para isso.

O *habitus* é então, segundo Bourdieu, o que permite aos indivíduos se orientarem em seu espaço social e adotarem práticas que estão de acordo com sua vinculação social. Ele torna possível para o indivíduo a elaboração de estratégias antecipadoras que são guiadas por esquemas inconscientes, "esquemas de percepção, de pensamento e de ação" que resultam do trabalho de educação e de socialização ao qual o indivíduo está submetido e de "experiências primitivas" que a ele estão ligadas e que têm um "peso desmesurado" em relação às experiências posteriores.

A questão do *habitus* proposta por Bourdieu se relaciona intimamente com a categoria atitude, descrita nos objetivos desse estudo, ou seja, a realização e vivência de momentos de lazer se implica com as experiências dos indivíduos, seus posicionamentos e ações se ligam à prontidão para a realização das atividades, intimamente ligada ao mundo da cultura.

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta

"racial" está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas, sendo que:

O homem é essencialmente um ser de cultura. O longo processo de hominização, começado há mais ou menos quinze milhões de anos, consistiu fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural. Ao longo desta evolução, que resulta no *Homo sapiens sapiens*, o primeiro homem, houve uma formidável regressão dos instintos, substituídos progressivamente pela cultura, isto é, por esta adaptação imaginada e controlada pelo homem que se revela muito mais funcional que a adaptação genética por ser muito mais flexível, mais fácil e rapidamente transmissível. A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza (CUCHE, 2002, p.10)

O mesmo autor acredita que se todas as "populações" humanas possuem a mesma carga genética, elas se diferenciam por suas escolhas culturais⁴, cada uma inventando soluções originais para os problemas que lhe são colocados. No entanto, estas diferenças não são irreduzíveis-umas às outras pois, considerando a unidade genética da humanidade, elas representam, aplicações de princípios culturais universais, princípios suscetíveis de evoluções e até de transformações.

Para Bodei (2001, p.72):

a ação humana para Weber, dá sentido a um universo dele privado, atribuindo à realidade "valores", objeto de fins humanos, e construindo instrumentos, meios, não dos valores, entre os quais registra-se um conflito, um "politeísmo", não componível. Das diferentes formas de ação dotadas de sentido (racional com relação a fins, racional com relação a valores, passional-emotiva, tradicional), o capitalismo desenvolve plenamente apenas a primeira, empurrando para a esfera privada e penalizando todas as outras. A racionalidade capitalista é puramente instrumental, baseada na eficiência, na destruição das certezas dos conteúdos tradicionais, no controle e no esfriamento da emotividade, na suspensão do significado geral dos outros valores. O Estado e a sociedade são organizados com os mesmos critérios da empresa capitalista e o mundo foi desencantado, privado dos seus substratos mágicos, tornado mais seguro, ordenado, calculável e cientificamente compreensível.

⁴ A noção de cultura se revela então o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura. As diferenças que poderiam parecer mais ligadas a propriedades biológicas particulares como, por exemplo, a diferença o de sexo, não podem ser jamais observadas "em estado bruto" (natural) pois, por assim dizer, a cultura se apropria delas "imediatamente": a divisão sexual dos papéis e das tarefas nas sociedades resulta fundamentalmente da cultura e por isso varia de uma sociedade para outra (CUCHE, 2002, p.10).

Assim, pensar e agir se relacionam intimamente com o sistema e lógica das relações que insidem sobre as pessoas, assim o homem reage diante dos estímulos colocados pelo meio de forma a desenvolver determinados sentidos e significados sobre vivências e necessidades.

Os indivíduos podem agir subjetivamente pelos mais diversos motivos, mas o resultado dos seus atos, o fato social obedece a uma lógica própria, possui uma constrição específica: “è um fato social qualquer modo de fazer, mais ou menos fixado, capaz de exercer sobre o indivíduo uma constrição externa; ou, ainda, que é geral no interior de uma dada sociedade, tendo uma existência própria independente” (BODEI, 2001).

Pensar em cultura remete à questão da mudança, ou seja, a interlocução entre experiências vividas em contextos diversos, onde sensações e percepções permitem estabelecer leituras e entendimentos se articulam com o tempo e cenários onde as práticas são mostradas em territorialidades distintas, locais, lugares, espaços, onde a dinâmica cultural se processa, constituindo permanentes mobilidades.

A localização é, pois, um fenômeno instável e universal, instável porque universal e porque as relações entre localização e objetivos são múltiplas, e raramente estacionam apenas na utilidade do lugar com relação à realização do objetivo. Ela aparece então como um processo de construção da ação, instável, de múltiplas facetas, multidimensional, polissêmico. O lugar constitui aí um contexto de ação, que permite chegar a tipos de recursos, desenvolver formas e construção da ação, ou que apresente uma generosidade maior ou menor (BOURDIN, 2001, p.168).

Bourdieu (2000, p.195) nos apresenta que:

O espaço social⁵ está construído de tal modo que os agentes que ocupam posições semelhantes ou vizinhas estão colocados em condições

⁵ A noção de espaço social permite escapar à alternativa do nominalismo e do realismo em matéria de classes sociais enquanto *corporate bodies*, grupos permanentes, dotados de órgãos permanentes de representação, de siglas, etc; tem muito mais possibilidade de ser bem sucedido na medida em que os agentes que se pretendem reunir, unificar, constituir como grupo, estiverem mais próximos no espaço social (logo, pertencentes à mesma classe no papel). As classes no sentido de Marx estão por fazer-se mediante um trabalho político que possui tanto mais possibilidades de ser bem-sucedido quanto mais se munir de uma teoria bem fundada na realidade, logo, mais capaz de exercer um efeito de teoria – theorien, em grego, quer dizer “ver” -, isto é, de impor uma visão das divisões (BOURDIEU, 2000, p. 156)

semelhantes ou vizinhas e submetidos a condicionamentos semelhantes, e têm toda a probabilidade de possuírem disposições e interesses semelhantes, logo, de produzirem práticas também semelhantes. As disposições adquiridas na posição ocupada implicam um ajustamento a essa posição, o que Goffman chamava de *sense of one's place*. É este *sense of one's place* que, nas interações, leva as pessoas que em francês são chamadas de “pessoas modestas” a se manterem modestamente em seu lugar, e os outros a guardarem as distâncias ou a manterem sua posição, a não terem intimidades. De passagem, é preciso dizer que essas estratégias podem ser perfeitamente inconscientes e adquirir a forma daquilo que é chamado de timidez ou arrogância. De fato, as distâncias sociais estão inscritas nos corpos, ou, mais exatamente, na relação com o corpo, com a linguagem e com o tempo (outros aspectos estruturais da prática que a visão subjetivista ignora)

A realidade cultural tem sua lógica interna, dando sentido às práticas existentes, aos costumes, concepções e constatações a que são tratadas. Para o grupamento humano que vive essa cultura, sua significância é contemplada, a história constrói o sentido. As diferenças entre as culturas existem. Pessoas de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como modo de pensar e de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar as diferenças lingüísticas.

Para Santos (2000, p.18), o conceito de cultura está intimamente ligado às expressões de autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das “relações profundas dos homens com seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que podem ser vítimas”.

Essa genuinidade da cultura pode ser entendida como se suas raízes e frações estivessem sendo influenciadas e ressignificadas pela indústria cultural⁶, de

⁶ As expressão indústria cultural procura compreender as condições de produção e reprodução social em uma de suas faces mais importantes, relacionada à mercadorização da cultura, sua banalização e reificação. O que Horkheimer e Adorno supunham como inteiramente novo- já que parece desde muito ter havido algum tipo de negócio com os artefatos culturais- é que obras de arte, que deveriam expressar os mais sublimes e tensos sentimentos humanos- registrando, nas suas diversas formas, a dor, o sofrimento, a esperança da felicidade, o medo, o ódio, as paixões de todas as matizes, mostrando, *para além do conceito*, que haveria de *demasiadamente humano* – passam a ser produzidas na esfera de circulação e do consumo, para o entretenimento e ocupação do “tempo livre”. Em seu lugar, a banalidade do já conhecido, a repetição incessante, a *marteladas*, daquilo que é pouco complexo, o sempre igual repetido incessantemente como um círculo infernal. Diz Adorno (1997, vol 10-1), que tem tempos de sociedade administrada e indústria cultural, a produção da arte não é *também* mercadoria, mas o é antes de tudo (VAZ, 2002, p. 112)

maneira a reproduzir e implementar lógicas próprias, tendo como característica principal a questão do consumo.

"O Brasil, pelas suas condições particulares desde meados do século 20, é um dos países onde essa famosa indústria cultural deixou raízes mais profundas e por isso mesmo é um daqueles onde ela, já solidamente instalada e agindo em lugar da cultura nacional, vem produzindo estragos de monta. Tudo, ou quase, tornou-se objeto de manipulação bem azeitada, embora nem sempre bem sucedida" (SANTOS, 2000, p.18)

Cuche (2000), citando Levi Strauss (1998), revela que cultura é todo o conjunto etnográfico que apresenta, em relação a outros, diferenças significativas, do ponto de vista da pesquisa. Se procurarmos determinar diferenças significativas entre a América do Norte e a Europa, as trataremos como culturas diferentes; mas, supondo que o interesse se volte para as diferenças significativas entre, digamos - Paris e Marselha, estes dois conjuntos urbanos poderão ser provisoriamente vistos como duas unidades culturais. Uma mesma coleção de indivíduos, desde que ela seja objetivamente dada no tempo e no espaço, depende simultaneamente de vários sistemas de cultura: universal, continental, nacional, confessional, local, familiar, profissional, confessional e político.

Não há verdadeira descontinuidade entre as culturas que, pouco a pouco, estão em comunicação umas com as outras, ao menos no interior de um dado espaço social. As culturas particulares não são totalmente estranhas umas às outras, mesmo quando elas acentuam suas diferenças para melhor se afirmar e se distinguir. Esta constatação deve levar o pesquisador a adotar um procedimento "continuísta" que privilegie a dimensão racional interna e externa, dos sistemas culturais em contato (AMSELLE, 1990, citado por CUCHE, 2000).

Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e seus valores. Hoje, sem dúvida, sob a égide do consumo e sob o efeito do crescimento das classes médias, sob o efeito também da emergência da sensibilidade individualista que dá ao ator uma margem de manobra menos estreita que anteriormente, as oposições não são tão nítidas quanto foram nos anos de 1960-1970 (BRETON, 2006, p.81).

Tratando ainda dessa relação entre corpo e cultura, Sant'anna (1995) mostra, citando Michel de Certeau, que cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem

sua língua. Portanto, do mesmo modo que a língua, o corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa. Pensar o corpo dessa forma implica considerá-lo como passível de mudanças, e funciona como uma memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura, que demonstra os limites científicos e tecnológicos de cada época e as soluções elaborados por diferentes sociedades.

Marcel Mauss tem o mérito de, pela primeira vez, ter incluído o corpo e o que ele chamou de “técnicas corporais” no âmbito dos estudos antropológicos. Mauss considerou os gestos e os movimentos corporais como técnicas criadas pela cultura, passíveis de transmissão através das gerações e imbuídas de significados específicos. Afirmou também que uma determinada forma de uso do corpo pode influenciar a própria estrutura fisiológica dos indivíduos. Um dos exemplos que ele citou foi a posição de cócoras, adotada em vários países, que causa uma nova conformação muscular nos membros inferiores (DAOLIO, 1994).

Castro (2003) apresenta que “Marcel Mauss, em um estudo intitulado *As Técnicas Corporais*, explora a idéia de que as técnicas do corpo resultam das relações entre o homem e a sociedade, uma vez que, estando o homem inserido em determinada organização social, o corpo seria utilizado por meio de um conjunto de técnicas definidas socialmente”.

Para Marcel Mauss, o estudo das técnicas do corpo, a partir da compensação do homem total, justifica-se por meio da observação de que seu uso técnico deve romper com as explicações restritas de cada campo de conhecimento, isto é, a biologia somente não explica a funcionalidade do uso técnico do corpo, uma vez que os tendões e os ossos, por exemplo, assumem uma determinada forma como decorrência de uma certa maneira que nos comportamos. Portanto, o autor constata que “no uso técnico do corpo existem coisas que acreditamos ser de ordem hereditária, mas que, na realidade, são de ordem fisiológica, psicológica e sociológica” (CASTRO, 2003, p.82).

Se o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo, seria empobrecedor analisá-lo tomando-o como algo já pronto e construído. O corpo é um processo, resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos. Ele pertence menos à natureza que à história. É inútil retroceder a um suposto grau zero das civilizações para encontrar um corpo impermeável às marcas da cultura. Em vez disso, cabe problematizar o que torna

possível as práticas e representações corporais em determinada época (SANT'ANNA, 1995).

Assim, o corpo não é apenas texto da cultura, mas um lugar prático direto de controle social. Por meio da organização e da regulação do tempo, do espaço e dos movimentos de nossas vidas cotidianas, nossos corpos são treinados, moldados e marcados pelo cunho das formas históricas predominantes de individualidade, desejo, masculinidade e feminilidade (BORDO, 1997).

Para Daolio (1994), no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca. Mesmo antes de a criança andar ou falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como o sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de um certo tempo de sono, a postura no colo. Para reforçar esse ponto de vista, Kofes (1985) afirma que o corpo é expressão da cultura, portanto cada cultura vai expressar por meio de diferentes corpos, porque se expressa diferentemente como cultura. DaMatta (1997, p.76) chega a afirmar que "(...) tudo indica que existem tantos corpos quanto há sociedades"

O homem, por meio do seu corpo, vai assimilar e se apropria de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa). Diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra ao seu vocabulário, ou, ainda, um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. Em outros termos, o homem aprende a cultura por meio do seu corpo (DAOLIO, 1994).

Farias (2004), citando Novais e Vilhena (2003), acredita que:

na cultura do corpo, os discursos científicos, teológicos, publicitários, médicos e estéticos impulsionam a criação de representações e práticas corporais, que dão sentido ao mundo. Sob o aval da ciência, diversos mecanismos atrelados a julgamentos morais e significados sociais determinam padrões estéticos. Mediante estes padrões, a sociedade controla a aparência em torno daquilo que é considerado próprio, adequado ou normal. 'Garantindo' a felicidade plena, a ciência promete novas utopias, esperanças ou ilusões quanto à imortalidade do corpo, imperfeições e envelhecimento. As práticas corporais associadas à saúde, à vitalidade e à beleza prometem eliminar a inquietude que o olhar do outro provoca, por meio do esforço, determinação e disciplina.

Através da distribuição das propriedades, o mundo social apresenta-se, objetivamente, como um sistema simbólico que é organizado segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial. O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida (BOURDIEU, 2000)

Assim o corpo pode ser visto, como maneira de se comunicar com os estímulos recebidos, com a realidade na qual estejamos envolvidos, em que valores são expressos num processo constituído histórico-culturalmente, sujeitos a interesses, necessidades, manipulações e fragmentações.

1.4.4 Lazer em Russel

Ao se pensar em lazer vêm a tona cenários, personagens e relações, envolvimento esses que se processam num dado tempo e espaço, pautado por desejos, anseios e com objetivos bem definidos, sejam estes a distração, descanso, ou entretenimento, levando a diferentes sensações. Esse sujeito que vivencia esses momentos de lazer traz suas experiências e angústias bem como seu modo de viver, seus costumes, o modo de vestir, de caminhar, de falar, enfim, suas marcas. Marcas construídas histórica e culturalmente, que revelam gostos e preferências.

Essas preferências e gostos apresentam os interesses do homem, reguladas por ordens diversas, pois conforme diz o filósofo Bertrand Russel *“toda atividade humana é movida pelo desejo ou pelo impulso. Há toda uma teoria enganosa, apresentada por moralistas sérios, que considera impossível resistir aos desejos, no interesse dos princípios do dever e da moral. Digo que isto é enganoso, não porque não haja homem que atue sempre movido pelo sentimento de dever, mas porque o dever não o domina, a menos que ele assim o deseje”* (RUSSEL, 1956, p.153)

O entendimento da busca por determinadas sensações não estarem contextualizadas dentro de uma lógica racional, fragmenta e trata de maneira unilateral o comportamento humano, ou seja, até que ponto os códigos do mundo do trabalho não podem ser permeados por interfaces da ociosidade? Sentimentos do dever se opõem aos sentimentos do lazer? É possível pensar no desejo ao trabalho no lazer?

Pensando ainda nos sentidos dos desejos, Russel nos apresenta que:

“O homem, como os outros animais, está repleto de impulsos e paixões que, no conjunto, garantiram-lhe a sobrevivência enquanto a espécie estava surgindo. Mas sua inteligência mostrou-lhe que as paixões são, muitas vezes, auto-destruidoras e que seus desejos poderiam ser melhor satisfeitos e sua felicidade, mais completa, se certas paixões fossem mais refreadas e outras menos.” (RUSSEL, 1956, p.3)

Essa impulsividade é característica que condiciona a veiculação dos desejos, o caminho da efetivação das vontades é conduzido por estado onde direcionamos nossos interesses de acordo com o resultado que nossas vivências proporcionam... somos guiados pelo imaginário do “ resultado” (talvez aqui esteja uma porta para a discussão do mundo da eficácia (contemporâneo) e o mundo do prazer/lazer ...) . Quais valores recebo? De que forma meu corpo se interage com esse movimento? A forma apaixonada desse contato regulará minhas intenções e satisfações.

A questão do lazer ao longo da história ocidental estabelece íntima relação com as particularidades do contexto em que a sociedade se encontra, traço esse, definidor da lógica com que determinadas vivências se processam. Espaço e o tempo onde as práticas se estabelecem são condicionantes para a compreensão de sua complexidade A forma como esse fenômeno é conceituado na atualidade tem íntima relação com suas nuances históricas.

A organização da sociedade ao longo do tempo deixa transparecer, por meio de seu arcabouço cultural, costumes, hábitos e formas de conagração, nas quais os indivíduos tecem relações nos diferentes contextos - no trabalho, na casa e na rua. As vivências relativas ao lazer ao longo da história se mostram arraigadas à essa constituição cultural.

A associação das práticas corporais à idéia do que é lícito, ou seja, permitido, nos remete ao pensar sobre as intencionalidades das práticas humanas, no sentido da valorização de determinadas atitudes e posicionamentos em detrimento de outros, atribuindo assim escalas valorativas a escolhas, preferências e condutas.

A noção de pecado parece pertinente nessa discussão, tendo em vista que sua lógica pode “permitir” e “delimitar” *modus* de conduta do homem, para Russel (1956, p.82) a questão do pecado se vincula diretamente a relações de autoridade, isto é, *“para que um sentimento de culpa resulte da punição é necessário que a autoridade seja respeitada e não simplesmente temida; onde existe apenas medo, a reação natural é um impulso para enganar-se ou rebelar-se”*.

O seguimento de uma lógica temporal nas práticas dos sujeitos denota uma organização do seu cotidiano, onde determinadas vivências se dão dentro de uma estruturação de prioridades, baseadas nas características dos indivíduos e do meio que o rodeia. A construção histórico-cultural desse viver em sociedade apresenta noções de certo e errado, adequado e inadequado, lícito e ilícito., puro, impuro. A noção de pecado pode se relacionar à afirmação dessas dicotomias, de corações que impedem a efetivação de experiências.⁷

No que se refere à concepção de pecado cristã, Russel, nos apresenta que *“a princípio tanto o pecado quanto a punição eram coletivos, mas à medida que os judeus se foram acostumando com a falta de independência política, passou a predominar um ponto de vista mais individualista: era o indivíduo que devia ser punido.”* (RUSSEL, 1956, p.:85)

Percebemos ainda na visão do mesmo autor que:

Contudo, o pecado imputado aos nossos inimigos se apresenta, psicologicamente, muito diferente daquele que é atribuído a nossas próprias deficiências, pois, no primeiro há orgulho e no segundo, humildade. A humildade extrema é atingida na doutrina do pecado original, do qual encontramos em Santo Agostinho a melhor exposição. De acordo com essa doutrina, Adão e Eva foram criados com livre arbítrio e tinham o poder de escolha entre o bem e o mal. Quando comeram a maçã, escolheram o mal e, nesse instante, a corrupção penetrou-lhes a alma (RUSSEL, 1956, p.85)

A possibilidade da ação do sujeito de se direcionar a determinados caminhos sofre influência de mecanismos de controle, o desejo, a vontade, podem ser regulados por articulações de poder, refletidas por detentores de regras e limites. Pensar em pecado nesse contexto, o mesmo pode se equiparar com as barreiras internas e externas que permitem e afastam os sujeitos de se envolverem com seus sentimentos.

“ Se “pecado” significa “desobediência à vontade conhecida de Deus”, então é evidente que ele se torna impossível para aqueles que não acreditam em Deus ou não pensam que conhecem Sua vontade. Mas, se “pecado” significa “desobediência à voz da consciência” neste caso ele pode existir independente das crenças teológicas” (RUSSEL, 1956, p. 87)

O que regula essa consciência? Consumo de bens e serviços... controle do tempo... adequação ao espaço... diferenciação de grupos... sobrevivência... o

⁷ fazer nota sobre o puro e impuro , e outras noções

caminhar do corpo constrói a forma como suas interações se apresentam, a noção do permitido se mostra dentro do que a consciência classifica enquanto necessário, importante, seguindo percepções que temos do que gera prazer, dor, satisfação e insatisfação.

“Temos por hábito considerar certos prazeres como bons e outros como maus; para nós, o prazer que decorre de um ato benéfico é bom, ao passo que outro que advém da crueldade é mau. Mas, assim julgando, estaremos confundindo fins e meios. O prazer da crueldade é mau como um meio, porque implica dor para a vítima; mas se pudesse existir sem essa condicionante, talvez não fosse mau. Condenamos o prazer do alcoólatra por causa de sua esposa, da família e pelas conseqüências da manhã seguinte; mas, houvesse uma bebida barata e que não causasse “ressaca” e seu prazer poderia ser de todo inofensivo. A moral preocupa-se tanto com os meios que parece quase imortal julgar qualquer coisa apenas em relação ao seu valor intrínseco (RUSSEL, 1956, p.42).

Essas características que condicionam a construção social da bondade e maldade, são baseadas em constituições contextualizadas nas relações que estabelecemos no decorrer da vida, sobre perspectivas que dão sentidos aos conceitos que atribuímos às nossas vivências, ou seja, as práticas corporais se aliam a características positivas/negativas dentro das ressignificações que fazemos.

“Quando digo que cada homem busca a satisfação de seus próprios desejos, estou me exprimindo axiomáticamente: tôdas as nossas ações, à exceção daquelas que são meros reflexos, são inspiradas, necessariamente, por nossos próprios desejos” (RUSSEL, 1956, p. 46).

Desejo esse que dá sentido a nossa busca nas diferentes esferas de atuação. Procura por momentos que configurem nossas expectativas, dêem contorno ao desenho que idealizamos, atribui a partir de nossas ações a continuidade e intensidade das interações.

Esse desejar então mostra uma aproximação da intencionalidade das ações, já no prefácio de sua obra *A Sociedade Humana na Ética e na Política* (1956), Russel nos mostra que *“desejos, sentimentos, paixões (podeis escolher qualquer palavra que desejardes) são as únicas causas possíveis da ação”*, a racionalidade passa assim a se apresentar numa relação de regulação dos desejos.

Torna-se imprescindível relacionar esse desejar com pressupostos educativos, pois a aprendizagem apresenta códigos, lógicas, características,

nuances, onde o comportamento humano se molda pelas ações docentes, aproximação entre a realidade da escola e da família.

“A educação teve sempre um duplo objetivo, a saber: instrução e exercício da boa conduta, varia com as instituições políticas e as tradições sociais da comunidade” (RUSSEL, 1956, p.36). A noção de educação e cultura, aqui ganham ênfase, assim, a questão do estilo de vida, realidade cultural, dinâmica das relações sociais apresentam as noções e a direção do processo de ensino, seja formal ou informalmente.

Levi Strauss (1998), revela que cultura é todo o conjunto etnográfico que apresenta, em relação a outros, diferenças significativas, do ponto de vista da pesquisa. Se procurarmos determinar diferenças significativas entre a América do Norte e a Europa, as trataremos como culturas diferentes; mas, supondo que o interesse se volte para as diferenças significativas entre, digamos - Paris e Marselha, estes dois conjuntos urbanos poderão ser provisoriamente vistos como duas unidades culturais. Uma mesma coleção de indivíduos, desde que ela seja objetivamente dada no tempo e no espaço, depende simultaneamente de vários sistemas de cultura: universal, continental, nacional, confessional, local, familiar, profissional, confessional e político.

Não há verdadeira descontinuidade entre as culturas que, pouco a pouco, estão em comunicação umas com as outras, ao menos no interior de um dado espaço social. As culturas particulares não são totalmente estranhas umas às outras, mesmo quando elas acentuam suas diferenças para melhor se afirmar e se distinguir. Esta constatação deve levar o pesquisador a adotar um procedimento "continuísta" que privilegie a dimensão racional interna e externa, dos sistemas culturais em contato (AMSELLE, 1990).

Nas sociedades heterogêneas, as relações com a corporeidade inscrevem-se no interior das classes e culturas que orientam suas significações e seus valores. Hoje, sem dúvida, sob a égide do consumo e sob o efeito do crescimento das classes médias, sob o efeito também da emergência da sensibilidade individualista que dá ao ator uma margem de manobra menos estreita que anteriormente, as oposições não são tão nítidas quanto foram nos anos de 1960-1970 (LE BRETON, 2006, p.81).

“Se a vida do homem tem que ser satisfatória, quer de seu próprio ponto de vista do mundo, em geral, requer-se duas espécies de harmonia: harmonia interna

de inteligência, emoção e vontade e harmonia externa com as vontades dos outros” (RUSSEL, 1956, p.178)

O desejo se inter-relaciona com essa possibilidade de harmonia. Experiências e contatos desse corpo direcionaram construções das imagens representadas no nosso cotidiano, ou seja, o desejo se mostra como um algo mais que completa e dá sentido às vivências sociais, cenas que retratam faces do processo educativo, através de pensamentos e ações.

1.4.5 Turismo, Lazer E Envelhecimento

Antigamente o envelhecimento era muitas vezes visto como inatividade e hoje essa fatia da população está cada vez mais aderindo ao lazer ativo como forma de promoção da saúde e qualidade de vida, pois conforme a população brasileira vem mudando seu perfil (envelhecendo), muitos deles passam a participar de programas voltados à terceira idade onde se oportunizam a vivenciar diversas atividades de lazer, onde buscam principalmente a qualidade de vida e a saúde.

É certo que o turismo traz oportunidades dos idosos aderirem ao lazer, mas não o lazer só das viagens, do ponto de vista econômico, mas outras formas significativas encontradas no lazer que tragam uma reflexão crítica sobre a área, de forma que seja desenvolvido um lazer não só voltado para o turismo como um mero produto do capitalismo a ser vendido e consumido mas também se considere seus impactos culturais e sociais positivos e negativos dos destinos turísticos. O tipo de lazer que pode transformar o homem em um ser não alienante é o lazer lúdico e o público da terceira idade deve ter consciência de que é esse lazer lúdico que trará os melhores e mais significativos valores e benefícios para suas vidas.

Tendo em vista os conteúdos de lazer, o ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que pudessem abranger os vários grupos de *interesse*, procurando, desta forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com os outros, os costumes e o relacionamento social (MARCELLINO, 1996).

As atividades de lazer são atividades culturais em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e

manifestações. As atividades de lazer podem ser efetuadas no tempo livre das obrigações profissionais, domésticas, religiosas e das necessidades físicas (MELO; ALVES JR, 2003).

Segundo o pesquisador Dumazedier (1976), o lazer é o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade de criadora após se livrar ou se desembaraçar das obrigações profissionais familiares e sociais.

Viver cada vez mais tem implicações importantes para a qualidade de vida. A longevidade pode ser um problema, com conseqüências sérias nas diferentes dimensões da vida humana, física, psíquica e social. Esses anos vividos a mais podem ser anos de sofrimento para os indivíduos e suas famílias, anos marcados por doenças, declínio funcional, aumento da dependência, perda da autonomia, isolamento social e depressão. No entanto, se os indivíduos envelhecerem mantendo-se autônomos e independentes, com participação na sociedade, cumprindo papéis sociais significativos, com elevada auto-estima e encontrando um sentido para suas vidas, a sobrevivida aumentada poderá ser plena de significado (PASCHOAL, 1996).

O lazer pode ser vivido sob várias formas, ele compreende “a vivência de inúmeras práticas culturais, como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e também as formas de arte (...) dentre várias outras possibilidades” (GOMES, 2003). Dentre estas possibilidades, o Turismo é uma das que mais se destaca no cenário atual. Sua prática é uma das atividades que mais crescem no mundo. O turismo se torna uma expressão do lazer quando o objetivo da viagem é o descanso, a diversão, o relaxamento.

O lazer e o turismo revelam-se então como importantes agentes para os idosos ao possibilitar que estes obtenham uma maior convivência social e até mesmo ao reabilitar aqueles que já passaram por um período difícil de isolamento e/ou problemas psicológicos. Conforme afirma Maria Rosário de Fátima Viana (1999) “O lazer enquanto vivência lúdica é capaz de provocar alterações de valores pessoais e sociais. Só através da satisfação pessoal é possível vivenciar experiências que se opõem à imobilidade e valorizam a identidade”.

As atuais pesquisas comprovam que o processo natural de envelhecimento não é um fator impeditivo para a maioria das atividades cotidianas de um adulto de qualquer idade. Análises demográficas têm apontado a tendência de envelhecimento da população mundial, e as projeções para o Brasil – sempre considerado como um país de jovens – indica que, em 2050, o percentual de pessoas com sessenta anos ou mais atingirá 23% da população total, representando significativo acréscimo em relação aos 9% atuais.

A política da EMBRATUR, denominada Melhor Idade, visa promover ações direcionadas a possibilitar que populações marginalizadas no mercado turístico, no caso, os anciãos, tenham acesso ao turismo doméstico. Assim, o Instituto, tem buscado sensibilizar o turístico a participar, oferecendo programas específicos, a preços reduzidos, na baixa estação (DENCKER, 2001).

No Brasil, este segmento turístico está crescendo a cada ano, devido ao aumento desse público potencial e, principalmente, pela maior conscientização da importância da atividade física e do lazer para se ter uma vida melhor. Cada vez mais, a inatividade e o sedentarismo se constituem num pecado para aqueles que desejam viver com mais saúde. Independente da faixa etária, as pessoas são estimuladas ao movimento, ao contato com a natureza e à valorização de hábitos saudáveis.

A terceira idade ainda é um segmento pouco explorado pelo turismo. Pode-se afirmar, mesmo, que seja quase desconhecido. A literatura sobre o tema é escassa, sobretudo a acadêmica, e a oferta turística se resume á iniciativas isoladas. (FROMMER; VIEIRA, 2003, p. 49).

O turismo rural é uma modalidade de turismo que vem aos poucos se desenvolvendo no Brasil. As primeiras experiências reconhecidas ocorreram no município de Lages-SC em meados da década de 80. Baseia-se principalmente na revalorização da cultura e da paisagem campestre onde normalmente a vida campesina, ou a imagem que se tem da mesma, serve de cenário para comercialização de diversas atividades, produtos e serviços. Acerca do desenvolvimento dessa modalidade Adyr Balaestri Rodrigues (2003, p. 7) salienta: O interesse por essa modalidade de turismo surge da confluência de dois fatores que consideramos fundamentais: de um lado, o crescimento da população urbana que se concentra em áreas metropolitanas densamente povoadas, de outro a necessidade

de procurar inovar as atividades econômicas no meio rural, o qual tem passado por rápidas e visíveis mudanças.

Comumente as motivações básicas que levam turistas ou excursionistas a procurarem ambientes rurais são: a momentânea fuga do caótico cotidiano das grandes cidades e a procura por áreas onde homem e natureza interajam com menos conflitos, entre outras. Para o turista idoso além dessas motivações básicas, um outro fator de peso seria o reencontro com as memórias de uma época importante. Para tanto, o pensamento de Carlos Alberto Steil pode ilustrar esse sentimento: “[...] viajar é revisitar memórias e evocar tempos nostálgicos, de modo que o passado se transforme numa visão de sonho, de inocência perdida e de simplicidade natural (STEIL, 2002, p.64)”. O empreendedor pode promover um turismo rural que venha a ser, e isso sem abdicar do fator “lucro”, uma ponte entre o passado e o presente.

O aumento da qualidade de vida, os avanços na medicina e da legislação, a necessidade de ser economicamente ativo e o desejo de se manter com a aparência jovem, são alguns dos fatores que contribuem para que os indivíduos com mais de sessenta anos envelheçam de forma mais assistida, aumentando a média de vida do brasileiro, que, de acordo com o IBGE (2006), é de 71,3 anos.

O aumento da expectativa de vida está fazendo com que a terceira idade seja um período grande e especialmente importante. Tradicionalmente, os idosos são caracterizados por adotar práticas de lazer fundamentalmente passivas: assistir televisão, ouvir rádio e leitura. Entretanto, observa-se mais recentemente um grande avanço no que se refere às atividades de lazer ativas, onde o turismo se insere como atividade que amplia as possibilidades de aliar lazer ao desenvolvimento pessoal (AVILA, 2005).

Para aceitar o envelhecimento, o público da terceira idade deve aproveitar a vida, mesmo tendo consciência de que seus corpos não possuem mais o vigor da juventude. Eles têm a seu favor o tempo disponível para conhecer novos lugares, fazer amigos e divertir-se sem pressa (SILVA, 1994).

O atendimento ao turista idoso deve atentar para vários aspectos com destaque para a segurança, o bem-estar, a higiene e a acessibilidade. Os meios de hospedagem devem realizar adaptações em suas dependências para aumentar o conforto e segurança. O material de divulgação pode ter letras maiores para facilitar a leitura, a comunicação deve ser mais pausada e os programas e atividades de

lazer devem ser adaptados às necessidades individuais ou coletivas e os recursos humanos devem ser treinados para respeitar as diferenças, observando possíveis problemas e mantendo sempre uma relação afetiva positiva. A Associação Brasileira dos Clubes de Melhor Idade (2006) divulgou que, em média, seus associados viajam três vezes por ano, uma das quais é para o exterior. Além disso, os programas para a terceira idade têm mobilizado principalmente o público feminino, pois nove em cada dez turistas são mulheres, na maioria viúvas. Esses turistas preferem fazer viagens divertidas, além de darem prioridade para conhecerem novos lugares, pessoas e culturas. Dentre as principais motivações que levam esse tipo de turista a realizar viagens estão o turismo religioso, o de saúde e o social.

A terceira idade substitui a velhice; a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria; o asilo passa a ser chamado de centro residencial; o assistente social, o animador social e a ajuda social ganham o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: nova juventude, idade do lazer, melhor idade etc. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento, para tornar-se um período de atividade e lazer (SOUZA; SOUZA, 2005).

Percebe-se que o mercado turístico e a sociedade creditam a atividade turística como propiciadora de bem-estar; isso pode ser percebido no fomento às viagens, oferecendo preços promocionais para pessoas com mais de sessenta anos, em companhias aéreas, meios de hospedagem, pacotes turísticos, dentre outros (FROMER; VIEIRA, 2003).

As principais redes hoteleiras já estão descobrindo o grande negócio que significa atrair os chamados turistas da “melhor idade”, oferecendo descontos significativos para turistas dessa faixa etária, que viajam no período de baixa estação. Os novos hotéis já contam com apartamentos adaptados, com tapetes antiderrapantes nos banheiros, barras de apoio, rampas e mão-de-obra especializada, com funcionários treinados para oferecer maior atenção a esse público (SOUZA; SOUZA, 2005).

O Turismo é uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações - compra e venda de serviços turísticos - efetuados entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por

qualquer motivo, executando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local de visita (EMBRATUR, 1992).

O Turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante as suas viagens e estadas em lugares distintos ao de sua residência habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano com fins de ócio, por negócio ou outros motivos (OMT, 1994).

Podemos afirmar que o turismo é uma atividade de lazer. Entretanto, enquanto consumidor, o turista pode revelar suas motivações em outras esferas que não o lazer. Segundo Beni (2000), a demanda por turismo apresenta uma especificidade própria, consoante às diversas motivações, necessidades e interesses dos turistas.

O objetivo de assegurar direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (Artigo 1º) (Turismo: Visão e Ação, out/2000/mar-2001:19).

Os atletas da terceira idade apresentam o perfil ideal para o turista desse segmento etário, que pode viajar em qualquer época do ano, auxiliando na uniformidade do fluxo turístico durante o ano inteiro.

A Natação Masters traz excelentes resultados para os idosos. Os benefícios incluem uma diminuição da ansiedade e da tensão, o aprimoramento da autoconfiança e da auto-estima e, logicamente, a sensação de bem estar e melhor qualidade de vida. O idoso, nadando, experimenta sensações bem mais significativas do que caminhando ou correndo, visto que seu corpo, pelo passar dos anos, tende a identificar os estímulos do meio ambiente com mais dificuldade. Nadar significa vencer desafios. A excitação advinda da competição é normalmente superada, representando sempre uma vitória sobre si mesmo (PÁVEL, 1992, p.132).

Ganhando cada vez mais destaque na sociedade, seja pelos meios de comunicação em massa ou no tumultuado dia a dia, os “clubes da terceira idade”, “centros/grupos de convivência”, comunidades de bairro e outros tipos de associações que lidam diariamente com pessoas idosas crescem em ritmo acelerado na contemporaneidade. Pode-se dizer que isso é um reflexo do crescimento da população idosa brasileira que dobra seu número a cada 20 anos. Cerca de 14 milhões de brasileiros atualmente têm mais de 60 anos de idade. O que corresponde a quase 10% da população brasileira. De acordo com os dados do IBGE (2004), em 1980 pra cada 100 crianças havia 16 idosos(as). Em 2000 para as

mesmas 100 crianças já havia 30 idosos(as), quase o dobro em um período de apenas 20 anos.

É importante salientar que a velhice e o processo de envelhecimento são realidades heterogêneas. Podem variar de acordo com as culturas e subculturas, conforme os tempos históricos, entre as classes sociais, com as histórias de vida pessoais, com as condições educacionais, os estilos de vida, os gêneros, as profissões, as etnias etc., dentre os muitos elementos que fazem parte e permeiam o universo histórico e sociocultural de indivíduos e de grupos. Patologias que ocorreram, durante o processo de envelhecimento e desenvolvimento além de fatores genéticos e relacionados ao ambiente ecológico influenciarão também o modo de se envelhecer (DEBERT, 1999).

Entretanto, o que se percebe é que o envelhecimento não é valorizado em sua essência e está cada vez mais associado à doença se tornando muito temido e marginalizado, chegando a ser combatido em busca de uma certa “cura”. Doenças associadas à velhice prevalecem pela menor capacidade orgânica de combatê-las. Apesar de nossas perdas funcionais serem normais, e acontecem pelos milhões de mudanças que acontecem ao longo da vida, aparentes ou não, elas realmente acarretam uma maior vulnerabilidade. Deve-se levar em conta, por exemplo, o alto nível de cuidados com a saúde das crianças. Estas não são doentes em si mesmas, mas, apenas apresentam um delicado e frágil organismo naquela etapa da vida. O que faz mal é a doença, e não a idade. Há um declínio na plasticidade, na capacidade de ajustar-se fisicamente, crescer, aprender e inovar. Decresce também a resiliência, ou seja, a capacidade de se recuperar após a exposição a traumas ou pressões provenientes do ambiente ecológico, do ambiente social, da dinâmica do seu organismo biológico e da sua personalidade (STAUDINGER, MARSISKE; BALTES 1993 in: CACHIONI 1999).

2- PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se enquadra dentro da Teoria do Imaginário Social, com as contribuições metodológicas de Eni Orlandi (1988; 1993; 1996), no que se refere à análise do discurso como estratégia para análise dos dados obtidos.

O entendimento do imaginário social é importante por oportunizar o conhecimento das imagens instituídas e instituintes em relação à relação estabelecida entre turismo, lazer e qualidade de vida, aprofundando a compreensão dos aspectos que fazem parte do contexto dos idosos, construções estabelecidas com suas interações com o espaço, com a transitoriedade das sensações vivenciadas, com o confronto entre o esperado e o sentido.

Segundo Castoriadis (1982, p.10), falamos em imaginário, quando (...) queremos falar de alguma coisa ‘inventada’ quer se trate de uma invenção absoluta (uma história inventada em todas as suas partes), ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos disponíveis são investidos de outras significações normais ou canônicas.

Como um sistema simbólico o imaginário, reflete e se imbrica nas práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulação, de crenças e de ritualizações. São pois, processos de produção de sentidos que circulam na sociedade que permitem a regulação de comportamentos, a identificação e a distribuição de papéis sociais (FERREIRA, 2002).

Foram realizadas entrevistas junto aos idosos participantes do Projeto “Nossas Andanças”, com o objetivo de perceber o imaginário existente sobre turismo, lazer e qualidade de vida.

Para fins de análise dos dados foi utilizado a análise de discurso na perspectiva de Orlandi (1988; 1993; 1996).

A unidade do discurso é um efeito de sentido, como Orlandi explica, “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (1999, p. 15). Os discursos se movem em direção a outros. Nunca está só, sempre está atravessado por vozes que o antecederam e que mantêm com ele constante duelo, ora o legitimando, ora o confrontando. A formação de um discurso está baseada nesse princípio constitutivo – o dialogismo. Os discursos vêm ao mundo povoado por outros discursos, com os quais dialogam.

Esses discursos podem estar dispersos pelo tempo e pelo espaço, mas se unem por que são atravessadas por uma mesma regra de aparição: uma mesma escolha temática, mesmos conceitos, objetos, modalidades ou um acontecimento. Por isso que o discurso é uma unidade na dispersão.

A Análise de Discurso, segundo Orlandi (1994), tem como objetivo analisar a dimensão “linguageira”, ou seja, os sentidos que estão presentes na linguagem e que são circulados por ela: os processos de constituição da linguagem e da ideologia. Procura-se entender a linguagem enquanto prática social simbólica, constituição dos sujeitos e produção de sentidos. A Análise de Discurso produz formas de conhecimento devido à relação entre linguagem e ideologia, presentes no discurso.

É no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito (sempre já-lá) (ORLANDI, 1994)

Na análise, a autora afirma que é necessário caracterizar o discurso segundo: *“a relação paráfrase/polissemia, a relação entre os locutores, a relação dos locutores com a constituição do referente, do objeto do discurso”* (Orlandi, 2006). Para isto utiliza o conceito de tipologia para melhor compreensão do discurso, e por ser uma forma de exploração dele, em todas as suas propriedades.

A compreensão do discurso envolve a análise da dimensão imaginária ali presente, *“compreender, eu diria, é saber que o sentido pode ser outro”*. É saber o sentido e significado que aquela linguagem pode ter no âmbito político, inconsciente, ideológico, por exemplo. Para isto é necessário o exercício da reflexão, da análise, do pensar, mas principalmente não contentar com a inteligibilidade nem com a interpretação.

Segundo Orlandi (2006) a inteligibilidade é o saber a língua que se fala; a interpretação é a posição de sujeito que assumimos, de acordo com a ideologia, é o sentidos que atribuímos; e a compreensão é a teorização, é conhecer, é aceitar que a linguagem é social e histórica, mas principalmente reconhecer que a língua é plural. A teorização é essencial para a análise do discurso, pois ela é que ligará *“língua/sujeito/história, trazendo para a reflexão a ideologia, relacionando-a com o gesto de interpretação”*. Para compreender é preciso:

construir um dispositivo teórico e um dispositivo analítico de interpretação para mediar nossa relação com os sentidos (e com nós mesmos). Para

expor nosso olhar à opacidade do texto. Para compreendermos e não ficarmos repetindo o que já está posto lá para que fiquemos atados a sentidos mesmos.

A autora salienta que o sentido atribuído nesta compreensão depende da relação que se tem com as condições de existência, a ideologia. A ideologia permite maior compreensão do discurso, pois “*a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua*”. Assim, a ideologia pode ser conceituada como o imaginário mediador da relação do sujeito com as suas condições de existência. As formações imaginárias existentes, a partir das relações sociais, estão presentes no discurso.

Na análise de discurso não se deve colocar ponto final nas reflexões, mas dialogar na diferença. Assim é preciso realizar uma leitura do discurso tendo noção de ideologia. Segundo Orlandi (2006) a leitura “*pode significar a construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto*”. Diante disto será utilizado como método de análise o dado (empírico) e objeto (científico) para compreensão e interpretação do discurso, observando a plasticidade da linguagem.

A metodologia de análise segundo o proposto por Orlandi (2006) são:

1. Distinguir modelos de discurso, articulando esses modelos sobre condições de produção;
2. Distinguir o que no contexto de situação deve ser levado em conta na constituição do sentido;
3. Exploração para elaboração de formas de observação do modo de funcionamento⁸ de diferentes discursos (autoritário, polissêmico ou lúdico – pg 24 e 25), observando as tendências presentes;
4. Marcas presentes no discurso, ou seja, a forma de organização do discurso (gramaticais textuais);
5. Propriedades presentes no discurso, ou seja, o que está sendo levado em consideração do discurso. Analisando o todo em relação a exterioridade, com a situação (com as instituições, com o contexto sócio-histórico, com a cultura, com a ideologia)

⁸ Conceito de funcionamento – “O deslocamento da noção de função para o funcionamento é considerado condição essencial para a constituição de qualquer ciência que trate do signo. Não se descreve a função, mas sim o funcionamento. Na análise do discurso o funcionamento é a estruturação de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas, esse determinado não é um, mas o circunscrito a nossa experiência social, de nossa época e grupo social”. (ORLANDI, 2006)

6. Relação entre o linguístico e o ideológico, para detectar marcas e propriedades do discurso, analisando seu funcionamento e estabelecendo a relação entre esses funcionamentos e formações discursivas que, por sua vez, remetem a certa formação ideológica.

Na análise serão observadas as condições produzidas pelo discurso com base nos conceitos de processo e produto, contexto histórico-social, interação, trabalho, formação discursiva, formação ideológica.

Na relação de discurso com a unidade de texto será utilizado o conceito de texto⁹ como a “*a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção*”. Nesta relação será utilizada a gramática transformacional, ou seja, a “*relação entre a competência (objeto teórico, objeto descrição) e a frase (unidade de análise); e entre o sistema (a língua) e o signo*”

Assim será possível analisar os processos de constituição do fenômeno linguístico, em consonância com Orlandi (2006), em toda sua dimensão simbólica. Além de articular as três regiões do conhecimento científico:

- *Materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações;*
- *A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;*
- *A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.*

A articulação das regiões do conhecimento é de suma importância na análise do discurso, pois procura “*compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história*” (ORLANDI, 2007). Ou seja, possibilita conhecer o homem na sua capacidade de significar e significar-se, e possibilita que a linguagem medeie a relação homem e realidade (natural e social).

Portanto, a análise de discurso procura atravessar o texto para encontrar o sentido dele, o que ele significa. Verifica a relação entre língua e ideologia, como a

⁹ Noção de texto – análise do todo e das partes. “A relação das partes com o todo, em que procuram estabelecer, através de recortes, unidades discursivas. Análise dos espaços simbólicos (os implícitos) entre enunciados efetivamente realizados é constitutivo do texto, bem como sua relação com outros textos. Os recortes feitos permitem a compreensão da ideologia.” (ORLANDI, 2006)

língua produz sentidos por/para os sujeitos. Segundo Orlandi (2007), na análise do discurso:

- a) A língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma (distinguindo-se da linguística, ela reintroduz a noção de sujeito e de situação na análise da linguagem)
- b) A história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos)
- c) O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia

Diante de tais colocações, observa-se que Orlandi (2007), conceitua o dispositivo de interpretação como a *“característica de colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo eu ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras”*.

As bases para análise, num primeiro momento leva-se em consideração do corpus da linguagem, ou seja, o texto e o discurso. Posteriormente distingui-se o método, para analisar *“o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias, etc”*. E, finalmente analisar as formações imaginárias, ou seja, suas relações de sentido e de formas, através dos vestígios que deixam no fio do discurso.

Orlandi (2007) afirma que o ponto crucial nas diferentes formas de análise da linguagem são:

- a) As diferentes concepções da língua (sistema abstrato, material ou empírico; sujeito a falhas, um todo perfeito, um sistema fechado em si mesmo)
- b) Diferentes naturezas de exterioridade (contexto, situação empírica, interdiscurso, condições de produção, circunstâncias de enunciação)
- c) Diferentes concepções do não-dito (implícito, silêncio, implicatura, etc)

Dentre as propostas da autora, neste estudo seguirá as etapas abaixo, para análise de discurso.

A primeira etapa, segundo a autora, envolve o contato com o texto procurando a discursividade e primeira análise (natureza linguística enunciativa). Há também, o trabalho com as paráfrases, sinonímia, relação do dizer e não-dizer, etc. Observa-se que nesta etapa o analista começa a vislumbrar a configuração das formações discursivas que estão dominando a prática discursiva em questão. *“Relacionam o que foi dito com o que não foi dito, com o que poderia ser dito, etc.”.*

A segunda etapa inicia o processo de compreensão a partir do objeto discursivo, ou seja, a análise procura relacionar as *“formações discursivas distintas – que podem ter-se delineado no jogo de sentidos observado pela análise do processo de significação (paráfrase, sinonímia, etc.) – com a formação ideológica que rege essas relações”*. Nesta etapa analisa-se também os efeitos metafóricos do discurso, ou seja, o *“efeito semântico produzido numa substituição contextual, ou seja, é a alteração da ordem do simbólico, da ideologia, da historicidade)”*

E por fim, na terceira etapa, analisa-se o efeito metafórico, como parte de funcionamento discursivo, e como ele liga-se a maneira de se conceber a ideologia. Assim o trabalho ideológico é o trabalho de interpretação.

3 ANÁLISE DOS DADOS

A amostra foi composta por seis indivíduos, pertencentes ao Projeto Idade Melhor, selecionados intencionalmente, conforme critérios de inclusão: a) participação no projeto no mínimo três anos; b) participação nas ações do Projeto Nossas Andanças no mínimo três anos; c) aceitem participar do estudo.

A escolha da amostra no Projeto Idade Melhor deve-se por ele ser uma política pública voltada para o lazer, envelhecimento e turismo, e se enquadrar dentre os objetivos do estudo.

Segundo questionário aplicado, nas entrevistas, para caracterização, concluiu-se que a amostra é idosa (faixa etária acima de 65 anos), feminina, e casada (três) ou viúva (duas) ou divorciada (uma). A participação feminina no estudo não é intencional, pois a amostra tinha que atender aos três critérios acima descritos, sendo o público masculino não se adequou aos critérios pré-estabelecidos.

A prática de atividade física é regular destacando-se as atividades do Projeto Idade Melhor, e de caminhada, hidroginástica e dança.

O nível de escolaridade da amostra está entre ensino fundamental à superior, sendo que três possuem ensino médio completo, uma possui ensino médio incompleto, uma possui ensino fundamental incompleto e uma possui superior completo.

A elaboração dos contextos de análise se deu em observância aos objetivos propostos e a análise de discurso das entrevistas. Os procedimentos de análise, conforme Orlandi abrangeram a análise da superfície linguística, a formação contextual e a interpretação/compreensão. Assim, foi possível extrair do discurso contextos relacionados ao lazer, tais como, tempo, conteúdos, símbolos, funcionalidade. Desta forma objetiva-se responder aos questionamentos outrora propostos e compreender o lazer dos atores sociais, bem como o imaginário desta prática.

A avaliação da produção científica é de suma importância, pois possibilita analisar o conhecimento que tem sido difundido, bem como o imaginário presente a respeito da temática. Fornece, também, um mapeamento das contribuições, necessidades e déficits da produção em determinada área do conhecimento.

A pesquisa bibliográfica, integrando lazer e envelhecimento, contribui para compreensão das concepções e significados nos discursos escritos. Corroborando com Marcellino (1998) as produções de conhecimento e as concepções, no âmbito do lazer, são permeadas pelo contexto histórico, político e cultural de forma dinâmica.

A pesquisa bibliográfica, nesta etapa da pesquisa, teve como objetivo identificar e analisar o conhecimento sobre “lazer” e “envelhecimento” produzido e publicado nos últimos cinco anos. A coleta de dados foi realizada nas seguintes bases: Lilacs, Portal de Periódicos CAPES, Revista Licere, Anais dos Congressos: Lazer em Debate e Enarel, nos últimos 04 anos, conforme tabela em anexo.

A busca ocorreu no período de 04/06/2012 a 29/06/2012, cruzando os seguintes descritores: lazer, envelhecimento, velhice, Idade Melhor, Terceira Idade. Como critério de seleção dos artigos, foram considerados apenas os estudos realizados que versassem sobre uma das temáticas. Foram excluídos todos os artigos cujos textos não estivessem disponíveis, na íntegra, na(s) base(s) de dados em que foram encontrados. Na busca foram encontrados 43 trabalhos.

Em seguida os artigos foram organizados em função do ano de publicação e população. Concluída a fase de classificação do tipo de artigos, realizou-se o processo de classificação dos que faziam alusão a uma das temáticas.

A análise dos trabalhos encontrados foram confrontados com os dados encontrados junto ao grupo estudado, na tentativa de perceber o imaginário nas produções, bem como o discurso de quem está no cotidiano das atividades, ou seja, os idosos.

A elaboração das questões foi em observância aos conceitos que remetem ao lazer em diversos autores, conforme revisão bibliográfica, e aos conteúdos do lazer. Diante disto, na análise de discurso será considerada as etapas sugeridas por Orlandi (2007): a) etapa de passagem da superfície linguística para o texto (discurso); b) etapa do objeto discursivo para a formação discursiva; c) etapa do processo discursivo para formação ideológica.

Conforme Orlandi (2007), a análise do discurso deve contemplar os sentidos presentes na linguagem, bem como seus símbolos. Procurando articular, estes sentidos e símbolos com o Imaginário Social, segundo CASTORIADIS (1982), objetiva-se nesta categoria compreender o imaginário dos atores sociais em relação ao tempo, e o tempo destinado a atividades de lazer. Compreender os símbolos

presentes no tempo e espaço destas práticas, bem como seus signos e significados, e as ideologias.

Em movimento: a velhice como processo, o lazer como possibilidade de ressignificações

ELIAS (1998) afirma que o tempo é um símbolo social, historicamente construído de um longo processo de aprendizagem. O tempo é uma representação subjetiva, enraizada na natureza humana. Segundo o autor até a época de Galileu, o tempo era utilizado como meio de orientação no universo social e como modo de regulação de sua coexistência. Atualmente, ele é utilizado como instrumento de controle, em virtude às exigências da vida social. Nestes dois momentos históricos o tempo tem seu papel instrumental de regulação da vida em sociedade, ou seja, possibilita a harmonização e adaptação de comportamentos/símbolos socialmente instituídos.

Há recorrentes trechos, das entrevistas, que os atores sociais, apresentam o papel do tempo como fator regulatório de suas ações. Observa-se também a repetição constante e inevitável das atividades na vida diária, conforme afirma ELIAS (1998):

“Marta” (E1) - *“Acordo cedo. Rezo antes de sair da cama. Arrumo a casa, faço café para meus netos e coloco a roupa que tem de molho, mas espero juntar, para não perder muito tempo. Vou para a ginástica a pé para já chegar lá no jeito. (Pausa) Mas não deixo meus netos sozinhos não, eles ficam com a vizinha, porque senão é Conselho Tutelar em cima, aí cê já viu. Quando não saio muito cansada passo na rua, porque sempre tem alguma coisa para fazer lá pra casa. Chegando em casa termino de ajeitar a casa e o almoço, com meu radinho ligado (risos). Levo os meninos pra escola, aí vejo novela da tarde e faço uma coisinha ou outra pra casa. Tem dia que tem artesanato, aí vô na associação. Não preciso de buscar na escola, a mãe busca. Tem noite que tem dança, me arrumo e vô, quando minha perna não ta inchada né? Mas tem dia que faz bem até para a perna inchada (risos). Mas não perco a novela das oito não, depois que vejo, rezo e vou dormir. Nos dia que não tem ginástica eu caminho aqui no bairro mesmo.”*

“Gilda”(E2) – *“Depende da quantidade de encomenda que eu tenho. Porque costuro menos sabe, mas sempre tem serviço. Depois que acordo, dou os remédios para minha mãe, ela teve um derrame e tem dificuldade para andar. A Maria me ajuda com a casa e com o cuidado com mamãe. Vou ao Grupo da Terceira Idade, três vezes por semana, antes vejo o que vai ser feito no almoço e o que tenho que fazer no centro. A tarde é que fico mais na costura. A noite descanso, vejo todas as novelas. Quando minhas filhas passam lá em casa fica tudo diferente, até minha mãe fica mais animada.”*

“Zaira”(E3) – *“Meu dia é muito agitado. Quando não estou viajando, faço ginástica três vezes por semana. Nos outros dias caminho na Estrada da Rasa. Freqüento o Coral Municipal três vezes por semana. Participo do Lions Clube, sempre tem alguma ação sendo realizada. Minhas “filhas” que adotei... (risos), minhas cadelinhas, Bravura, Laika, Lassie e Suzete dão muito trabalho, comida... banho...tosa... Às vezes assumo o almoço, tenho uma ajudante lá em casa, quando não faço ela faz, porque meu filho sempre almoça em casa. Depois do almoço, tiro meu cochilo e vejo a novela da tarde. Depois da novela sempre vou à rua, não consigo ficar muito tempo dentro de casa. No fim de semana, vou sempre ao Baile da Saudade, reencontro com muita gente e sempre é muito animado.”*

“Laita”(E3) – *“Bem, depois que eu e meu marido levantamos, tomamos café e caminhamos na Beira Rio (Todos os dias). Levantamos muito cedo. Vamos à ginástica e depois nos separamos. Ele sempre vai pra Praça de Palmeiras, Pausa – Mesmo que ele não tenha nada para fazer lá, (risos). Volto para casa, sempre tem alguma roupa para lavar, não deixo juntar, mas também é a máquina que lava, (risos). Faço almoço e dou um jeito na casa, às vezes meu marido me ajuda em algo, apesar dele ser militar, lá em casa não tem nada disso não, ele sempre me ajudou bastante. Fim de semana a comida é dele, é uma diversão só. Domingo é dia de todo mundo aqui em casa, às vezes tenho a impressão que a gente se prepara a semana toda para o domingo, aí é filho...nora... e os netinhos. Antes de aposentar, quando os meninos estavam com a gente, tudo era mais difícil, mas agora é diferente. Fizemos nossa parte também estão muito bem criados, os dois sempre gostaram muito de estudar e formaram em curso bom na federal, nunca aceitamos essa história de pagar faculdade, filho nosso tem de ser estudioso.”*

Sempre cobramos isso e deu certo (risos). A tarde sempre tenho algo para fazer na rua, enquanto meu marido dorme aproveito para botar as coisas em dia. Sempre tem alguma coisa pra fazer que envolve algum neto também, levar na natação... ajudar na tarefa...comprar alguma coisa. A noite, vamos a missa, duas ou três vezes por semana. Vamos ao Baile da Saudade também. Quando ficamos vemos novela, não gosto muito porque acho que incentiva muita coisa errada que a gente vê hoje em dia, mas meu marido gosta, aí faço companhia.”

“Elizabete” – *“O meu dia de uns 6 anos para cá, posso dizer que é tranqüilo, antes acordava cedo e iria trabalhar, sempre trabalhei como doméstica, agora tive um problema com síndrome do túnel do carpo nas duas mãos, abandonei o serviço por falta de forças nas mãos. Fiz a cirurgia, fisioterapia agora já está melhor, fico em casa, cuidando da minha casa, cuido da minha neta pra minha filha trabalhar e todas segunda, quarta e sexta vou á aula de Ginástica perto da minha casa mesmo, faço 2 horas de ginástica e é um lugar pra mim que me ajudou muito nas minhas rotinas, no meu bem estar e fiz muitos amigos, á tarde eu não saio de casa, fico cuidando da minha neta e organizando algumas coisas, todas as noites vou à igreja porque sou coordenadora de um grupo de reflexão.”*

“Amélia” – *“Meu dia é muito tranqüilo, geralmente acordo cedo, adianto minhas refeições, dias de terça e sexta, faço atividades, junto ao grupo da melhor idade, desenvolvo atividades, jogo queimada, danço, faço caminhada, entre outras atividades, retornando em minha casa finalizo minhas atividades como meu almoço, ao termino faço a refeição, arrumo a cozinha, na parte da tarde geralmente coloco roupa para lavar, alavada, passo a roupa que estiver seca do outro dia e vou para meu descanso, assisto missa no canção nova. A noite sempre tem um neto lá em casa, vejo novelas e custumo durmir cedo.”*

No discurso tem-se presente as relações das estruturas sociais, suas redes e seus símbolos. Nestas relações partilham-se valores e objetivos comuns. Há relacionamentos horizontais e hierárquicos entre os participantes desta rede, seja nas redes de relacionamento (família), nas redes profissionais, nas redes comunitárias (ginástica). Nas redes estabelecidas pelas entrevistadas, a percepção

apurada de tempo, bem como a submissão a sua disciplina, conforme ELIAS (1998) apresenta em seu livro, é recorrente em alguns trechos dos discursos acima citados.

A pressão do cotidiano, no tempo do relógio, é implícito e explícito na descrição da rotina: o acordar/levantar cedo, a jornada relacionada as responsabilidades domésticas, a sequencia de acontecimentos. Salienta-se que esta pressão do tempo, também é evidente quando relatado o envelhecimento e a necessidade de aproveitá-lo intensamente.

Outro traço presente no imaginário dos entrevistados é a sensação de obrigação de se inserir todo e qualquer acontecimento no curso do tempo, conforme ELIAS (1998) frisa. É claro a dimensão simbólica, do tempo, enquanto instrumento de medição da alienação imposta pela instituição.

O conceito de tempo para os atores sociais está diretamente ligado ao conceito que a instituição social incute nos indivíduos, e são assimilados à medida que se vive em sociedade. Segundo Elias, o tempo é um símbolo, de uma instituição social, que tem caráter coercitivo sobre os indivíduos desde cedo (quando crianças). Se no decorrer dos anos, o individuo não se autodisciplina torna-se difícil o desempenho de seu papel no seio da sociedade. Observa-se explicitamente que o sistema de autodisciplina demonstra a *“maneira como o processo civilizador contribui para formar os habitus sociais”*. Mas principalmente, a forma como *“o tempo faz parte dos símbolos que os homens são capazes de aprender e com os quais, em certa etapa da evolução da sociedade, são obrigados a se familiarizar, como meios de orientação”*. O tempo é um símbolo de coerção universal e inelutável; a coerção é de natureza social, exercida do coletivo para o individual. (ELIAS, 1998)

Estas coerções fazem com que os homens aprendam todas às sequencias de acontecimentos – físicos, sociais ou pessoais – em função dos símbolos reguladores temporais utilizados em sua sociedade. Corroborando com ELIAS (1998), quando um determinado símbolo *“atingem um grau sumamente alto de adequação à realidade, torna-se difícil, num primeiro momento, distingui-los dessa mesma realidade”*. Esta regulação social do tempo tem caráter paradigmático. É o que acontece com os símbolos presentes no que tange a família, religião, mídia (televisão). Observa-se que em alguns discursos as entrevistadas não se veem de forma diferente de sua realidade, visto que a construção deste tempo já foi internalizada.

“Marta” (E1) - *“Num mudava nada não do jeito que está ta muito bom graças a Deus. Tenho que ser agradecida por tudo que tenho nessa vida [...] Aí hoje eu quero é ficar mais tranquila e não quero muito pra mim não, só ver meus netos estudando já ta é bom.”*

“Gilda”(E2) – *“gosto do que faço [...] tudo que tenho ta ótimo.”*

“Zaira”(E3) – *“faço tudo que eu quero e gosto disso.”*

“Laita”(E3) - *“Sou muito feliz com o que tenho, não mudaria nada, não mesmo. Nunca fui de ficar parada reclamando, a gente tem o que a gente produz”*

“Elizabete” – *“esta tudo ótimo”*

“ Amélia ” – *“Não gostaria de mudar a minha rotina.”*

A análise do discurso quanto ao tempo livre, destinado às atividades de lazer, é evidente o espectro do tempo livre, conforme Elias (1992). O autor define o tempo livre como todo tempo liberto das ocupações trabalhistas, situa este tempo dentro de cinco classificações, que é o *“espectro do tempo livre”*: a) atividades familiares; b) repouso; c) necessidades biológicas; d) sociabilidade; e) atividades miméticas e de jogo (possuem caráter de lazer). Nos discursos são presentes as atividades de tempo livre, conforme classificação de Elias, principalmente as atividades familiares e de sociabilidade; elas são executadas rotineiramente e sequenciais, demonstrando o controle social do tempo pela instituição.

O lazer tem o papel de quebra desta rotina, sendo um meio de *“produzir um descontrolo de emoções agradável e controlado”*, sendo a sua função alívio das tensões geradas pelo autocontrole. De acordo com os discursos a atividade realizada com este intuito são a ginástica, novelas, dança e caminhada.

Pensar em processo remete a questão do caminho, do trajeto. Percurso que traz consigo conotações das vivências estabelecidas pelos sujeitos, trajetórias que apresentam seu sentido interligado com os momentos que as mesmas se veiculam.

Permitindo que esferas e estruturas possam ser ressignificadas, (re) vividas, (re) criadas.

Conforme Camargo (1992) “...o Lazer tem o poder de aproximar as pessoas...”, “...Tem a capacidade de fazer descobrir novas coisas...”. o lazer é visualizado como uma possibilidade de melhoria da qualidade de vida das pessoas, permitindo ao idoso a ressignificação emocional de seu lazer, revertendo valores e comportamentos, deixando fluir a espontaneidade, a alegria, o prazer de viver.

O processo de adaptação às novas realidades que se apresentam com o processo de envelhecimento requerem o desenvolvimento de suas múltiplas potencialidades, as quais, associam emoção-razão. Alves Júnior (2004) destaca o fato de o idoso enfrentar uma verdadeira crise de identidade diminuindo sua auto-estima positiva e a aceitação de si mesmo, gerando inseguranças quanto à sua identidade, o que reflete na autonomia, liberdade, convívio social e afetam não apenas a frequência como, também, a qualidade dos relacionamentos interpessoais e dos vínculos afetivos no grupo.

O idoso pode e deve, se necessário, ressignificar emocionalmente seu lazer, revertendo atitudes enraizadas, valores e comportamentos, deixando fluir a espontaneidade, a alegria, o prazer de viver e o elemento lúdico que lhe é inerente, melhorando com isso, a sua qualidade de vida. É importante frisar que a palavra ressignificar envolve a perspectiva de sentidos outros, entretanto cabe pensar sob que lógicas essa produção acontece e a que necessidades elas vão de encontro.

Segundo Ballone (2004), tornou-se vexatório ao idoso confessar sentir-se bem com sua própria idade cronológica, tamanha é a valorização da juventude em nossa sociedade. Para, além disso, como afirma Calegari (1997), a velhice não é um fato total na vida das pessoas. Elas não se sentem velhas em todas as situações, muitas vezes, percebendo este processo nos outros, não em si. Durante o processo de envelhecimento as pessoas são, por vezes, limitadas não por se sentirem incompetentes para pensar e agir de determinada maneira, mas pela imposição do estereótipo de que tais processos não cabem aos velhos.

Em contraponto a esse entendimento DEBORTOLI (2012) apresenta uma “*noção de envelhecimento que é anunciada como um percurso de vida, como uma condição de estar vivo*”. Pensar a velhice supõe reconhecer a vida como um processo que entrelaça a todos como *crianças-jovens-velhos*, constituindo percursos

de partilha da vida, bem como com tudo que nos envolve. O velho não é o outro do jovem ou da criança, mas uma expressão de condição humana, total e universal.

A vivência do Lazer revelam experiências que nos possibilitassem viver, conhecer e ampliar os potenciais da vida humana, nossa capacidade de movimento e relação, conosco, com o outro e com o mundo. Pensar o lazer dessa maneira pressupõe olhar para a riqueza de engajamentos, envolvimento, entrelaçamentos que temos sido desafiados cotidianamente a compartilhar: na relação com a família, com as artes, com os animais, com os outros seres humanos, com a natureza, ou seja, com o cuidado com o mundo.

O *Lazer*, mais que um conceito ou objeto, é tomado como um processo, como uma maneira de viver, subvertendo uma lógica objetivada e instrumental da modernidade, que toma o *Lazer* como experiência social secundária, compensatória ou como projeto de futuro.

A relação lazer e envelhecimento é uma riqueza de processos de envolvimento na vida. Produzir como sinônimo de viver. É impossível dissociar o estar vivo e o ser produtivo. O Lazer deve provocar um entendimento de participação como ação compartilhada de cuidado, de cuidar-se, de ser cuidado, de deixar-se ser cuidado, de permitir-se cuidar, de compartilhar cuidados: consigo mesmo, com as pessoas, com a natureza, com a vida material. E compreender essa perspectiva como uma ação política encarnada.

Vivendo a Melhor Idade, Lazer, Envelhecimento e Qualidade De Vida

Os diferentes entendimentos do processo de envelhecer, apresentam formas de ver, conceber e nomear a temporalidade da vida, arraigadas a noções que tanto escondem quanto revelam identidades e formas de visibilidade, condicionando conceitos e preconceitos, provocando a consciência de limites, mas também de possibilidades.

A associação entre envelhecimento e movimento torna-se freqüente na maioria dos estudos que envolvem essa temática. Esse processo atribui atividade e mobilidade a esse processo, bem como, funcionalidade e utilidade. O mercado que se relaciona a esse setor ganha também grande destaque, no que se refere à prestação de serviços e envolvimento.

Os autores definem lazer baseados em Dumazedier (1973, p.34) e Werneck; Isayama (2003, p.37), que o conceituam como,

“um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”. (DUMAZEDIER, 1973, p.34)

“uma das dimensões da cultura-socialmente construída a partir das ações, do tempo, do espaço/lugar e dos conteúdos culturais vivenciados, ludicamente pelos sujeitos”. (WERNECK; ISAYAMA, 2003, p.37)

No que se refere ao interesses envolvidos temos a classificação dos interesses culturais proposto por Marcellino (2006):

1. Interesses Físicos: Todas as atividades onde prevalece o movimento. Neste grupo podemos situar os esportes em geral, a ginástica, a dança, a prática de caminhada, dentre outros;
2. Interesses Artísticos: A experiência estética, a arte em suas diferentes formas de apresentação: cinema, teatro, dança, música, artes plásticas e literatura;
3. Interesses Manuais: É a habilidade de manipulação de objeto ou materiais que lida com a natureza. Nesse grupo podemos encontrar a jardinagem, carpintaria, marcenaria e culinária;
4. Interesses Intelectuais: Está ligado ao exercício, ao ato de raciocinar: leitura, jogos que envolvem o cognitivo, xadrez, dama, gamão e bridge, entre outros;
5. Interesses Sociais: Atividades relacionadas ao fator motivador de encontros entre indivíduos: as festas, os espetáculos, bares e restaurantes servindo de pontos de encontro;
6. Interesses Turísticos: A busca por se conhecer novos lugares: os passeios, conhecer pessoas e as viagens podem ser exemplos.

As atividades de lazer podem ser classificadas de várias formas. Trigg (1996) considera basicamente dois tipos de atividade: as baseadas em casa ou na vizinhança e as realizadas distante de casa. Para Lemos (2005), as atividades de lazer podem se referir a interesses como: a) físicos: esportes, ginásticas, caminhada, corrida, danças, atividades físicas em geral; b) artísticos: atividades ligadas à estética e a linguagens corporais, escritas, visuais etc.; c) manuais: hobbies em geral, jardinagem, marcenaria, culinária, costura etc.; d) Intelectuais: xadrez, gamão,

palestras e cursos dissociados do trabalho; e) sociais: festas, encontros em bares, restaurantes, parques, programas noturnos, passeios e atividades turísticas em geral.

“Os principais autores que influenciaram os estudos no Brasil entenderam o lazer como tempo livre de trabalho (PARKER, 1978; DUMAZEDIER, 1979), ocupações para se entregar de livre vontade e espaço para desenvolvimento humano e repouso (DUMAZEDIER, 1979), liberdade, habilidade e prazer (GAELZER, 1979) e diferença entre tempo livre e tempo disponível. (MARCELLINO, 1990).”

A relação entre atividade de lazer e o idoso é expressa como possibilidade de promoção de melhoria da qualidade de vida. Assim a percepção sobre lazer aproxima-se da questão da “mobilidade” dos indivíduos., ou seja, o lazer se aproxima do exercício físico, mental e a manutenção das relações sociais, sobre as funções cognitivas no envelhecimento.

A maior ênfase nos programas é dada à prática de atividade física relacionada à manutenção da saúde em relação às atividades de lazer, bem como um maior estímulo para as práticas de lazer quando se pensa em promoção da saúde devido à sua relação com um envelhecimento físico e cognitivo saudável.

Esse discurso respaldado por um discurso médico, busca relacionar a questão do lazer com a qualidade de vida constituindo o lazer como uma forma de inserção dos idosos participantes numa nova rede de relações que os permitem recuperar o seu lugar no processo de construção social, tendo em vista que a medida que envelhecem, diminuem os seus vínculos sociais e as relações com o meio social e material familiar.

Compreendendo que o idoso continua tendo uma função social ativa, o direito e dever de contribuir para a sociedade, de participar ativamente no traçar de seus rumos (até mesmo para reivindicar as soluções que atendam seus interesses), não devendo ser menosprezado, os programas de lazer devem estar contribuindo para potencializar a compreensão e a contribuição dos idosos, numa óptica não funcionalista, para a superação do *status quo* (MELO, 2003).

No que se refere à institucionalização e a qualidade de vida, os estudos apresentam a necessidade de se mudar o entendimento que se tem das instituições de longa permanência de idosos como local que abriga idosos pobres, que necessitam de caridade. Faz-se necessário entender estes locais como instituições

prestadoras de serviços especializados diante das demandas atuais e mudanças da sociedade como um todo”.

O discurso que relaciona Lazer e Qualidade de Vida, se faz presente nesse contexto, entretanto perspectivas relacionadas à questão do descanso, da possibilidade de divertimento e desenvolvimento se apresentam, a idéia de lazer apresentada se refere:

“conjunto de ocupações que o indivíduo usa para repousar, para divertir-se, para desenvolver informação ou formação desinteressada. Trata-se ainda de um tipo de participação voluntária ou capacidade criadora, quando livre das obrigações profissionais, familiares ou sociais, sendo, portanto uma actividade de livre escolha, libertadora, desinteressada e sem fins lucrativos”.

Envelhecimento e Lazer: Temporalidades Em Questão

Convém ressaltar que a sociedade educa os indivíduos, principalmente, para preencherem o tempo de trabalho e não leva em consideração as vivências adquiridas durante o tempo de não trabalho. Em conseqüência disso, o tempo assume uma roupagem funcional. Somos educados para aproveitar e nos relacionarmos com a esfera do tempo de maneira produtiva e utilitária.

Assim o processo de envelhecimento, se relaciona com a dinâmica temporal de modo a se envolver com a lógica descrita, ou seja, com a questão da produtividade. A aposentadoria se insere nesse momento, acompanhada de desvalorização social, tornando-se um período indesejável, carregado de preocupação, sendo mal aproveitado.

A noção de que aposentar-se significa se desligar de atividades produtivas é contestada nos estudos. O esperado é que os idosos tivessem mais tempo livre, entretanto, ele passa a exercer outras atividades, como cuidar da família, ir à igreja, procurar “bicos” para aumentar a renda e cuidar da casa.

A necessidade de ressignificar formas de conduta e de se relacionar se apresenta de modo inevitável na “rotina” desse idoso. A esfera do tempo ganha outras dimensões, abrangendo o cotidiano individual do idoso, onde o mesmo terá dispostas suas obrigações e sua relação com o *tempo livre*.

Dumazedier (1994, p. 141), tempo livre é:

...conjuntos de intervalos de tempos que se dá entre os tempos obrigatórios impostos pela sociedade e que retornam sem cessar a cada manhã ou a cada segunda-feira, ou a cada volta das férias e que são pagas pelo mais importante dos tempos obrigatórios: o tempo de trabalho profissional

Neste contexto, ao se pensar no Lazer dos Idosos, podemos refletir acerca do mesmo como um direito social, historicamente construído e intimamente vinculado aos aspectos: *tempo*, que corresponde ao momento presente não se limitando aos períodos institucionalizados; *espaço-lugar* vai além do espaço físico segundo a apropriação dos sujeitos; *manifestações culturais*, conteúdos vivenciados como influência da cultura e ações que são fundadas no lúdico (WERNECK, 2000).

Segundo os pesquisadores, o *“estudo do tempo é uma medida do espaço psicológico e social, podendo ser avaliado como indicador comportamental, ou seja, indicador de estilo de vida, sendo o comportamento competente um dos fatores determinantes de tal estilo”*.

Pode-se distinguir duas grandes linhas: a “atitude”, que considera o lazer como estilo de vida, sendo fundamentada na satisfação provocada pela atividade independente de um tempo determinado; e o “tempo liberado”, do trabalho ou o “tempo livre”, “tempo disponível”, de obrigações familiares, sociais políticas e religiosas, enfatizando a qualidade das ocupações desenvolvidas (MARCELINO, 1995).

Para DUMAZEDIER (1980):

O lazer é o tempo que cada um tem pra si, depois de ter cumprido sua obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio políticas. É o tempo vital que cada um procura defender, contra tudo que o impedir de ocupar-se consigo mesmo. É antes de tudo a liberação de cada um, seja pelo descanso, seja pela diversão (atividades esportivas), seja pelo cultivo do intelecto.

As atividades que os indivíduos realizam nos momentos de lazer vão ao encontro com o que eles pensam e acreditam sobre como e onde ocupar seu tempo livre, condicionados pelo meio onde eles se inserem, trazendo consigo suas experiências, gerando mudanças de valores, sentidos, anseios e desejos, revelando uma relação intrínseca com a questão do aprendizado.

O lazer é uma atividade que propicia ao ser humano divertimento, desenvolvimento e descanso, resultando em uma sensação de bem estar físico,

psíquico e social, por isso essa atividade se torna muito procurada por todos, a fim de que, possa oferecer um tempo diversificado daquele relacionado ao cotidiano do trabalho, da família e das demais responsabilidades sociais (MARCELLINO, 2000).

Envelhe (Sendo)... Necessidades e adaptações- a lógica do OUTRO

Afinal de contas quem sente o processo de envelhecimento? Quem entende o processo como perdas...como ganhos... como possibilidade de ressignificar? Quem atribui organização e valoração à temporalidade do idoso? Quem delimita preferências e apresenta oportunidades?

As opções de lazer, independente do caráter artístico, físico, manual, social ou intelectual¹⁰, proporcionam, além de educação cultural, descanso e divertimento, oportunidade de aumento do convívio com pessoas diversas que poderiam se tornar amigas ou não, reencontrando novamente ou não, diversificando suas opções de lazer, e atribuindo conhecimento sobre práticas, substanciando suas intervenções.

O acesso a bens culturais pode se caracterizar como justificativa plausível para valorização dos momentos de lazer. Nesse instante, o indivíduo passa a interagir com as produções culturais da sociedade no campo da descontração, do lúdico, podendo ele também ser agente produtor e, ao mesmo tempo, contestador dos elementos neste universo. A interação existente entre as pessoas no lazer faz com que as “trocas” aconteçam, que as pessoas se relacionem de modo a desconstruir e construir pensamentos e ações, modificando o meio em que vivem.

O lazer na sociedade, influenciado pela lógica do liberalismo, é oferecido muitas vezes para o simples consumo, este representado pela chamada indústria de entretenimento e pacotes de viagens, que assume em muitas situações um papel de estimular o individualismo, à competitividade e ao consumismo.

A ocupação do tempo disponível das pessoas passa a ser algo lucrativo. Eventos fora de uma conjuntura, alheios a políticas de lazer, levam o lazer a ser tratado como mercadoria, como um produto exposto, no qual a satisfação, o bem estar, o descanso e o desenvolvimento passam a ser vendidos, assim necessidades e desejos são suscitados.

¹⁰ Classificação estabelecida por Victor Andrade de Melo, onde o mesmo delimita os interesses dos indivíduos nos seus momentos de lazer. Em 2004, no livro *Introdução ao Lazer* (p.28).

Segundo os autores o lazer é um produto personificado e individualizado, pois age na vida do indivíduo nos aspectos físicos e psicológicos, apontam o turismo como um fenômeno social que abrange e transforma as realidades sociais e econômicas.

O bem estar, geralmente, está associado como sinônimo de qualidade de vida. Segundo a OMS (1985) *“Qualidade de Vida é a percepção de cada indivíduo acerca de sua posição no mundo, de acordo com seu contexto cultural e sistema de valores e em relação a seu objetivo, normas, expectativas e interesses”*.

As finalidades do lazer, na maioria dos estudos são *“recreação, distração, descanso, reflexão sobre a realidade, imaginação, criatividade, atenuação do estresse e renovação de energias”*

Os autores conceituam qualidade de vida, sustentados em Neri (2003): *“o conceito de qualidade de vida na velhice tem associação direta com a existência de condições ambientais que permitem aos idosos desempenhar comportamentos adaptativos, com a qualidade de vida percebida e também com o senso de autoeficácia”*. E utiliza Lawton (1983) para avaliar a qualidade de vida na velhice, que são quatro dimensões: *“condições ambientais, competência comportamental, qualidade de vida percebida e bem-estar subjetivo ou psicológico”*.

O lazer associado ao turismo, se apresenta forma de estimular novos olhares, novas perspectivas, novos valores e compreensão nas relações com o outro, além de possibilitar que estes obtenham uma maior convivência social e até mesmo ao reabilitar aqueles que já passaram por um período difícil de isolamento e/ou problemas psicológicos, sugerindo, assim, a importância da criação de políticas públicas em prol da democratização do turismo.

O desejo dos idosos por uma vida social mais ativa, as práticas de lazer podem ser consideradas de grande valor. Experiências que podem contribuir positivamente não apenas para a sua vida social, mas também para sua saúde física e psicológica, abordando aspectos biopsicossociais de sua vida.

Para análise dos discursos referentes ao lazer e ao que os atores sociais entendem por lazer será utilizado como fundamentos teóricos Dumazedier, Melo, Mendes, Marcelino, Mascarenhas, Isayama, entre outros. Compreendendo que o lazer é uma manifestação cultural vivenciada no tempo livre na busca do prazer (MELO, 2010), para entender essa manifestação cultural da amostra pesquisada

será utilizado como referencial Marcelino e Dumazedier¹¹ que procuram explicar as correlações socioculturais existentes no lazer.

Segundo (MELO, 2010), o lazer na modernidade incorpora os novos ditames sociais, por exemplo, articulações entre social, econômico e cultural: *“capta e expressa, incorpora e ressignifica as tensões do processo”*.

No discurso das entrevistadas é claro esse processo de articulação do lazer com o social, econômico e cultural.

“Marta” - *“Como assim? Intervenção: Lazer – suas atividades no tempo livre... ah tá a ginástica me dá força e me ajuda. A gente é um grupo muito unido, problema todo mundo sempre tem, mas com mais gente perto fica tudo menos pesado”*.

“Gilda” - *“Não estar trabalhando, é me divertir”*.

“Zaira” - *“É me sentir bem e estar com pessoas que me divirtam. Sair de casa, passear, conhecer coisas diferentes”*.

“Laita” - *“Ser feliz e não ter preocupação. Eu não posso reclamar de queria fazer coisas que nunca fiz, graças a Deus, sempre me preocupei com meu lazer e da minha família, porque se a gente não descansar e aliviar a tensão, a gente não dá conta”*.

“Elizabete” - *“Me divertir. Fazer o que eu gosto com gente que eu gosto. Quando vou ao Projeto esqueço de minhas preocupações. Nas viagens é bem melhor porque a gente esquece da rotina, do que a gente teria mesmo que fazer”*.

“Amélia” - *“Tudo que me distrai me tira da rotina me faz bem, alegre e antes de tudo traz melhoras a minha saúde, pois hoje em dia com minha idade priorizo minha saúde . O lazer é uma diversão que faz bem em todos os sentidos”*.

Ao se falar em lazer vêm a tona, nos discursos, os cenários, personagens e relações, envolvimento esses que se processam num dado tempo e espaço,

¹¹ “Lazer e cultura Popular” (1976)

pautado por desejos, anseios e com objetivos bem definidos, sejam estes a distração, descanso, ou entretenimento, levando a diferentes sensações. Observa-se que esse sujeito que vivencia os momentos de lazer traz suas experiências e angústias bem como seu modo de viver, seus costumes, o modo de vestir, de caminhar, de falar, enfim, suas marcas. Marcas construídas histórica e culturalmente, que revelam gostos e preferências.

Essas preferências e gostos apresentam os interesses do homem, reguladas por ordens diversas, pois conforme diz o filósofo Bertrand Russel *“toda atividade humana é movida pelo desejo ou pelo impulso. Há toda uma teoria enganosa, apresentada por moralistas sérios, que considera impossível resistir aos desejos, no interesse dos princípios do dever e da moral. Digo que isto é enganoso, não porque não haja homem que atue sempre movido pelo sentimento de dever, mas porque o dever não o domina, a menos que ele assim o deseje”* (RUSSEL, 1956, p.153).

O caráter pessoal do lazer, ou seja, a busca pelo descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade são evidentes nos discursos acima. Observa-se que o caráter pessoal, responde as necessidades do indivíduo de acordos com os símbolos impostos pela sociedade. E que a ocorrência do lazer no cotidiano está atrelada a uma dinâmica cultural que estabelece relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações.

O desejo ou impulso que move os atores sociais a prática do lazer é o divertimento, o prazer, o hedonismo. O lazer, segundo Dumazedier, tem como característica a busca da satisfação, com um fim em si mesmo; o conteúdo hedonístico é condição primária dele.

Nos momentos de lazer é possível que os grupos estabeleçam redes de sociabilidade, de modo que exercitam seus símbolos e códigos comuns. Na análise é possível verificar que as entrevistadas encontram nas atividades uma forma de se relacionar e estar inserido em algum grupo, mas principalmente veem uma nova possibilidade de intervenção em sua realidade. Verifica-se o reforço de laços socialmente construídos e dos quais são incutidos nos imaginário social.

Diante disto, observa-se que o sentido e significado do lazer, presente no imaginário da amostra está diretamente ligada ao prazer; assim a organização do tempo destinado ao lazer, está atrelado as percepções sobre o meio.

Corroborando com CASTORIADIS (1982), há uma indissociabilidade entre o mundo social-histórico e os símbolos. E a rede simbólica, presente nesta relação,

expressam conteúdos preexistentes de relações sociais. Nos discursos os símbolos que se expressam são o de descanso, fuga da realidade, galgando o prazer.

CONCLUSÃO

No cotidiano, as pessoas vivenciam diferentes situações - de trabalho, em busca da sua sobrevivência ou por procurar emancipação humana; de lazer, na qual o componente 'obrigação' é deixado de lado; e familiares, que se referem às obrigações e responsabilidades, bem como aos momentos de lazer. Perceber e analisar o lazer no cotidiano dos indivíduos é um desafio necessário, principalmente para contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos mesmos nas esferas apresentadas.

Dentro do processo de envelhecimento, é importante conhecer as condições de vida, de saúde, econômicas e de suporte social dos indivíduos, para que se possa entender às demandas sociais, sanitárias, econômicas e afetivas, ou seja os cuidados necessário dessa parcela da população,. Significa dizer que é fundamental a percepção do contexto social onde os sujeitos se inserem. Embora a dificuldade de se ter uma definição universalmente aceita de quem é idoso, o critério etário é bem utilizado para fins de conceituação. Envelhecimento é sempre percebido e entendido de várias maneiras diferentes, levando sempre em conta as variações culturais.

Nos momentos de lazer, os grupos tecem redes de sociabilidade, exercitam seus símbolos e códigos comuns, reorganizam-se e abrem novas possibilidades de intervenção na realidade. Essas redes de sociabilidade são tecidas a partir do potencial de expressividade e dos múltiplos significados do corpo, que, ao longo da história, passa a se comunicar com o mundo por meio das relações estabelecidas em diferentes contextos sociais. Em virtude desses significados e signos, o corpo passa a se expressar e interagir com o mundo que o cerca, expressando-se de maneiras diferenciadas de acordo com os estímulos intrínsecos ou extrínsecos recebidos em seu cotidiano.

As práticas corporais dos sujeitos, ou seja, os movimentos que dão dinâmica aos envolvimentos, seja no trabalho, no lazer ou em outras esferas da vida humana, se mostram cotidianamente influenciadas e permeadas por interesses, lógicas e sentidos, em que o corpo passa a ser veículo e meio de expressão de valores, crenças, ideais, constituídos histórico-culturalmente como uma maneira de se comunicar com os estímulos recebidos, com a realidade em que estamos envolvidos. Esses corpos tecem envolvimentos que se processam em dado tempo,

pautado por desejos, anseios, crenças, mitos e com objetivos bem definidos, seja de distração, descanso, desenvolvimento, que levam a sensações de prazer, entrega e renúncia, ou seja, homens e mulheres se interagem, através de suas identidades, em dadas estruturas, permeadas de interesses e fragmentações.

Objetivamos nesse estudo relacionar Lazer, Saúde e Envelhecimento, no Projeto Nossas Andanças- Programa Melhor Idade-Ponte Nova/MG, que consiste na visitação de espaços diversos, por parte do grupo envolvido, as ações do Projeto se apresentam num primeiro olhar como atividades turísticas, contextualizadas por etapas, como: diagnóstico junto ao grupo no que se refere à tematização turística, planejamento estrutural, oficinas e intervenções, dentre outras.

Apesar das perdas que sofrem devido à idade avançada, os idosos mantêm as mesmas necessidades psicológicas e sociais que possuíam nas outras fases da vida e, por isso, reconhecem e valorizam o lazer. Mesmo com todas as dificuldades com que se deparam no dia-a-dia, eles não abrem mão de vivenciar o lazer, pois este se consiste em um tempo privilegiado para a obtenção de bem-estar em qualquer que seja a idade. Através do lazer, os idosos podem se manter mais saudáveis física, psicológica e socialmente.

No discurso dos idosos tem-se presente as relações das estruturas sociais, suas redes e seus símbolos. Nestas relações partilham-se valores e objetivos comuns. Há relacionamentos horizontais e hierárquicos entre os participantes desta rede, seja nas redes de relacionamento (família), nas redes profissionais, nas redes comunitárias (ginástica). Nas redes estabelecidas pelas entrevistadas, a percepção apurada de tempo, bem como a submissão a sua disciplina

O caráter pessoal do lazer, ou seja, a busca pelo descanso, divertimento e desenvolvimento da personalidade são evidentes nos discursos acima. Observa-se que o caráter pessoal, responde as necessidades do indivíduo de acordos com os símbolos impostos pela sociedade. E que a ocorrência do lazer no cotidiano está atrelada a uma dinâmica cultural que estabelece relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações.

Entretanto em muitos momentos para o idoso essa atividade não se apresenta claramente como proposta isolada, sendo assim distante de seu imaginário, pois, se coloca com objetivos de sujeitos outros, ou seja, o sentido das práticas de lazer propostas pelo Projeto Nossas Andanças não seguem a lógica imaginária de andança do idoso.

A aproximação do imaginário turístico de um determinado grupo põe em evidência signos, símbolos, imagens que permitem visualizar os locais além de sua posição. A atividade turística é vista geralmente pelo seu caráter econômico, esquece-se, porém que ela possui uma importante função sociocultural. O turismo não pode ser visto apenas como uma procura por prazer ou fuga da realidade. Sua prática estimula novos olhares, novas perspectivas, novos valores e compreensão nas relações com o outro. Dentro desta perspectiva, de lazer e turismo enquanto propiciadores de desenvolvimento humano, o que se percebe atualmente é a importância da criação de políticas públicas em prol da democratização destas atividades.

As políticas públicas voltadas para o setor devem contemplar desejos, anseios e expectativas pelo olhar do mesmo, pensar a temporalidade nesse cotidiano se faz necessário, pois a organização de tempo dos idosos, especificamente da amostra do estudo, é extremamente ativa e integrada com as diferentes esferas que o mesmo se insere.

Desde modo, os idosos pertencentes ao Projeto Nossas Andanças entendem a atividade turística como possibilidade de (re) viver, de ressignificar vivências estabelecidas. O imaginário sobre lazer estabelece ligação direta com a questão da obrigação e com o universo do prazer. As atividades do programa acabam virando rotina na vida dos idosos, não deixando assim, dentro de um discurso respaldado pela questão da qualidade de vida, de ser uma atividade obrigatória.

REFERÊNCIAS

AMSELLE, J.L. *Logiques mélangées Anthropologie de l'identité en Afrique et ailleurs*. Paris: Payot, 1990.

ANDAKI, A.C.R.; SILVA, S.R. O lazer e seus conteúdos culturais em uma política municipal: um estudo de caso. In: ENAREL, 14, 2002, Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 2002.

AVILA, M.A. *Trabalhando com recreação. Apostila do Curso Avançado de Recreação*. Florianópolis, 2005.

AZEVEDO, E. Expectativa de vida cresce 57,1% no Brasil. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 2 dez. 1999. Disponível em: <[http\\www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)>. Acesso em: 20 maio 2012.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BANDEIRA, M.; BARROSO, S.M. Sobrecarga das famílias de pacientes psiquiátricos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. v.54, p.1, p. 34-46, 2005.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENI, M. C. *Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2000.

BIRD, S. P.; TARPENNING, K. M; MARINO, F. E. Designing resistance training programmes to enhance muscular fitness: a review of the acute programme variables. *Sports and Medicine*, Auckland, v. 35, n.10, p. 841-851, 2005.

BODEI, R. *A História tem um sentido?* Bauru, SP: EDUSC, 2001.

BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: BORDO, S. (Org). *Gênero, corpo e conhecimento*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

BOURDIEU, P. *O campo econômico*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1995.

BOURDIN, A. *A questão local*. Rio de Janeiro: Dp&A, 2001.

BOWLING A. Other Disease- and Condition-Specific Scales. In: BOWLING, A. [Ed.]. *Measuring Disease: a review of disease-specific quality of life measurement scales*. Buckingham, Philadelphia: Open University Press, 1995. p.278-81.

BRAMANTE, A.C. *Lazer: concepções e significados*. Licere. Belo Horizonte, v.1, n.1, p.9-17, set. 1998.

BRASIL, *Constituição (1988)*. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 292 p

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico, 2007*. Rio de Janeiro: IBGE; 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 22 nov. 2007.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro, 2000.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br> . Acesso em 15 fev. 2012.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Em 2003, expectativa de vida do brasileiro subiu para 71,3 anos*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 4 jul. 2006.

_____. Ministério da Saúde. *Vigitel Brasil 2006: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília, 2007.

BRETON, D. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CACHIONI, M.; NERI A. L. Velhice bem sucedida e educação. In: *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. p. 113-140.

CACHIONI, M; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, E.V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. p. 1456-1465.

CARVALHO, M. B. (Org.). *A família contemporânea em debate*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTRO, L. M. *O imaginário sobre o corpo em uma comunidade de quebradeiras de coco-babaçu do Maranhão*. Viçosa, MG: UFV, 2003. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2003.

CAVALLEIRO, C. C.; SALGADO, M. Diadema: direitos que vamos construindo. In: MARCELLINO, N.C. (Org.). *Políticas públicas setoriais de lazer*. São Paulo: Autores Associados, 1996. p. 101-116.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1982.

CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. *Revista Saúde Pública*, v. 1, n. 31, p. 184-202, 1997.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1989.

CHEIK, N. C. et al. Efeitos do exercício físico e da atividade física na depressão e ansiedade em indivíduos idosos. *Rev. Bras. Cienc. e Mov*, v. 11, n. 3, p. 45-52, 2003.

CICONELLI, R.M.; FERRAZ, MB.; SANTOS, W.; MEINÃO, I.; QUARESMA, M.R. Tradução para a língua portuguesa e validação do questionário genérico de avaliação de qualidade de vida SF-36 (Brasil SF-36). *Rev Bras Reumatol.*, v. 39, n. 3, p.143-50, 1999.

COELHO, T. *Uma outra cena*. São Paulo: Pólis, 1983.

COSTA, M. F. L; VERAS, R. Saúde pública e envelhecimento. *Cadernos de Saúde Pública*, v.19, n.3, p.700-01, 2003.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc. Tradução de Viviane Ribeiro, 2002.

CUNHA, N. *A Felicidade Imaginada: a negação do trabalho e do lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio: Rocco, 1997.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas, Papyrus, 1994.

DE GRAZIA, S. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Editorial Tecnos, 1966.

De Vitta, A. Atividade física e bem-estar na velhice. In: Neri AL, Freire S (Org.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papyrus; p. 81-89, 2000.

DEBERT, G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, M. M. *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.49-68.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1999.

DENCKER, A. F. M. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 5. ed. São Paulo: Futura, 2001.

DENNY, E. *Interpretar e agir*. Capivari: Opinião, 2002.

DUARTE, R. L. S. *Idade cronológica: mera questão de referencial no processo de envelhecimento*. UFRGS, Porto Alegre, 1999. v.2, p. 35-47.

DUMAZEDIER, J. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

EMBRATUR -*Decreto 448 de 14 de fevereiro de 1992*.

FADEN,R.; LEPLÈGE, A. Assessing quality of life. Moral implications for clinical practice. *Med Care*. v. 30 , (5. suppl), MS166-75, 1992.

FALLOWFIELD, L. The Quality of Life in the Elderly. In: Fallowfield, L. *The quality of life: the missing measurement in health care*. London: Souvenir Press (E&A) , 1990. p.162-85.

FARIA, A. A.; COSTA, M. A. M. O lúdico como instrumento na formação de uma consciência ideológica para o público infantil. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H.F. (Org.). *Seminário O Lazer em Debate*, 3., 2002. *Coletânea...*, 2002.

FARIAS, R. C. P. *Nos bastidores da moda: um estudo sobre representações de vestuário e de imagem corporal por um grupo de pré-adolescentes*. 2004. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.

FERREIRA, L. M. A.; ORRICO, E.G. D. (Org). *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FERREIRA, N. T.; EIZIRIK, M. F. *Imaginário social e educação: revendo a escola.*: Em Aberto, Brasília, 1994.

FREIRE, C. *Além dos mapas: os monumentos do imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC, Annablume, 1997.

FROMER, B.; VIEIRA, D.D. *Turismo e terceira idade*. São Paulo: Aleph, 2003.

GALLAHUE, D.; OZMUN, J. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. Tradução de Maria Aparecida da Silva Pereira Araújo. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2003.642p.

GARCIA, M.A.A; FRIGERIO, R.M; MIYAMOTO, D.A; MERLIN, S.S. Idosos e cuidadores fragilizados? *O mundo da saúde*. V.29, n.4, p. 645-52, 2005.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLDANI, A. M. Família, relações de gênero e fecundidade no nordeste do Brasil. In: *Fecundidade, anticoncepção e mortalidade infantil: pesquisa sobre saúde familiar no nordeste do Brasil*. BEMFAM, Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil e DHS, Demographic Health Survey; MACRO International Inc. Rio de Janeiro, jun. 1994. p: 57-80.

GOMES, C. L. Verbete lazer: Concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, C. L. *Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)*. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

GRUNEWALD, V. *Considerações sobre ergonomia e terceira idade*. 1997. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1989.

HADDAD, E. G. M. *O Direito à velhice: os aposentados e a Previdência Social*. São Paulo: Cortez, 1993.

ISAYAMA, H. F. Reflexões sobre os conteúdos físico-esportivos e as vivências de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). *Lazer e cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007. Cap. 2, p. 31-46.

ISHIZUKA, M. A. *Avaliação e comparação dos fatores intrínsecos dos riscos de quedas em idosos com diferentes estados funcionais*. 2003. Dissertação.(Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

KOFES, S. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: BRUHNS, Heloisa Turini. *Conversando sobre o corpo*. Campinas, SP: Papirus, 1985.

KOWALSKI, M. *Apostila da disciplina estudos do lazer*. Viçosa, MG: UFV, 2007.

LACERDA, N. *O patrimônio como representação social em Olinda: horizontes para a conservação de cidades históricas*. Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada, 2007.

LEE, Y. The predictive value of self assessed general, physical, and mental health on functional decline and mortality in older adults. *J Epidemiol Community Health*, n. 54, p.123-9. 2000.

LEITE, M. Idade não define a fronteira da velhice. *Folha de São Paulo-Caderno Mais*. São Paulo, 26 de set. 1999, p 2-3.

LENOIR, R. Objet sociologique et problème social. In: CHAMPAGNE, P. al. (Org.). *Initiation à la pratique sociologique*. Paris: Dunod, 1989.

LÉVI-STRAUSS, C. *Olhar, Ouvir, Ler*. Lisboa:Edições Asa,1998.

MAGNANI, J. G. *Festa no pedaço: cultura e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MARCASSA, L. P. Lazer. In: FERNANDO, J. G.; PAULO, E. F. (Org.). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005. v. 1, p. 255-259.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007. Cap. 6, p. 119-134.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MARCELLINO, N. C. Subsídios para uma política de lazer – O papel da administração local. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

MASCARENHAS, F. Tempo de trabalho e tempo livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. *Licere*. Belo Horizonte, v.3, n.1, p.72-89, 2000.

MASCARENHAS, G. Contribuições da geografia para o estudo do lazer. In: MELO, Victor Andrade (Org.). *Lazer: olhares multidisciplinares*. Campinas, SP: Alínea, 2010.

MATHER, A. S. et al. Effects of exercise on depressive symptoms in older adults with poorly responsive depressive disorder. Randomized controlled trial. *British Journal of Psychiatry*, v. 180, s.n., p. 411-415, 2002.

MATSUDO, S.M.; MATSUDO, V.K.R. Efeitos da atividade física na aptidão física e saúde mental durante o processo de envelhecimento. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*. São Caetano do Sul, v.5, n 2, 2000.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPV/EDUSP, 1974.

MAZO, G. Z. *Atividade física e qualidade de vida de mulheres idosas*. 2003. 218 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – Universidade do Porto, Porto, 2003.

McARDLE, W. D. et. al. *Fisiologia do exercício*. energia, nutrição e desempenho humano. 4. ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1998. 696p.

MEDEIROS, E. B. *O lazer no planejamento urbano*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MELO, M. P. Políticas públicas de esporte/lazer em São Gonçalo/RJ: uma análise crítica da atuação da secretaria municipal de esporte e lazer. *Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG*, v. 4, n.1, p. 80-95, 2001.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. *Introdução ao lazer*. São Paulo: Manole, 2003.

MELO, V. A. Contribuições da história para o estudo do lazer. In.: MELO, Victor Andrade (Org.). *Lazer: olhares multidisciplinares*. Campinas, SP: Alínea, 2010.

MENDES, N. M. *Ócio: o que podem nos dizer os romanos?*. In.: MELO, Victor Andrade (Org.). *Lazer: olhares multidisciplinares*. Campinas, SP: Alínea, 2010.

MICHELI, R. S. O desafio das barreiras. *Portal Fórum*, maio de 2007. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/afv2.htm>>. Acesso em: 12 maio 2007.

MIRANDA, M. L. J.; GODELI, M. R. C. S. Música, atividade física e bem-estar psicológico em idosos. *Rev Bras . Cienc. e Mov*, v. 11, n. 4, p. 87-94, 2003.

MORAGAS, Ricardo. *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1997. 283p.

MOREIRA, A. S. P. *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2001.

MOTA, J. Envelhecimento e exercício – atividade física e qualidade de vida na população idosa. In: Barbanti VJ et al. *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde*. 1.ed. São Paulo: Manole; 2002.

NERI, A.L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A.L.; DEBERT, G.G. (Org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999. p. 113-140.

NOGUEIRA, A. *A saúde pelo avesso*. Natal: Seminare, 2003.

OKUMA, S. S. *O Idoso e a atividade física: fundamentos e pesquisa*. SP: Papyrus, 1998. 208p.

ORLANDI, E. P. (Org.) *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, E. P. *Discurso e leitura*. Campinas: Cortez; Editora da Unicamp, 1988.

_____. *Discurso e leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. In: FERREIRA, Nilda Teves; EIZIRIK, Maria Faermann. *Imaginário social e educação: revendo a escola*. Em Aberto, Brasília, 1994. p. 53-59.

_____. *Análise do discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes. 1996.

PACHECO, R.O.; SANTOS, S.S.C. Avaliação global de idosos em unidades de PSF. *Textos sobre Envelhecimento*, .v. 7, n.2, 2004;

PADILHA, V. *Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito*. Campinas, SP: Alínea, 2000. 112 p.

PAILLARD, J.; FLEURY, M.; LAMARRE, Y. Are body schema and body image functionally distinct ? Evidence from deafferented patients. In: ANAIS de Bases neurologiques du codage de l'espace et de l'action. Lyon, France, Ecole Normale Supérieure, 22-24 March 2001.

PAPALÉO NETTO, M.; PONTE JR, R. Envelhecimento: desafio da transição do século. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996. p.3-12.

PASCHOAL, S.M.P. Autonomia e Independência. In: PAPALÉO-NETTO, M. (Ed.) *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu; 1996. p.313-23.

PÁVEL, R. C. *A natação representada no universo dos idosos masters*. 1992. Tese (Livre Docência) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1992.

PERIAGO, M. R. Calidad de vida y longevidad: um nuevo reto para la salud pública em las américas. *Revista Panamericana de Saúde Pública*. v.15, n.5, p.296-6, 2005.

PINTO, L. M. S. M. Lazer: concepções e significados. *Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação/EEF/UFMG*, v. 1, n. 1, p.18-27, 1998.

RAMOS, L.R.; ROSA, T.E.C.; OLIVEIRA, Z.M.; MEDINA, M.C.G.; SANTOS, F.R.G. Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. *Rev Saúde Pública*, n. 27, p.87-94, 1993.

REQUIXA, R. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RODRIGUES, A. B. (Org.). *Turismo rural: práticas e perspectivas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, N.C. *Política Nacional do Idoso: retrospectiva histórica*. Est. Interdiscipl. Envelhec., UFRGS, Porto Alegre, v.3, p.149-158, 2000.

RUSCHMANN, D. *Marketing turístico: um enfoque promocional*. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

RUSSEL, B. *O Pecado. A sociedade humana na ética e na política*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SALZEDAS, L. P.; BRUNS, M. A. de T. *O corpo em transformação: a silenciosa passagem pelo tempo*. In: BRUNS, M. S. de T.; DEL MASSO, M. C. S. (Org.). *Envelhecimento Humano: diferentes perspectivas*. Campinas: Alínea, 1997, p. 13 – 33.

SANDOVAL, S. A. M. Consideração sobre aspectos micro-sociais na análise dos movimentos sociais. *Psicologia e Sociedade*, v. 4, n.7, p. 61-73, 1989.

SANGLARD, R.C.F.; HENRIQUES, G.R.P.; RIBEIRO, A.S.B.; CORRÊA, A.L.; PEREIRA, J.S. Alterações dos parâmetros da marcha em função das queixas de instabilidade postural e quedas em idosos. *Fitness & Performance Journal*, n. 3 p. 149-56, 2004.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, J. L. dos. *O que é cultura*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
Sartre, J. P. *L'imaginaire*. Paris. Gallimard, 1971.

SCALZO, P. L. et al. Efeito de um treinamento de equilíbrio em um grupo de mulheres idosas da comunidade: estudo piloto de uma abordagem específica, não sistematizada e breve. *Acta Fisiátrica*, v. 14, n. 1, p. 17-24, 2007.

SHEPPARD, R.J. *Envelhecimento, atividade física e saúde*. São Paulo: Phorte Editora; 2003.

SILVA, F.S.S. *Turismo e psicologia no envelhecer*. São Paulo: Roca, 2005.

SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. 3. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998. 131p.

SINÉCIO, N. B. O. *Universidade da melhor idade: uma proposta salesiana para idosos*. Campo Grande. UCDB. 1999.165p.

SOUZA, H.M.R.; SOUZA, R.R. Terceira idade e turismo. In: TRIGO, L.G.G. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005.

STEIL, C. A. O turismo como objeto de estudos no campo das ciências sociais. In: RIEDL, M.; ALMEIDA, J. A.; VIANA, A. L. B. (Orgs.). *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul-RS: EDUNISC, 2002.

STOPPA, E. A. Associativismo, sociabilidade e lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e cultura*. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 119-134.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: _____. *Costumes em comum*. Trad. R. Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 267-304.

VIANA, M. R. F. *Lazer e Terceira Idade: um lugar onde ninguém é velho*. Monografia apresentada no III Curso de Especialização em Lazer. Escola de Educação Física/UFMG, 1999.

WARBURTON, D.E.R; NICOL, C.W.; BREDIN, S.S.D. Health Benefits of Physical Activity: The Evidence. *Canadian Medical Association Journal*, Ottawa, v.176, n. 6, p. 801-809, 2006.

WERNECK, C.L.G. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/CELAR- DEF/UFMG, 2000.

WERNECK, C.L.G.; ISAYAMA, H.F. (Org.). Seminário "O Lazer em Debate", 3., 2002, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2002.

XAVIER, F.; FERRAZ, M.P.T.; BISOL, L.W.; FERNANDES, D.D.; SCHWANKE, C.; MORINGUCHI, E.H. Octagenários de Veranópolis: as condições psicológicas, sociais e de saúde geral de um grupo representativo de idosos com mais de 80 anos residentes na comunidade. *Rev AMRIGS*, n. 44, p. 25-9, 2000.